

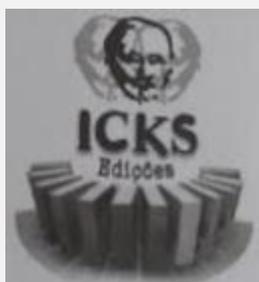
# **Amor Casamento & Família**

**Jaci Régis**

**Editora ICKS**

**Série Abrindo a Mente**

**Editora ICKS**



Transcrito e atualizado a partir da 13ª Edição – LICESPE

Amor Casamento & Família

Direitos cedidos pelo autor para a Livraria Cultural Espírita Editora – LICESPE. Sendo sucessora o Instituto Cultural Kardecista de Santos.

Rua Evaristo da Veiga 211/213 – Santos -SP CEP 11075-661.

Edição online em pdf - Santos, julho de 2023

À minha esposa, Palmyra e aos meus filhos, Valéria, Rosana, Cláudia, Gisela, Fernando Augusto e Marcelo, dedico este livro, desejando que nossa viagem, no frágil barco da família, nos ajude a encontrar o amor que nos unirá para sempre.

## Sumário

<i>Apresentação da edição online – série Abrindo a Mente</i> .....	5
<b>Prefácio do autor</b> .....	6
1 - A família na sociedade em mudança .....	8
2 - Da caverna à Idade Moderna .....	15
3 - A base religiosa na formação da família .....	21
4 - Fundamentos afetivos na formação familiar .....	27
5 - Paternidade e maternidade conscientes .....	35
6 - Instrumentos de reavaliação do convívio familiar .....	45
7 - O sexo no lar .....	54
8 - Problemas do casamento .....	63
9 - Analisando o divórcio .....	72
10 - Olhando o futuro .....	80
11 - Créditos – Amor, Casamento & Família, 25 anos depois ....	91
12 - Sobre o ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos .....	93

## **Apresentação da edição online da série literária - *Abrindo a Mente***

Esperamos passar mais de 10 anos da desencarnação de Jaci Régis, meu sogro, amigo e um grande líder de um grupo chamado de *Espíritas de Santos*. Livre Pensador, renomado escritor espírita para poder proporcionar ao público atual mais esta obra.

Poder olhá-lo com a necessária distância e enxergar com ainda mais clareza a importância de sua obra literária. Isto nos impulsionou a editar nesta série uma segunda obra dele – *Amor, Casamento & Família* – já esgotada, depois de vender mais de 43.000 exemplares.

Trazemos aqui um Jaci Régis em transição, o livro tem uma mescla de conservacionismo, com ideias inovadoras e abordagens até então inexistentes no movimento Espírita. Jaci, ao escrever este livro em 1977, não havia percorrido o caminho da psicologia, que viria a se formar em 1983. No entanto o livro enfrenta os problemas do casamento em quase todas as facetas e os contrapõe com a opção da abrangência do amor, que para o autor este sim, ao final, é o melhor remédio para os problemas abordados.

Jaci escreveria em 1999 um novo livro, com uma pegada mais centrada na psicologia, escrita por um autor espírita importante como ele, denominado – *A delicada questão do sexo e do amor* – ainda disponível na forma impressa na livraria do ICKS.

Acrescentamos um capítulo adicional, ao fim do livro denominado – *Créditos Amor, Casamento & Família*, 25 anos depois- onde trazemos uma matéria produzida pelo jornal Abertura do ICKS em novembro de 2002, quando este livro completava 25 anos de seu lançamento. Jaci, um espírito progressivo, como deveriam ser todos os espíritos, demonstra que naqueles 25 anos, o mundo mudou e ele também. Fiquem com Jaci Régis.

*Alexandre Cardia Machado*

Presidente do Instituto Cultural Kardecista de Santos.

Julho de 2023

# Prefácio

A problemática do relacionamento familiar, por especificar a necessidade de comunicação entre as criaturas, tornou-se um dos assuntos mais debatidos na atualidade, embora a abordagem baseada em conceitos materialistas ou religiosos-convencionais, não tenha contribuído para aliviar a carga da ansiedade e insegurança que flagela a maioria dos espíritos.

Enquanto a urbanização da sociedade desmontou o antigo modelo familiar, a desmistificação do sexo e a libertação feminina compelem os indivíduos a buscar novas formas de amor, que fundamente o relacionamento familiar em horizontes mais amplos e compensadores. A figura paterna entrou em revisão e o casamento é questionado, quanto à validade, durabilidade e conveniência. A vida familiar sofre duros choques, aumentando a ansiedade e a dúvida, diante das responsabilidades que pais, mães e filhos assumem, num mundo conflitivo, angustiando e pressionado pelos fatos, trazidos à intimidade doméstica pelos veículos de comunicação de massa.

Realizamos este trabalho, tentando ordenar uma série de pensamentos, abordando algumas questões do amor, do casamento e da família, exprimindo conceitos pessoais, que refletem nosso entendimento da vida, à luz do espiritismo. A experiência do próprio núcleo familiar e o convívio com os problemas que afligem as criaturas humanas, exprimindo deferentes conceitos que elegeram para comandar seus destinos, nos permitiram compreender que são inócuos os modelos rígidos, as ordenações autoritárias ou simplesmente o apelo místico para ajudar o homem a encontrar respostas às suas perguntas. É preciso argumentar, estudar e enfrentar os problemas, sem as simplificações ou racionalizações que representam, antes de tudo, uma fuga à análise madura de todos os fatores que constituem o elenco das realidades humanas, somatória e expressão do processo da vida, que exercitamos há milênios.

Estamos convictos de que o espiritismo pode oferecer valiosos subsídios à compreensão desses fatores. Contudo, é imperioso nos afastemos das afirmações esquematizadas, e nos aliemos a quantos se entregam a um trabalho metucioso e honesto, no entendimento do processo de crescimento das criaturas humanas, ofertando-lhes os instrumentos de análise da vida, como a imortalidade, a reencarnação e a visão evolucionista que sustentam as linhas mestras do pensamento espírita.

Se soubermos utilizar esses instrumentos, livrando-nos dos preconceitos e ideias cristalizadas, que conduzem a julgamentos e condenações, abriremos uma janela para o homem comum, angustiado e aflito, emparedado no quarto escuro das concepções

materialistas e espiritualista-convencional da vida. Isso porque o espiritismo nos dá instrumentos para encararmos a realidade sem fantasiá-la, aceitando-nos e aceitando os companheiros de jornada evolutiva, abrindo-nos, porém, as asas do sonho e da esperança, na visão concreta do amanhã, que parte do hoje, em ciclagem infinita, mostrando os mecanismos da Justiça, da Misericórdia, do Amor e da Sabedoria que governam a vida, em qualquer dimensão do Universo.

Agradecemos aos amigos, Antonieta Guimarães, Rafael e Carminha Ventura Régis, Myrian e José Rodrigues, que leram os originais e cujas sugestões nos ajudaram a concluir este livro.

Jaci Régis

# 1

## **A família na sociedade em mudança**

“ Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

- Uma recrudescência do egoísmo”.

**(O Livro dos Espíritos, questão 775)**

A existência terrena, frágil, imprevisível, curta, sofredora, inquietante, mas inevitavelmente cheia de angústia, é fato inerente ao processo evolutivo, a multiplicar-se em segmentos reencarnatórios.

A cada vida terrena, abrem-se novas opções para o espírito. E é no seio da família que ele retorna à experiência física. É no insubstituível regaço materno, no clima do lar, que encontra ou procura segurança para, novamente, reiniciar o aprendizado. No desdobramento de sua vida familiar, choca-se, aprende, ama, sofre, caminha. Ali começa sua tragédia, sua paixão, seu amor, sua experiência, sustentada pelo afeto ou dilacerada pelo conflito.

O reduto doméstico navega como frágil barco, num mar de profundas vagas, conduzindo o potencial das necessidades emotivas do espírito. A família, reunindo em suas limitadas dimensões afetivo-espaciais, cargas emocionais não raro explosivas, que ultrapassam as barreiras do tempo, sofre os abalos de um momento histórico cruciante, em que se decidirá o futuro da sociedade humana.

Impossível que ficasse à margem dessa ciclópica aventura. Porque é causa e efeito das transformações sociais. Se dentro dela muitas vezes o ser chora a amarga tragédia da incompreensão e da solidão afetiva, fora, perambula sem morada, insatisfeito e aflito, irrealizado e só.

Neste final de século, questiona-se a sobrevivência e a validade da família. Submete-se a instituição multissecular a uma sabatina. Pergunta-se se continua útil, se resistirá à velocidade das mudanças, se é fonte de todos os males ou retaguarda de todo o bem.

O núcleo familiar já foi um círculo fechado, autônomo, economicamente preso à terra e às atividades manuais, com a compulsória colaboração de todos seus membros ativos. Foi escola, igreja, hospital. Em torno dela criaram-se mitos como o nome e a tradição familiar, os brasões, as genealogias e títulos. Sua honra foi, repetidas vezes, lavada com sangue, gerando tragédias.

A urbanização da sociedade, a industrialização da economia, a estrutura do Estado moderno, as transformações decorrentes das guerras e reivindicações de grupos raciais e religiosos, forçaram a quebra da antiga estrutura doméstica.

Em outras palavra, a família foi **esvaziada** de muitas de suas funções. Entrou em crise, para adaptar-se a um processo de mudança.

Nas últimas décadas, principalmente depois da II Guerra Mundial, no século passado, aceleraram-se as modificações, trazendo profunda perturbação ao relacionamento familiar, antes feito sob rígida convenção social.

Diz-se, com certa razão, que as sociedades se tornaram permissivas, isto é, cada vez mais toleram ou são levadas a tolerar atitudes que anteriormente sequer seria lícito imaginar.

Embora tenha-se tornado rotina uma apreciação negativa do momento histórico em que vivemos, não podemos deixar de apontar os pontos fundamentais dessa transição social, uma espécie de grande cartada jogada pelo homem, na construção de seu destino.

O homem é medido pelo seu valor econômico.

O materialismo atinge a culminância.

As religiões faliram.

Essa incômoda realidade exacerba o egoísmo, sepulta os valores fundamentais do espírito no tumulto das disputas e da aflição. Acumulam-se a ansiedade e o medo, desencadeando processo de desagregação social, devido ao vácuo moral por falta de diretrizes religiosas.

Como compreender essa avalanche de problemas, que geram intranquilidade e angústia, conduzem ao escarnio e ao desfribilamento pessoal? A que nos levará essa torrente de mutações?

Não será exagero dizer-se que apesar da perplexidade das mudanças, ou quem sabe, por isso mesmo, o homem do Século XX começa a se descobrir, na sua qualidade de pessoa, acima das discriminações, das condições sociais, raciais e econômicas.

Estamos revisando os valores em que se fundam os alicerces sociais. Essa revisão, contudo, não se faz de forma consciente, metódica, didática. Mas convulsionada, caoticamente. Rompe, abruptamente, o antigo equilíbrio, jogando por terra tradições, preconceitos, sem, por ora, divisar uma resposta adequada para todos os problemas.

Dissemos bem que o homem começa a se descobrir. Emerge de concepções alienantes, que o situavam em posição de desvantagem na estrutura da vida e ainda sem saber o que quer e como quer, aspira liberdade.

Entretanto, o caminho não está isento de perigos e desvios. Ao contrário. Desacelerada a participação das ideias religiosas, avolumam-se os apelos à libertinagem moral, à frouxidão dos costumes. No fluxo das melhores aspirações, misturam-se imagens, ideias e atitudes perturbadoras.

Enfrenta o espírito humano sua grande decisão. Dizem alguns historiadores que, confundidos e inseguros diante da destruição do Império Romano, os homens da Idade Medieval refugiaram-se nos feudos e dormiram mil anos, embalados pela superstição e pelo medo. A renascença, foi um esforço penoso para recriar a cultura, recompor o conhecimento e descobrir a ciência, sepultada nas cinzas da intolerância e do obscurantismo.

Agora, quando não se trata da queda e da desagregação política de um império, mas da reestruturação global do comportamento humano, gerando insegurança, medo e intranquilidade, esperamos que ao invés de dormir mais mil anos na solidão dos feudos do egoísmo tecnológico, o homem do Século XX descubra sua natureza e inicie a **era do espírito**.

Quando o Império Romano desmoronou-se, o homem dispunha da mensagem do Cristo. Destorcendo seu apelo libertador, empenhou-se num processo de alienação da vida, contemplando o além.

Agora o espiritismo traz o além à realidade da vida, para que a existência humana se recomponha em bases de imortalidade e esperança.

Se é verdade que toda essa movimentação que marca nosso tempo levará o homem a descobrir-se, é também correto afirmar-se que ele se encontra envenenado pelo vírus do materialismo, tanto quanto o homem da Idade Medieval estava inoculado pela superstição religioso.

O materialismo, pregando a liberação dos instintos, em nome da liberdade, introduz a anarquia emotiva, levando milhões aos precipícios da loucura, porque esvazia o ser, retira-lhe a perspectiva espiritual que faz parte de sua estrutura psicológica. Criam-se os conflitos e exacerbam-se as paixões.

Mas, embora o tom de naturalidade com que pretende violentar a si mesma, a maioria perturba-se e deprime-se, penetrando o penoso caminho da insatisfação, porque o espírito tem a medida de sua dignidade, e quando se precipita na zona da irresponsabilidade e da perversão, a vergonha e a culpa se instalam em seu coração, desequilibrando-lhe a vida.

Por seu lado, os cristãos, representados pelas igrejas, encontram-se preocupados com seus dogmas e normas de comportamento. Pelo menos parece que a maioria dos sacerdotes não encontra motivações para insistir sobre regras rígidas, convencidos da inocuidade das condenações.

Defendem, é verdade, a natureza espiritual do indivíduo. Mas permanecem ligados à concepção de uma vida futura estática e finalista.

Não desmentem a existência de Deus, mas sentem dificuldades, cada vez maiores, para compatibilizar sua presença no mecanismo da vida, diante do esvaziamento das igrejas e do ideal religioso.

Procuram melhorar o diálogo entre os componentes da família, na tentativa de preservar-lhes os valores, contudo, enfrentam grande embaraço para explicar ou justificar os conflitos mais profundos que determinam a desagregação do lar.

Estimulam o casamento, em bases sadias, abandonando, de há muito, as imposições, mas não progridem no sentido de dar estabilidade à união matrimonial, porque embora os cursos e seminários sobre o casamento, continuam fixados nos mesmos conceitos que não conseguiram, no decorrer dos séculos de cristianismo, satisfazer as criaturas. Por isso, que a Igreja Católica persiste em defender, avolumam-se os divórcios e as separações.

A angústia desta hora é a suprema opção do indivíduo, diante da própria liberdade. O homem precisa aprender a ser livre. Muitos desconhecem que o livre arbítrio é instrumento precioso, capaz de abrir ao espírito dimensões insondáveis para seu crescimento. Contudo, traz como consequência inevitável a responsabilidade.

A leviandade julga que só existe uma face da moeda. Age inconsequentemente, desgasta as energias, dilapida o patrimônio do tempo. Quando a vida reage, com respostas contundentes, em vão levanta as mãos para os céus pedindo justiça: esta se manifesta na aplicação da Lei e não, como sonham, no acatamento de suas petições e protestos.

Por isso, se alguém, apavorado com o vórtice das mudanças, com a audácia dos levianos e maus, com a desagregação dos postulados sociais, pergunta: **Até quando a vida será essa agitação conflitante, esse redemoinho de paixões?** A resposta é simples: a vida responde, apenas.

Ações, atos, desejos, projetam respostas no tempo e no espaço em **inevitável** ciclo de reação. Por isso, pode-se dizer que as respostas serão agressivas, duras, sofridas, enquanto as atitudes permanecerem no nível das paixões.

### III

Houve tempo em que as condições do ambiente social não desencadeavam influência dispersiva e inquietante, como hoje se verifica. Então, a formação doméstica, o domínio da disciplina familiar, exerciam pressão capaz de frear a expansão das ideias, contrárias aos princípios estabelecidos.

Agora, psicólogos, sociólogos, filósofos, jornalistas, formulam teorias sobre o comportamento humano ou veiculam procedimentos de pessoas desequilibradas ou não, de sensibilidade doentia ou inovadoras. Audaciosos introduzem vestuários exóticos, apresentam-se de maneira libertina. Os vícios são consagrados pela propaganda que estimula as paixões. O sexo, de tabu, exorbita o limite do razoável, explorado em seu aspecto erótico, através de imagens literárias e vivas, estas por meio do cinema, da televisão e fotos de jornais e revistas.

Essa massa de informações e apelos produz pelo menos, confusão. Como a maioria dos espíritos encarnados neste mundo, ainda não superou a fase de indecisão diante do destino e encontra-se presa às emoções primárias, tais solicitações encontram eco e enfraquecem o ambiente doméstico.

Somem-se a isso, as exigências da sociedade de consumo em que vivemos, exaurindo o indivíduo que precisa lutar por ocupar seu lugar, afirmar-se pessoalmente, através de colocação profissional, bons salários e rendas para consumir, pagar os alimentos, o necessário e o supérfluo. De resto, sobram as preocupações com o lazer, com a educação.

Para situar-se nesse quadro, o indivíduo precisa desdobrar todas as energias mentais. Talvez essa multiplicação de ansiedades explique por que clínicas psicológicas e psiquiátricas constituem hoje um bom investimento. Cientistas e profissionais substituem o sacerdote nas confissões, recomendações e medidas corretivas para pessoas imaturas e esmagadas pela velocidade e pelo peso das mudanças. Só que os sacerdotes escandalizavam-se com o **pecado**. Os profissionais acham tudo natural e alguns, também bastante desequilibrados incentivam os desvios e as deformações de caráter, a pretexto de libertar da repressão psicológica ou exageram na aplicação de entorpecentes e calmantes.

Em suma, o homem moderno, cada vez mais poderoso em armamentos destruidores, mais senhor da tecnologia e da ciência, enfrenta um desafio decisivo. Não haverá, porém saída nem solução, se não for aberto acesso a uma nova compreensão da vida, uma abertura espiritual para a problemática existencial.

Essa a contribuição do espiritismo.

O espiritismo revela a natureza espiritual da criatura humana. Essa revelação, baseada na pesquisa científica é, ao mesmo tempo, **niveladora** e amplificadora da vida. **Nivela** homens e mulheres, ao estabelecer uma natureza comum, basicamente idêntica para todos, na qualidade de espíritos, sem sexo formal. Amplia os horizontes da vida, que passa a ser efetivamente imortal, porque a imortalidade não é um tempo depois da morte, mas uma continuidade existencial, completa, rica, dinâmica, a projetar-se no processo reencarnacionista, pela lei da evolução.

As provas científicas da existência e imortalidade do espírito são abundantes. William Crookes conseguiu-as nas materializações de Kate King. O fenômeno é tão real e importante que Charles Richet criou a Metapsíquica e, modernamente a Parapsicologia tenta, como a ciência fundada pelo sábio francês, encontrar outra explicação que não a espírita para os fenômenos mediúnicos. Em vão.

O espírito existe e está provado. A questão de atender às exigências e vencer os preconceitos científicos depende de tempo e oportunidade e virá quando conveniente, porque a verdade se impõe.

Essa verdade, quando universalmente aceita, estimulará profundas modificações no caráter e nas relações humanas.

Quanto à negação de Deus, a questão nos parece mais de semântica do que concreta. Nega-se um Deus antropomórfico, o Deus-Jeová que as igrejas trouxeram do judaísmo. Claro que os materialistas puros, irracionalmente, atribuem a formidável obra universal ao acaso, mas isso é tão absurdo que deveria corar os que o afirmam. Contudo, o Deus que o espiritismo revela está bastante distante do Deus-parcial, impotente e incompetente que ensinaram através dos tempos, com sentimento de vingança e privilégios. Que castiga e premia. Que condena e perdoa.

O Deus que a doutrina espírita revela, é Pai, porque impregnou o universo de Amor. É justo porque estabeleceu um roteiro de progresso para todos, a partir da simplicidade e da ignorância, oferecendo oportunidades de ascensão, sem discriminações ou favores, mas baseadas no desenvolvimento do potencial intrínseco de cada um. Em outras palavras, criou um ser perfectível e lhe ofereceu os instrumentos necessários e suficientes para se tornar perfeito: a vida e o tempo, um e outro infindáveis.

Colocando o homem na posição de espírito em progressão, compreendendo seus estágios evolutivos e esclarecendo que a evolução se faz pela acumulação de experiências vividas em segmentos reencarnatórios, o espiritismo dá um arranjo geral na posição das pessoas e dos fatos. Além disso, diz também que os atos estão subordinados à lei de causa e efeito ou ação e reação e que o envolvimento emocional produz uma **afinidade** ou atração psíquico-magnética irresistível, de modo que os protagonistas de dramas e ações passionais, emotivas, afetivas, se ligam, se buscam, se encontram, atraídos pelo amor ou ódio, necessitados de compensação vibratória ou de reajustamento mental.

Essa explicação, ainda que bem simplificada lança uma luz sobre a causa mais profunda dos comportamentos e desajustes humanos, a partir do núcleo familiar, espraiando-se pelo cosmo mental do indivíduo.

Assim, a contribuição do espiritismo será a ampla reformulação das bases em que se assenta o pensamento humano, dando-lhe novas perspectivas e ajudando o equacionamento dos problemas da relacionamento entre as pessoas.

Os princípios básicos do espiritismo, quando tomados isoladamente, pertencem ao acervo das experiências humanas, através do tempo. Imortalidade da alma, reencarnação, comunicação dos espíritos, a mensagem evangélica, têm sido tomadas e explicadas por inúmeras correntes do pensamento espiritualista da antiguidade e do presente.

Contudo, quando globalmente considerados, formam uma nova e extraordinária visão da vida, abrindo perspectivas revolucionárias para compreensão do ser, do destino e da dor, apresentados em admirável síntese. E, melhor ainda, embora rigorosamente científicos, profundamente filosóficos, não criam sofisticações, não se dirigem a um grupo iniciático. Oferecem o resultado da reformulação global do entendimento, em posições claras, ao alcance de todos, num renovado sentimento religioso, capaz de fazer cada um encontrar a si mesmo.

De posse desses instrumentos de análise, renovam-se as esperanças.

Reabilita-se o homem diante de si mesmo.

Encontra a grandeza de que é potencialmente portador.

Aprende a desenvolver essa potencialidade, através do relacionamento produtivo com seus semelhantes.

Desenvolve o senso crítico, compreende o passado, assume o presente e aspira o futuro na dinâmica da evolução.

Abre novo entendimento dos mecanismos do universo e situa, sem fantasias, a posição do Criador, descobrindo Lhe a Justiça, a Misericórdia e o Amor.

Enfim, revivesce a mensagem de Jesus, cuja essência é exatamente o necessário e fundamental para o desencadeamento da integração do espírito com Deus, no tempo e no espaço.

O espiritismo, finalmente, oferece ao homem a religião<sup>1</sup> no seu sentido mais nobre, baseada na fé raciocinada, discutida logicamente e vivida conscientemente. Uma liberação para o espírito.

---

<sup>1</sup> Jaci Régis em seu livro – ***Uma Nova Visão do Homem e do Mundo*** explica muito bem esta ideia – “ O espiritismo propõe uma reavaliação na adoração a Deus, para que a religiosidade autêntica seja a reconciliação do homem consigo mesmo e com os seus semelhantes, com o abandono de divisões entre o divino e o profano, reafirmando a presença de Deus”.

## Da caverna à Idade Moderna

*“Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais: eis porque eles constituem uma lei natural”*

**( O Livro dos Espíritos, questão 774)**

Segundo as lendas que acalentaram as antigas concepções humanas, tudo começou quando Adão, o solitário habitante do paraíso, sentiu necessidade de companhia. E o Criador, atendendo-lhe os rogos, enviou-lhe EVA. A simbologia bíblica diz, jocosamente, que a mulher está tão ligada ao homem que é o desenvolvimento de sua costela e que o homem está tão necessitado da mulher que se desenvolveu nela através da costela.

Menos poeticamente, em linguagem objetiva, diz-se que a união do homem e da mulher decorreu da necessidade de atender aos problemas básicos da sexualidade, da procriação, do suporte econômico, da identificação pessoal e cultural.

A verdade é que, desde os incipientes acasalamentos dos primatas, jungidos uns aos outros, sob a atração instintiva do sexo, a família tem sido o ponto fundamental na coordenação do destino do indivíduo e da sociedade. Tem resistido ao tempo, às mudanças, à sucessão de eras e civilizações. É a mais antiga e estável instituição da História.

Entretanto ela mesma tem mudado muito.

Curioso assinalar como se caracterizou, desde logo, a posição do homem e da mulher na formação da família. A divisão do trabalho determinou posições específicas para um, estabelecendo a dependência da mulher em relação ao homem, devido, certamente, aos fatores da força física e do relacionamento sexual.

Essa dependência, contudo, não teria, necessariamente, um sentido pejorativo porque tanto um quanto outro contribua para a sobrevivência. O fato de ter sido reservado ao homem as tarefas mais rudes da caça e da guerra, contribuiu para que a mulher desenvolvesse um tipo específico, a partir da maternidade, com o cultivo dos valores emocionais, direcionados para os filhos.

Refletindo as reminiscências do estágio no reino animal, o primata tomava posse da fêmea, exibindo força. Mas podemos identificar na explosão das paixões, que então se iniciava, o primeiro sinal da busca do amor e as ligações profundas que começaram a estabelecer o relacionamento entre os espíritos, a desdobrar-se nos dramas passionais e nos conflitos que marcaram, desde então, a vida humana.

Naquele período, a noção de posse dos filhos não era obcecante. Embora a infância humana tenha se caracterizado pela extrema dependência dos pais e sua fragilidade exigisse cuidados especiais, somente com o tempo o sentimento de clã e de particularismo familiar se desenvolveu.

Da mesma forma, a relação homem-mulher, espontânea e natural, entre os grupos iniciais, tornou-se uma forma de estratificação social, com a marginalização da mulher do centro das decisões, confinada a processo educativo tendente a incliná-la para as atividades rotineiras e bitolantes e, finalmente, constituir-se, como regra geral, em objeto sexual do homem.

## II

Deixando a vida comunitária das tribos primitivas, o homem criou o instituto da propriedade particular, dando início à mensuração econômica que ainda hoje determina o relacionamento do homem.

Estabelecido o primado econômico, que reflete as aspirações de posse, poder e arbítrio pessoal, cada qual ocupou um espaço que reservou como seu. Por ele lutou e guerreou. Começaram as disputas e a usurpação.

Essa nova forma de comportamento deu estrutura mais concentrada para a família e gerou a necessidade de aumentar seus membros a fim de consolidar as conquistas, expandir a produção e desenvolver os meios de subsistência.

Assim, a família inicial, formada a partir de ascendentes instintivos e sobrevivência física, passou por transformações para atender às necessidades sociais, políticas e econômicas, conforme a sociedade se tornou complexa.

## III

Com Jesus começou a valorização da mulher e uma nova concepção no relacionamento entre as pessoas. Chega-se a apontar como muito significativo o fato de ter iniciado sua tarefa nas Bodas de Canã, dando cobertura ao núcleo familiar.

Entretanto, se devemos ao cristianismo, que se encarregou de difundir a mensagem de Jesus, a reafirmação dos laços de família, cabe-lhe também a culpa de deformar-lhe a estrutura.

A implantação do cristianismo, no Ocidente, deu-se durante a Idade Média, assim chamado o período de dez séculos, contados de 395<sup>2</sup> até a queda de Constantinopla, em 1453.

Nesse longo período da história humana, disseminou-se uma falsa concepção da existência terrena, entendida como um capítulo desprezível e difundiu-se a ideia da felicidade além tumulo, na conquista do céu. Uma nuvem obscurantista abateu-se sobre a civilização ocidental, ilhada nos feudos e aceitando, como verdade, absurdas credences e teorias insustentáveis.

Então, embora valorizando a família ao extremo, impuseram-se aviltantes condições e aceitaram-se profundas discriminações pessoais e sociais. De um modo geral e simplificado, atribuía-se ao chefe do Clã, uma autoridade inquestionável. Impunham-se sufocantes limitações ao indivíduo.

---

<sup>2</sup> **Nota do revisor** – 395 foi o ano da divisão do Império Romano em Ocidente e Oriente, o do Ocidente com capital em Ravena, pois Roma havia caído em posse dos Visigodos e o do Oriente em Constantinopla, hoje Istambul.

A união conjugal não representava propriamente uma escolha emotiva, mas uma decorrência social. Não havia obrigação sequer de uma simpatia cultivada, na formação das famílias. Exigia-se, sobretudo, rígida noção de dever, conforme o figurino social adotado.

A mulher deveria submeter-se à autoridade do marido, manter relações sexuais quase impessoais com ele, gerar filhos e educá-los ou pelo menos dar-lhes cobertura afetiva.

Por sua vez, apesar da arrogância, o homem não era livre porque também tinha que submeter-se às injunções econômicas e tradicionais de seu grupo familiar.

Não exageraremos em dizer que esse modelo de família dispensava o diálogo. As coisas seguiam um certo ritmo. Conforme a classe social, os filhos seguiriam invariavelmente um caminho profissional que correspondesse à ocupação do grupo familiar ou seriam preparados para as artes da guerra, da política ou para o sacerdócio.

Lamentável que esse tipo de família tivesse lugar sob o cristianismo ou mais precisamente sob a orientação da Igreja. Desprezava-se a liberdade de escolha, aliás, tornava-se impossível exercê-la dado os condicionamentos impostos. Esse modelo postiço, de fachada, infelicitou milhões de espíritos, vitimados pela prepotência, enredados em dramas passionais, que ainda hoje repercutem no desdobramento existencial e reencarnatório.

Tal estado de coisas deu oportunidade a que grande parte se entregasse a uma vida paralela, fora do lar, porque neste imperava, via de regra, o comportamento formal, frio, decorrente de deveres. Entretanto, a reciclagem reencarnatória, com a rotação dos personagens para posições opostas, nas múltiplas vidas, ensejou curiosas ocorrências, que de resto fizeram história. Porque a atração do amor, as ligações afetivas mais profundas, pertencendo ao acervo emotivo do espírito, sobrepõem-se aos obstáculos e discriminações.

Movidos por essa atração ou pela paixão, em toda a parte, homens e mulheres furaram o bloqueio das convenções, buscando a união espontânea. É verdade que isso, em muitos casos, criou outros tantos problemas, porque certas separações entre espíritos simpáticos obedecem à necessidade de ajustamento e renovação do caminho. De qualquer forma, apesar de tudo, forneceram elementos para que se mudassem, com o tempo, as rígidas disposições que permitiam ao chefe de uma família decidir, sem prévia consulta, o casamento de uma filha ou de um filho.

Um casamento e, por consequência, uma família estabelecida nessas bases, não fornecia, como é evidente, alimento espiritual aos cônjuges. É forçoso reconhecer, contudo, que mesmo nessas condições foram criados laços imperecíveis, agrupando, para sempre, espíritos amantes, formando famílias espirituais, que evoluíram em conjunto, ajudando-se mutuamente, na criação do amor. Se muitos, talvez a maioria, se comportaram de forma repreensível, dentro dos compromissos familiares, se ali se forjaram dramas e paixões que infelicitaram seus corações, projetando trevas para o destino, outros souberam acender luzes e solidificar amizades imorredouras.

## IV

No longo tempo que decorreu entre a caverna e a Idade Moderna, o princípio espiritual que ascendeu à razão, atingindo o nível hominal, aprendeu muito. Dava a família, ao casamento, o treinamento intensivo para ordenar as forças emotivas. Foi no esforço para orientar e sustentar a prole, foi na alegria de ver materializado no filho, o potencial criativo que lhe é inerente, que o espírito alcançou a dignidade da maternidade e da paternidade.

Abraçando os filhos, chorando e sofrendo com eles, valorizou o tempo, desejou o progresso e mudou a face da Terra. Homens e mulheres, na realidade espíritos imortais vestindo a roupagem diferenciada do sexo, estudaram na escola da vida as primeiras letras do amor.

Se nos defrontarmos ainda hoje com os problemas de relacionamento que perturbam as pessoas, se continuam os desajustes emotivos que marcam os casamentos e identificam a família, é porque a maioria se mostra desatenta e imatura no manejo da sensibilidade, na escolha e no dispêndio das energias afetivas.

A paixão, a posse, o poder representam ainda hoje, em escalas estilizadas e em manifestações aclimatadas às circunstâncias, a mesma angústia existencial, a mesma imaturidade emotiva a trair a esperança do amor, por ora revestido do egoísmo e desejo sexual, que assinalaram a trajetória e a projeção do potencial criativo do espírito no transcurso das eras.

Os conflitos que se acumulam na atualidade, aturdindo a mente e lançando a dúvida, representam a somatória dos problemas não absorvidos, das questões não solucionadas no caminho do espírito, nas múltiplas reencarnações.

As tensões da vida moderna, entrecortada de tragédias e exigências, a velocidade das mudanças, traz uma sombra sobre a instituição do lar. As questões se abrem, sem encontrar, para a maioria, as soluções suficientes e adequadas para satisfazer o coração e tranquilizar a mente.

## V

Figuremos o primata olhando atônito e inseguro a vastidão das planícies e o esplendor das noites estreladas. Nas limitações de sua mente em desenvolvimento, sentiu a angústia da solidão, a necessidade de trocar o impulso que o impelia à melancolia e ao sofrimento.

Buscou a companhia de uma mulher. No aconchego da intimidade, sentiu, mais do que compreendeu, que entre tantas, uma lhe correspondia melhor às necessidades. Olhou no seu olhar e viu um brilho diferente, agarrou-a pelos cabelos e levou-a para morar com ele na caverna escura. Por sua vez, aquele gesto agressivo, bruto, primário, trouxe ao coração dela, mais sensível desde o início, uma sensação diferente e ao entregar-se aos carinhos displicentes e autoritários dele, percebeu um calor e uma sensação gostoso de bem-estar e prazer.

Desde então, na romagem infinita, que compreendeu as longas jornadas pelas estradas empoeiradas de todas as eras, a travessia dos mares e a construção do mundo moderno, continuam a procurar-se, a sentir estranha compensação ao estarem juntos.

É que desde aquele primeiro instante se amaram. Entretanto o amor precisa crescer, aperfeiçoar-se, engrandecer-se. Muitas vezes, perderam-se em experiências emotivas, compromissando o futuro. Mas o amor não morre: universaliza-se, expande-se, torna-se nos caminhos da vida, aspirando à união permanente.

Essa, a gênese do casamento. A semente da família. O caminho do amor.

# 3

## A base religiosa na formação da família<sup>3</sup>

*“Aquele que se vangloria de adorar o Cristo, mas é duro e implacável com os outros ou ambicioso de bens mundanos, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios e não no coração”*

**(O Livro dos Espíritos, questão 654)**

---

<sup>3</sup> Nota do autor - Novo texto a partir da 6ª edição.

A base da sociedade, da família, em todos os tempos repousou sobre a ideia religiosa<sup>4</sup>. Da taba aos nossos dias, a ligação do indivíduo, as raízes da moral e da legislação, refletiam o entendimento da participação divina nos destinos de cada um.

Esse fator foi positivo até o ponto em que estabelecia metas e objetivos compatíveis com o entendimento possível, em cada época. A começar pelo direito divino dos monarcas, pela autoridade sacerdotal, e finalmente pela formação divina da família. Ao rei, atribuíam-se, em nome de Deus, a herança das terras e dos homens. Ao sacerdote, a capacidade de decidir sobre a eternidade. Ao pai da família, poderes que ultrapassavam os limites de um relacionamento humano, transcendendo para uma posição de guardião da honra familiar, do destino dos filhos, com autoridade que se rivalizava com os dotes divinos.

Sacramentava-se o casamento e a formação da família em nome de Deus, como obra acabada, definitiva. Insurgir-se contra a autoridade paterna, rebelar-se contra as sufocantes tenazes dos preconceitos e interesses familiares, era cometer pecado mortal. Em verdade, viver fora da família era intolerável. Ou tomavam-se ordens sacerdotais, muitas vezes impostas ferreamente, ou aceitava-se consorciar-se com alguém, de maneira geralmente alienada.

Embora se realizassem uniões afetivamente compensadoras, a prepotência, o preconceito, infligiam dolorosas aberrações emotivas. Desprezando as aspirações da união espontânea, criaram-se dramas que custaram lágrimas e sofrimentos profundos, marcando almas sensíveis, precipitando espíritos imaturos na loucura e no ódio.

Agora que as normas religiosas convencionais deixaram de ter significado na formulação das regras sociais, em que bases se formarão os lares? Em que se apoiará a família?

Diariamente os legislativos de países de tradição cristã, aprovam leis e regulamentos que destroem as bases religiosas da sociedade. O princípio espiritualista da existência de uma alma nas pessoas, jaz desprezado e impotente. O abroto legal, por exemplo, ganha terreno em países tradicionalmente católicos e protestantes. Há um ascendente materialista comandando o comportamento social. O feto é considerado um pedaço amorfo de carne, sem qualquer ligação com o fato espiritual da procriação, tomada, em tais casos, como um **azar** relacionado com o prazer sexual.

Em vão lutam as igrejas para fazer prevalecer seus argumentos sobre o começo da vida na fecundação ovular. Milhões de mulheres, perante o problema de uma gravidez indesejada,

---

<sup>4</sup> Jaci Régis no seu livro – *Uma Nova Visão do homem e do Mundo* - traz esclarecimentos sobre esta ideia “ Poderíamos, para simplificar a questão, dividir, de um lado, o sentido religioso propriamente dito, com seus cultos, rituais, liturgias e sacerdócio e de outro, o sentido de religiosidade, que seria, então, um sentimento mais refinado, desvinculado de um objetivo cerimonial, legalista, institucionalizado, mas se mostraria no respeito, na dignidade com que o homem encararia a própria vida”.

submetem-se, legal ou ilegalmente, em toda a parte, aos processos médicos ou de curiosos que provocam o aborto. Esse é apenas um, entre tantos exemplos, da falência dos ascendentes religiosos na formulação do comportamento humano, na época atual.

Abriu-se, na sociedade moderna, um imenso e inesperado vácuo, em que a maioria se viu precipitada. Até alguns anos atrás, determinados preceitos estabeleciam um caminho, uma harmonia ao procedimento social. Embora os rebeldes, a parcela maior da população ajustava-se a esses regulamentos. Havia uma clara definição do bem e do mal. De uma hora para outra o castelo ruiu. Ninguém estava autorizado a dizer, de forma incontestável, o certo e o errado. Poucos ainda querem a autoridade divina. Nem governos, nem sacerdotes e muito menos os pais.

Cada um recolheu-se à insignificância de sua impotência para entender e absolver o volume de questões, problemas e controvérsias. É claro que ainda existem remanescentes. Ou ilhas de entendimento e lares orientados positivamente. Falamos em tese.

Descaracterizada de sua tradição religiosa, deixada de lado sua natureza divina, a família encontra-se diante de uma realidade: é uma construção humana e como tal, precisa evoluir, ajustar-se, encontrar novas formas de relacionamento e funções.

Seria isso um sinal dos tempos?

Quando Galileu Galilei afirmou que a Terra se movia, foi uma subversão. Entretanto ela se movia mesmo. Quando a escravidão negra foi abolida no Brasil, pensava-se que era o fim da sociedade, da economia. Contudo, o negro assumiu, hoje em dia, vertiginosamente, seu lugar no mundo, quando em nosso país não tinha nível humano há pouco mais de 100 anos.

Sinal dos tempos é uma questão positiva. É marca de mudanças, de transformações. Infelizmente tem sido também de violências e traumas. Que poderiam ser evitados. Mas quem quer abandonar o egoísmo pelo cultivo do amor? A maioria só sublima o egoísmo a custo de muito atrito e choques. Por isso, as mudanças assustam, desequilibram e promovem transições dolorosas para quase todos, agarrados a uma visão estreita dos fatos, presos ao conservadorismo de seus interesses e prazeres.

## II

Dir-se-ia, então, que o caos permanecerá? Que os fatores materialistas dominarão definitivamente o comportamento humano? Que a sociedade que se está construindo desprezará os valores espirituais?

Afirmamos que na Idade da Média, o homem estava dominado pela superstição religiosa. A reação, através do tempo, levou-o ao exagero da negação, do materialismo, que atendendo aos apetites da imaturidade espiritual, parece adequado e confortável, por livrá-lo da disciplina e dos objetivos espiritualizantes.

Mas ninguém permanece indefinidamente na imaturidade. Nem o indivíduo, nem a sociedade. Os excessos corroem o equilíbrio. E o desequilíbrio que se segue, é doloroso e incômodo, forçando a procura de um novo equilíbrio.

Baixada a máscara de uma ordem social fundamentalmente hipócrita, por insincera, retirada a autoridade que mantinha o sistema, cada um tem que escolher seu caminho. Não se pense que isso seja confortável e seguro para a grande maioria, de início. A mente ociosa e limitada acostumada a obedecer às normas, a controlar-se dentro de canais definidos, encontra-se, agora, perturbada e aflita, porque tem que raciocinar o escolher. A princípio. Como a ave que nasceu em uma gaiola e libertada não sabe para onde ir, encontra-se perdida.

Não se pode pensar mais, seriamente, em religião, em termos antigos. Que valor possuem, efetivamente, cultos, cerimônias e hierarquias? Mas, o que substituirá essa feição usual da religião? Como o homem encontrará uma forma de exprimir suas ansiedades e angústias, acostumado que está a fazê-lo através de cultos, do cerimonioso, do sobrenatural, do mágico? De que maneira fará sua relação com Deus, esperará o futuro? A quem creditará os valores morais da vida, que tem sido os temas das religiões e que se tornaram a base da sustentação do indivíduo e da sociedade, através da história?

A “sustentação religiosa”, acima referida, pode ser mantida sem as doses de fantasia de outrora. Será encontrada em conceitos que, fundamentados em fatos, enfrentem a razão, as exigências e as perguntas dos homens e mulheres do mundo atual. Uma doutrina que possa integrar o ser humano no universo, que explique o mecanismo da progressão individual, as causas mais profundas das angústias do coração, terá essas respostas, sem necessidade de apelar para a dramaticidade dos cultos. Ao contrário, só atingirá seus objetivos se despir as vestes sacerdotais, abolir a crença cega, mostrar a inexistência do sobrenatural e a superação do ritual para adorar a Deus. Por isso não se chamará mais religião. Será um conceito dinâmico de moral e de vida, transcendendo os prejuízos que os preconceitos semearam sobre o espírito.

Dissemos que em toda a história, a família, a sociedade, fundamentaram-se sobre raízes religiosas. Agora se deseja encontrar uma nova dimensão para o que se rotulou de “sentimento religioso” para que as reformulações indispensáveis no pensar das pessoas e da família se apoiem em concepções que libertem o espírito, que ampliem sua visão interior e lhe indiquem um caminho racional, em que todas as suas forças criativas encontrem expansão, justificativa e esperança.

Essa nova dimensão do problema moral, evolutivo e espiritual, não pode mais ser encontrada nos olhos esbugalhados de alguns visionário, na palavra tresloucada de pregadores impulsivos, na eclosão de fenômenos espetaculares, curas milagrosas ou apelos puramente emotivos. Mas a partir de reflexão de si mesmo, na elaboração de pensamentos e raciocínios lógicos para que a ideia de Deus, que está inscrita na consciência mais profunda de cada um possa aparecer como um elo natural e procurado nos mecanismos da vida.

Por isso, essa nova dimensão procurada, explorará a busca de uma consciência moral que se integre, sem medo ou castigo, mas gradual, espontânea e sequencialmente na obra divina, descoberta em cada lance da existência. Moverá as fibras do espírito que, embora trabalhado pela angústia, pela dor, por sua realidade moral, encontrará motivos para amar, porque só o amor sustenta e justifica a vida, suplanta a dor e renova o caminho.

Enfim, redescobrirá a fé, esse elemento indispensável ao equilíbrio do indivíduo e que o sustenta na luta e divisa o futuro. Essa nova fé, para suportar a avalanche das contradições humanas, tem que se apoiar no conhecimento, na experimentação, extrapolando-se na transcendência do espírito. Essa fé, baseada na razão, no conhecimento, compatibilizará as

aspirações mais profundas do ser, com uma estrutura moral do universo, porque fornecerá subsídios à formação de um novo caráter, uma vez que não será mais mero instrumento de alienação e dependência de forças desconhecidas, mas força positiva a serviço da superação de obstáculos e para conquista de metas que se delinearão objetivas na mente das pessoas. Isso porque, mostrando a presença de Deus de maneira pelo menos inteligível, dará sentido a todo esforço de superação e a segurança de que um princípio inteligente, fundamentado no amor mantém a dinâmica universal.

### III

Essa é a tarefa de espiritismo. E é por isso que ele pode sustentar a existência de uma razão de ser para o universo e pode propor essa nova dimensão para os problemas do homem. É uma tarefa difícil porque se trata de restaurar, de reconceituar, de renovar um sentimento, uma relação de vida, que o fracasso das religiões jogou quase por terra e que aparece confuso na mente do homem.

Não é fácil reestruturar formas de ver, pensamentos que se tornaram concretos e que se definiram como finais, através do tempo. A proposta para que exista um laço fraterno, uma maneira de adorar a Deus, sem dogmas, sem rituais, sem sacerdotes, sem igrejas, parece imprecisa e cria indecisão em quantos não conseguem se desvincular de toda uma carga afetiva, cultivada através de séculos e, por isso, tem dificuldades em se reformular mentalmente. Seria a mesma perplexidade dos povos idólatras diante da posição dos judeus, que adoravam um Deus invisível.

Embora impregnando a vida de fé, o espiritismo pode desmitificar a família, sem descaracterizá-la. Pode fornecer elementos palpáveis para a compreensão do universo familiar, reajustar os choques do relacionamento entre pessoas, oferecendo horizontes espirituais capazes de explicar e justificar a necessidade de superação de atritos e problemas. Colocando o ser na sua posição de espírito em processo evolutivo, nos mecanismos reencarnatórios, ele permitirá um redimensionamento na compreensão do universo familiar, dando bases seguras para a mudança de concepção do papel e das realidades de cada um de seus membros. Chegaremos, por essa via, a relacionamento maduro, responsável, em que o indivíduo poderá aceitar sua participação no grupo em termos de consciente determinação para superar obstáculos, aproximar e entrelaçar sentimentos.

Enfim, um quadro renovado que propõe uma visão não-religiosa, em termos usuais, dos fundamentos morais do universo, mostrando-os rigidamente justos e misericordiosos. A ideia da imortalidade e permanência, a certeza do reencontro de personagens de vidas anteriores, a compreensão de que os componentes do conjunto familiar são espíritos vividos em experiências passadas, criam novas aberturas e definem a ligação com a divindade de maneira mais sadia, ternam a dependência ao princípio inteligente não pejorativa, mas ao contrário, de coparticipação, abrindo uma perspectiva realmente dignificante para a criatura humana.

Se é verdade que a história se fará sempre a afetividade, a busca do ser, movimentando energias e aspirações, poderíamos chamar de religiosidade não religiosa essa nova dimensão, uma vez que não é fácil encontrar termos adequados para exprimir ideias e concepções, que,

partindo de antigas e sedimentadas formas de ver o homem e o mundo, precisam ter significado ativo, libertador. O que o Espiritismo propõe, nesse campo, é a liberdade, elegerá, como síntese desse novo pensar, o que disse Léon Denis: “ Tende por templo o universo, por altar a consciência, por lei a caridade e por imagem Deus”.

# 4

## **Fundamentos afetivos na formação familiar**

“ Os espíritos também formam famílias pela similitude de suas tendências mais ou menos purificadas, segundo sua elevação”.

**(O Livro dos Espíritos, questão 215)**

Definidos os fundamentos gerais do pensamento espírita, constatamos que, embora alterando de forma global o entendimento espiritualista e materialista, ele enfatiza o papel formativo da família, agora sob ângulo mais amplo.

Não obstante o desenvolvimento das potencialidades intelectuais do espírito seja fundamental, verificamos que se a inteligência aprimorada permite avanços surpreendentes na compreensão e utilização das forças da natureza, somente o equilíbrio emotivo garante o domínio de nós mesmos.

É fácil entender. Enquanto trabalhamos com elementos externos, físicos, controláveis pelas reações e mecanismos tecnológicos, dispendemos a energia num processo que se desdobra sem consequências reativas no campo pessoal.

Entretanto, quando nos relacionamos no plano humano, espiritual, defrontamo-nos com forças a reagirem constantemente, desencadeando interações emocionais, por onde o dispêndio de energias criativas se ajusta, multiplicando emoções agradáveis, compensatórias ou se atrita, estabelecendo conflitos.

Ao se unirem, um homem e uma mulher, defrontam-se com as emoções. Permutam experiências afetivas no campo do sexo, buscando no prazer a canalização das energias criativas represadas. Relacionam-se nas ideias, a nível intelectual e de sensibilidade. Convergem, mesmo que temporariamente, ansiedades, desejos e aspirações para um ponto de encontro, tentando desenvolver atividades conjugadas e se ajustarem mutuamente.

Esse homem e essa mulher não são unidades isoladas no mundo. Pertencem a uma sociedade, provém, por sua vez, de famílias. Integram um ciclo humano, profissional, religioso. Absorveram ideias, refletem sentimentos, posições, entendimento diversificado. Dentro do condicionamento de nossa realidade humana, procuram, antes de tudo, a felicidade pessoal, que anteviram nos enlevos do namoro e nos processos de compromisso do noivado.

Em tese, reencontraram-se para desenvolver um trabalho específico no relacionamento emotivo, na criação de uma família, dando oportunidade à reencarnação de espíritos afins, que, mergulhados no sono hipnótico do processo reencarnatório, se oferecem à sua influência. O conjunto assim formado, passará a ligar-se por profundos condicionamentos afetivos e laços psíquicos, a exprimirem sua concepção familiar.

Entretanto, uma visão panorâmica dos núcleos familiares, sob o ponto de vista de sua operacionalidade, mostra uma quantidade infindável de contrastes, que caracterizam o grau de moralidade, intelectualmente e aspirações que determinam suas existências.

Embora essa extrema diversidade de comportamento, exprimindo a realidade de seus integrantes, tentaremos enfeixar os grupos familiares em três designações gerais para procurar uma compreensão do fenômeno da atração afetiva que caracteriza os lares. Essas designações são, em relação às famílias: **afetivamente compensatórias, afetivamente amorfas e afetivamente passionais.**

As famílias enquadradas na designação **afetivamente compensatórias**, embora grandemente diferenciadas entre si, compreenderiam as que apresentam uma unidade emocional, psíquica, intelectual e moral razoavelmente equilibrada e produtiva, entre os pais e filhos. As **afetivamente amorfas**, sintetizariam os processos de relacionamento não compensatório, de grande instabilidade e que embora não alcancem níveis de conflitos angustiantes, também não estimulam a formação de liames mais profundos. A interação dos membros desses grupos é muito superficial e insuficiente para gerar uniões permanentes, por isso tendem a desagregar-se com facilidade.

Temos, por fim, os grupos **afetivamente passionais** onde os traumas, os conflitos, os desajustes, atingem o clima de tragédia, desde as que ocultamente dilaceram o coração, até as agressões abertas, os crimes.

Na atualidade evolutiva de nossa humanidade, essas três posições constituem as bases para construir uma curva de normalidade: as famílias afetivamente compensatórias e afetivamente passionais, constituem grupos minoritários, permanecendo a maior parte das famílias no campo das afetivamente amorfas. Isso significa que o esforço de esclarecimento e uma tomada de posição por parte da maioria das pessoas, poderá desenvolver um relacionamento compensatório, através do cultivo da aceitação recíproca, pelo desencadeamento de ligações produtivas, chegando à simpatia, se abandonadas as atitudes de egoísmo e orgulho que separam, injustificavelmente, as criaturas que se atraem na coexistência doméstica.

Nas famílias que chamamos de afetivamente amorfas, e que constituem a maioria, não se chega a uma relação mais compensatória, porque cada um antepõe obstáculos emotivos, que vão desde a indiferença até o abandono, quando poderiam, se quisessem, obter uniões razoavelmente gratificantes. O que acontece é que quase sempre absorvemos e nos comprazemos com padrões mentais que nos tornam satélites de mitos e interesses egoísticos, ajustando-nos a um nível de comprometimento pessoal demasiadamente imediata. E com isso, por ociosidade, indisposição íntima para a doação, para a participação, para o cultivo de ideias, criamos uma atmosfera de antagonismo e incompreensão, não no convívio com os parceiros da vida do lar. Em resumo, renunciamos às delícias do amor, por comodismo, insensatez e subordinação às paixões.

As famílias afetivamente passionais reúnem espíritos em evidente processo de desequilíbrio emotivo, incapazes de superar, de imediato, as causas profundas dos choques que, em vidas anteriores, geraram na troca de energias afetivas. Estão marcados por conflitos interpessoais, a que foram chamados a superar, pelos laços familiares. Contudo, pelas mesmas causas anteriores, muitos continuam a guerrear-se, embora possam dar passos no caminho

positivo. O entendimento da tese espírita muito lhes será útil, para que possam melhor analisar seus próprios corações, tomados por angústias e inquietações dolorosas.

Finalmente, as famílias afetivamente compensatórias, se caracterizam não por uma tediosa e inoperante ligação de desejos e gostos, mas por um sentido de unidade produtiva, manifestada em atitudes e conceitos positivos no campo do auto relacionamento e na participação comunitária. Não é necessariamente um grupo nivelado por um comportamento superior. Mas a agregação de espíritos que se ligam por laços de simpatia e determinação, embora possam, no processo vivencial, se atritarem e ocuparem posições conflitantes. Contudo, esses atritos ou conflitos situam-se geralmente no campo operacional e não de conceitos, e são absorvidos.

## II

Tal é o panorama possível da unidade familiar: pode, na média, reunir indivíduos relativamente ajustados uns aos outros ou comportar um ou mais elementos que se encontram em desequilíbrio potencial ou efetivo.

Não se pode dizer, a rigor, que cada um reflete as lutas do passado, porque isso dá a impressão de que esses acontecimentos se fixaram no tempo. Mas deveríamos dizer que cada um reflete a dinâmica da própria realidade. Por isso, no grupo familiar, a heterogeneidade do comportamento e das reações geralmente tende a um certo equilíbrio, precário é verdade, mas suficiente para manter um limite suportável de convivência.

Esses fatores nos colocam diante de alternativas interessantes. Primeiro, poder-se-ia perguntar com validade se, partindo do princípio da existência de Deus e de um mecanismo da Justiça Perfeita, como aceitar que o indivíduo, um espírito, possa ser submetido a influências negativas, a processos de distorções? Ou então, indefeso, não dispondo de recursos que o habilitem a subtrair-se das implicações do ambiente desequilibrado, até que ponto ele será responsável pelos atos e fracassos que isso acarreta? E, finalmente, se a reencarnação tem, sobretudo, um caráter educativo, de progresso, que chances terá o espírito reencarnante, se é compelido a submeter-se, sem possibilidades de eximir-se, a pressões destrutivas, a condições sociais deprimentes, a situações que lhe frustram, desde cedo, as possibilidades de equilíbrio interior?

Essas questões, além de válidas, são verdadeira esfinge exigindo decifração e ameaçando tragar as criaturas no vórtice das contradições. Caso contrário, a tese materialista seria vencedora ao proclamar que estamos sujeitos aos azares das circunstâncias. Segundo esta teses, se tivermos **sorte** de possuir um corpo saudável, uma família mais ou menos equilibrada, bom para nós. Mas podemos ter o **azar** de descendermos de um ramo doentio, mal

alimentado, moralmente desequilibrado e, então, seremos candidatos quase certo à marginalidade.

Para o religioso, as premissas materialistas são execráveis, pois seu modelo moral exige a Justiça. Para o materialista, essa concepção justifica o desprezo aos princípios éticos e à disciplina emotiva.

### III

O indivíduo recebe influência da família antes mesmo do nascimento. Se, para a teoria materialista-espiritualista-convencional, essa influência se manifesta sub-repticiamente, em deformações do cosmo cerebral, através dos condutos de ligação materno-fetal, para a doutrina espírita ela decorre de ligações mais profundas, relativamente às afinidades morais, espírito a espírito, no processo evolutivo.

Sob o ponto de vista do plano físico, o nascimento de uma criança pode decorrer de um ato deliberado, desejado, planejado ou simplesmente tolerado.

Sob o ponto de vista do espiritual, o nascimento de uma criança representa o retorno à experiência terrena, de um espírito vivenciado, que se introduz no campo mental e físico da organização materna, atraído por princípios de afinidade, objetivando, sobretudo, angariar méritos para progredir, reajustando o coração e a mente.

De um modo geral, a reencarnação necessita de mútuo consentimento ou de mútua aceitação. O reencarnante aceita a volta, num planejamento específico, relacionado com o grupo familiar que o receberá. O pai e a mãe, por sua vez, atendendo a programações anteriores ou apelos posteriores à encanação, aceitam receber o espírito no ambiente familiar, com vistas ao processamento de reajustes no seu universo moral.

Essas situações são típicas e genéricas, comportando uma infinidade de variações, porque cada caso repercute de forma diferente para os grupos envolvidos. Tomando, porém, esse equacionamento como básico, verificamos que, em tese, o agrupamento doméstico se forma a partir de princípios de afinidade.

Contudo é preciso convir que afinidade não significa simpatia.

Afinidade é atração.

No campo do relacionamento moral, a afinidade psíquica representa atração, devido a compromissos emocionais, que decorrem tanto das simpatias, como de antipatias. Digamos que o relacionamento emotivo cria campos de atração magnética, devido à formação de elementos de identificação moral, negativos ou positivos.

Quando a atração é positiva, a união é simpática, agradável, gostosa. Quando negativa, os elementos se atritam, são desconfortáveis, antipáticos. Apesar disso, existe uma polarização que mantém a **necessidade** de permanecerem juntos.

Tentando explicar esse paradoxo, comum na vida familiar, em que há coexistência de atração e repulsão, digamos que quando a afinidade é simpática, a atração se faz globalmente e quando antipática a atração se processa perifericamente, como se um campo de força

estivesse saturado de esferas magnetizadas, a se atraírem mutuamente. No caso positivo, toda a esfera seria formada de elementos simpáticos. No negativo, apenas a periferia conteria elementos de atração, enquanto o núcleo permaneceria repulsivo ao convívio.

Tomando essa figura, poderíamos dizer que a finalidade do convívio familiar, seria tentar transformar o núcleo resistente num centro simpático, complementando a união das pessoas envolvidas.

## IV

Uma análise criteriosa da posição espiritual das criaturas humanas, entrosada com o problema reencarnatório e com a lei das afinidades, levará à conclusão de que ninguém está sendo fundamentalmente violentado. Essa conclusão não exclui os prejuízos que possam advir de influências negativas, nem descarta o atraso que pode decorrer de situações criadas em torno do espírito reencarnado, induzindo-o ao erro e a desvios lamentáveis.

O que se pretende dizer [e que embora as pressões domésticas exerçam inequívoca e concreta influência sobre o indivíduo, estimulando ou agravando seus problemas, não os determinam. Colocando as coisas no seu devido lugar, pode-se dizer que o indivíduo é intrinsecamente livre. Contudo cria responsabilidades, promove situações, liga-se emotivamente a outros indivíduos que repercutem, pela lei de causa e efeito, na sua própria estrutura mental. Quando deprimentes, causam lesões no seu cosmo psíquico e desenvolvem conflitos que atingem a outras pessoas. Então, a Justiça oferece oportunidade de reajustamento próprio e ressarcimento dos prejuízos causados a outros. É o mecanismo da ação e reação, **lubrificado** pela Misericórdia Divina.

Por isso o processo é realmente sábio.

A reencarnação é uma técnica de condicionamento capaz de, por determinado período, inibir a manifestação global da personalidade, mantendo-a em suspensão. Acarreta, sem aniquilar a individualidade ou eliminar a experiência adquirida, o esquecimento do passado, abrindo oportunidade ao espírito para integrar-se na nova personalidade que o renascimento lhe oferece. Trata-se de um mecanismo tendente a criar um estado de **prontidão** educativa, expondo o cosmo intelecto-afetivo do espírito a um período de redução da atividade mental, submetendo-o às limitações do veículo físico em formação e com isso propiciando a assimilação espontânea das influências.

Temos, pois, uma associação de fatos, com extraordinária significação. De um lado, o espírito reencarnante, mantendo intacta, ainda que transitoriamente embrionária, sua individualidade e experiência adquirida, tem nova oportunidade de reajustamento. De outro, os pais, embora recebendo um personagem experimentado, não se sentem inibidos a exercitarem a sua tarefa, porque para receber suas influências, seja porque permanece com sua atividade mental reduzida, ou porque se exterioriza através de um veículo frágil, carente de proteção e cuidados extremos.

Convém insistir, porém que a correta aplicação do princípio da reencarnação não se confunde com um rígido determinismo existencial, pelo qual tudo estaria predeterminado. Isso seria confundir fatalismo com Justiça, o que contraria a tese espírita de que a vida é um **processo**.

Atribuir os sucessos da existência a mecanismos determinísticos é equacionar de modo simplista e incorreto a problemática existencial. Podemos buscar na vivência das experiências passadas, **explicações** para as nossas necessidades, aspirações, tendências e conflitos, mas nunca **justificá-las**.

Sintetizando, podemos afirmar que a vida terrena não é uma alienação ou uma peça de teatro com marcações artificiais e personagens imaginários. Desdobra-se dentro de contornos

concretos, cada um exteriorizando o estágio evolutivo que alcançou. A experiência passada não determina o comportamento, mas define o indivíduo.

E cada um que regressa à experiência física, pela reencarnação, não é um ator desempenhando um papel. É ele mesmo, uma individualidade definida, com personalidade em formação.

## Paternidade e maternidade conscientes

*“ A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformar seu caráter e reprimir suas más tendências. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder”.*

**(O Livro dos Espíritos, questão 385)**

As implicações das mudanças por que passa o mundo e por consequência a família, trazem sobrecarga ao trabalho educativo dos pais. A responsabilidade de transmitir emoções e princípios saudáveis para os filhos é o ponto nevrálgico de sua tarefa. Isso não é uma afirmação episódica, extemporânea ou ridícula para nossos dias. Ao contrário. Verifica-se nas pesquisas científicas da sociologia, psicologia, psiquiatria e educação, que as impressões marcadas na infância, constituem acervo, positivo ou negativo, que cada um carrega durante toda sua existência.

O lar cria um estilo de vivência que determina de modo geral, a maneira como o indivíduo passará a ver a vida. Os pais elaboram um modelo de comportamento, condicionando os filhos a se ajustarem aos seus princípios. Esse modelo que a família procura desenvolver na educação dos filhos, não é necessariamente consciente. Reflete o complexo de opiniões, anseios, frustrações que os cônjuges absorveram nesta existência. São retalhos de observações, reflexos de situações vividas no ambiente familiar de onde cada um saiu, e exteriorizações das experiências acumuladas nas vidas anteriores, que tomam forma no que se pode chamar de **concepção existencial de cada um**. Entretanto, o modelo, apesar das marcas particulares, estará, em suas linhas gerais, de acordo com padrões da sociedade em que se vive.

Refletimos opiniões, modismos, preconceitos, concepções que nossos pais nos transferiram. Tanto quanto verificamos a transparências de nossos pensamentos e atitudes no comportamento de nossos filhos. Muitos perguntam se essa influência palpável, não significaria um aspecto eminentemente negativo para a família. E argumentam. A família é formada por indivíduos potencialmente desequilibrados, reprimidos, irrealizados. Transferem essa irrealização para os filhos. Estes, crescem carregando a herança biológica que receberam. Por sua vez serão inseguros e insatisfeitos. Provavelmente continuarão a transferir essa insatisfação para os filhos. Forma-se assim uma cadeia interminável.

Analisado nessa perspectiva materialista, chegar-se-ia à conclusão de que o núcleo doméstico é a matriz de todos os males e onde o indivíduo é, inevitavelmente e não raro, prejudicado no seu destino. Já analisamos esse aspecto, mostrando que inobstante as condições ambientais do lar, ainda assim, o espírito continua livre em essência. Mas também afirmamos que essa circunstância, tomada no campo da essencialidade da vida, não descarta a importância do processo educativo no lar, em virtude da situação genérica dos espíritos da humanidade terrena, ainda em formação psicológica.

Incumbe a cada um quebrar esse círculo vicioso pela absorção de ideais e pela renovação de sentimentos, de modo que se criem novos caminhos de elevação espiritual, mostrando direções ampliadas para a plenitude da realização do espírito. Essa é, aliás, a motivação da própria existência, no plano evolutivo, que se constitui na acumulação das experiências, para as potencialidades do espírito se tornem concretas na ação consciente de seus objetivos e metas.

Evidentemente, essa renovação só será plane dentro de uma visão espiritualizada, em que se encontre campo para a expansão da inteligência e do sentimento, sem limites de tempo e de espaço, na permanência da vida, em qualquer dimensão do universo. A concepção finita da vida, em qualquer dimensão do universo. A concepção finita da vida, dimensionada entre o berço e o túmulo, contrapõe à tendência imortalista inerente a cada indivíduo.

É dentro dessa realidade espiritual, não alienante, mas vivencial, real, que devemos e podemos equacionar os problemas do inter-relacionamento doméstico, um universo emotivo, condicionante, forjador, retemperador, dramático, onde cada um se encontra temporariamente ligado a um grupo que se inter-relaciona, reage, pressiona, num aprendizado edificante, mesmo que doloroso.

Pode-se afirmar, baseado na experiência, que todos anseiam o melhor e que são potencialmente bons. Que dentro de cada um existe um sentimento de bondade, muitas vezes ou quase sempre irrealizado por barreiras levantadas pela visão deficitária do objeto da vida, pelo temor de liberar as forças criativas, pela temeridade em doar-se, em dar-se plenamente. Mostrar que nenhum esforço é inútil, que o amor triunfará e explicar as causas mais profundas do ser, é recurso educativo capaz e suficiente para motivar o espírito a superar obstáculos, derrubar barreiras e encontrar-se para dar plenitude à carga de amor que carrega consigo. Esse o instrumental analítico que o espiritismo oferece e é no recesso do lar que poderá se tornar real, através da criação de um clima idealístico, harmonizado nos objetivos, trabalhado na aceitação recíproca e na soma de esforços conscientes.

## II

Um dos assuntos mais discutidos neste fim de século<sup>5</sup> é o planejamento familiar, que tanto pode significar uma atitude amadurecida, não egoísta, como camuflar a indisposição generalizada para se assumir compromissos.

O problema é agitado sob vários ângulos. Afirmam muitos que o crescimento incontrolado da população humana trará problemas insolúveis, que vão desde os aglomerados urbanos, à produção de alimentos e serviços, condições de sobrevivência e até uma hipotética destruição do globo terreno pelo excesso de peso ...

Correlaciona-se desenvolvimento econômico e social com níveis de população e levantam-se taxas de seu crescimento como fatores de auto desestímulo ao bem-estar coletivo. Associações de pessoas e órgãos governamentais, através da propaganda ou pela ação direta, procuram esterilizar homens e mulheres, ao lado do desenvolvimento de medicamentos anticoncepcionais, usados largamente para assegurar o prazer sexual sem a contrapartida da gravidez.

A pílula anticoncepcional, apesar das denúncias sobre efeitos colaterais, são distribuídas por agencias, receitadas por médicos, procuradas avidamente por mulheres casadas e solteiras, alterando de forma fundamental, as antigas estruturas do relacionamento sexual e que delimitavam, claramente, o tipo de concepção familiar que se adotava. Certamente a urbanização da sociedade produz uma série de alterações estruturais, não somente na concepção, como na locação da família, impondo novos contornos à sua instalação e expansão.

Muitos fatores, de ordem cultural, econômica e sanitária introduziram variáveis importantes no equacionamento do universo doméstico, porque o lar tanto pode ser a tapera erguida sobre o mangue, como a mansão luxuosa, a casa ou o apartamento da classe média ou proletária. Esses fatores representam as condições em que se processa o desenvolvimento do núcleo familiar.

Pode-se dizer que é o espaço doméstico que determina o comportamento, ou conjecturar que numa habitação ótima se desenvolva uma educação péssima, embora seja difícil afirmar o inverso, porque as condições habitacionais estão correlacionadas com o nível social e econômico e como tal, determinando o acesso às oportunidades de instrução e fatores básicos.

Além disso, na atualidade, foi quebrada, em grande quantidade de famílias, a antiga rotina doméstica, em que a mulher permanecia como guardiã do reduto familiar, à disposição da prole e do marido. Hoje, um número crescente de mulheres desempenha funções profissionais fora do lar. Obedecem a horários, dispõem de pouco tempo para atender os filhos. Esse fator veio, necessariamente, alterar um tipo consagrado de família, introduzindo novas dimensões no equacionamento da atividade do lar, impondo sensíveis reduções no contato dos filhos, cônjuges e pais.

---

<sup>5</sup> Refere-se o autor ao século XX.

Conclui-se que tanto espacialmente, quanto em questão de tempo de permanência, o relacionamento doméstico mudou, pelo menos para uma grande parcela, que tende a aumentar continuamente, conforme as novas gerações alcancem a criação de famílias.

A família atual tende a concentrar-se em torno de pequenos contingentes, ao contrário da antiga, que parecia encontrar sua força na multiplicação dos nascimentos. Uma prole numerosa, era um “tesouro”. Hoje, os casais que planejam com generosidade chegam aos três ou, no máximo quatro filhos.

Estariam errados? Embora isso seja uma questão de foro íntimo, podemos raciocinar e constatar que se a população da Terra vem crescendo em proporção geométrica, é possível pensar que a humanidade espiritual de nosso planeta seja limitada e que atingindo um número de saturação, da divisão matemática entre os casais terrenos, surgirá uma família menos numerosa. Que, em termos teóricos, é uma necessidade de ajustamento às peculiaridades da vida tecnológica e urbana que se instalou na Terra.

Uma concepção menos concentrada de família, um relacionamento mais aberto entre todos, criará no tempo, uma grande família, sem os imperativos sanguíneos e estritos que a lei de causa e efeito atualmente impões. Então, uma família de cinco ou seis membros, contando pais e filhos, talvez seja a que se ajuste mais adequadamente às realidades sociais, às necessidades de seus membros e à integração na comunidade.

Deduz-se dessas considerações que o controle da natalidade é válido, na programação da vida do casal e da família. Trata-se de um ato de vontade, como outro qualquer, com suas repercussões específicas conscientemente assumidas.

Um filho deve ser concebido, física e psicologicamente, como um ato deliberado, desejado, amado, para que a maternidade e a paternidade alcancem plena satisfação e realização.

O **planejamento familiar**, na visão espírita, não significa **restringir**. Não tem um sentido negativo, que leve a posições egoístas, a uma alienação dos compromissos espirituais assumidos. Mas uma correta compreensão de todos os fatores que correspondem ao elenco de responsabilidades perante si mesmo e para com os outros.

Se partimos do ponto básico da ciclagem reencarnatória, certamente nossa compreensão do **porquê** das coisas, dos entrelaçamentos afetivos, das atrações inexplicáveis, e até compulsórias que criam situações irremediáveis, tenderá para estabelecer critérios menos imediatistas no planejamento de nossa vida.

Não se trata, é bom que se repita, de acreditar que as coisas têm que seguir um rumo predeterminado, no qual ninguém se livrará, em puro fatalismo. Mas usar de todos os elementos disponíveis para assumir, conscientemente, uma posição que atenda às conveniências e necessidades morais do casal. Porque uma ideologia racional como o espiritismo, não poderia admitir um envolvimento cego, a título de obedecer às leis da natureza, cuja compreensão estará, sempre, de acordo com o estágio de evolução alcançado. Assim, o comportamento não decorrerá de uma falsa ideia de aceitação da vontade de Deus, mas de uma análise consciente de todos os fatores.

Por isso, sob nosso entendimento, o planejamento familiar é um exercício válido, mas de inegável repercussão no campo moral, porque implica numa tomada de posição que, se baseada no egoísmo, movimentará reações imprevisíveis. Somos de parecer que uma atitude

nesse setor deve decorrer de uma análise profunda, isenta de preocupações marginais, centrada na necessidade de atender, simultaneamente, às alegrias e necessidades de criar, inerentes a todos, e aos compromissos morais assumidos antes de reencarnação.

Como não há definição concreta a esse respeito, só resta ao casal consultar a consciência mais profunda, pela oração e pelo comportamento, para sentir até que ponto seu planejamento atende aos seus verdadeiros interesses.

A forma e o meio desse controle é uma questão de ordem particular, que envolve até problemas médicos, que devem ser devidamente considerados.

O que não se pode aceitar é o aborto voluntário<sup>6</sup>.

O aborto provocado é um desvio, inconcebível numa vida fundamentada no espiritismo. Nela, o ato de procriar não se dilui na irresponsabilidade, nem se conforma com a inconsciência. Não se restringe a provocar o processo de criação de um organismo de um animal pensante, nem de um corpo para tirar uma alma do nada.

É uma ação bi polarizada, envolvendo os genitores, protagonistas do ato reprodutor e um espírito pré-existente, uma individualidade concreta. Como se fora e de fato é, um contrato com obrigações recíprocas. Abortar é romper o contrato. É submeter-se às cláusulas penais<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Jaci Régis nos deixa em dois artigos no jornal Abertura, mais recentes que a publicação deste livro, a sua posição em relação ao aborto – *A questão do aborto* de julho de 1989 e também *Aborto, estupro e terra* de setembro de 1997. Nestes artigos Jaci se declara a favor da realização do aborto nos casos de estupro, risco de vida da mãe, citando as questões 358 e 359 do Livro dos Espíritos para balizar a sua posição. Igualmente reafirma ser claramente contra o uso do aborto como método anticonceptivo pela existência de métodos alternativos de prevenção da concepção.

<sup>7</sup> Em abril de 2012, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a gestante tem liberdade para decidir se interrompe a gravidez caso seja constatada, por meio de laudo médico, a anencefalia do feto - condição caracterizada pela ausência parcial do encéfalo e da calota craniana. A decisão foi tomada, por maioria de votos, no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54, ajuizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde (CNTS). As situações anteriores citadas na nota anterior já são cobertas por lei.

### III

Todas as modificações assinaladas no encaminhamento dos problemas familiares, embora possam apoiar-se em bases de redimensionamento social, partem, primordialmente, de alterações mais profundas na ideologia das pessoas. Podemos constatar um certo cansaço moral, uma sensação de inutilidade para os esforços e problemas que envolvem a manutenção da família. Essa é a consequência palpável da ausência de horizontes espirituais e a absorção dos apelas ao egoísmo e imediatismo humanos oriundos da visão materialista da vida.

A paternidade realça o valor do homem para si mesmo, tanto quanto a maternidade eleva a mulher no seu próprio conceito. São estados de consciência que gratificam o espírito, preparando-o para movimentar energias e possibilidades.

Por isso, se o reencarnante penetra no círculo familiar, pelo nascimento, como criatura indefesa, embora, experimentada, constatamos também que a família o recebe na qualidade de agente de realização. Pais e mães, de modo genérico, transferem para os filhos suas esperanças e o ato criativo, longamente elaborado na gestação, introduz liames emotivos que desdobram reações interiores ponderáveis.

Esse ponto de conjugação emotiva, marca os participantes desse extraordinário momento. Envolvidos afetivamente, eles se predispõem, com maior intensidade, a uma aproximação mais profunda. Atenuam-se reminiscências e diluem-se, quase sempre, antagonismos, facilitando o ajustamento entre todos.

Se é também verdade que muitos, conforme a vida física se desenvolve, rebelam-se e promovem conflitos de intensidade relativa, não fossem os mecanismos da reencarnação para o espírito que volta e as emoções da maternidade e da paternidade para os que o recebem, impossíveis seriam, para a maioria esmagadora, os trabalhos de reequilíbrio, expiação e prova a que se submete para alcançar a própria felicidade.

### IV

Os pais tanto quanto os filhos, são espíritos em processo de aprendizagem. Não se pode esperar que as condições pessoais de cada um dos genitores evoluam para um patamar de superioridade, pelo simples fato de gerarem filhos. Na qualidade de espíritos enfrentando a problemática existencial, estão sujeitos a enganos e aos imperativos de sua realidade interior.

Entretanto, a tarefa paterna e materna, implica numa atitude de amadurecimento, expressa na aplicação consciente da vontade e na utilização dos instrumentos pessoais de inteligência e sentimento, na direção dos filhos. É uma missão e como tal, sugere a concentração de esforços para alcançar suas metas.

Não se pode esperar perfeição, mas supõe-se o exercício da doação, como condição suficiente e necessária para estabelecer bases adequadas no relacionamento familiar. Essas bases representam um segmento de poderosa cadeia de influência, desembocando no processo educativo, de que o lar se faz portador insuperável.

É preciso lembrar que o filho é um ser. E como tal, esse processo educativo deve ser exercitado de maneira a estimulá-lo, ajudá-lo a ter uma visão tanto quanto possível realística e positiva, a fim de que, crescendo na equipagem física, possa absorver os impactos de sua realidade interior, tanto quanto da realidade exterior sem deteriorar-se mentalmente.

Esse cuidado não significa, porém que o filho deva ser protegido, sufocado. A educação equilibrada harmonizará o entusiasmo e a liberdade, a dedicação adequada e a equidistância respeitosa, de modo que o espírito reencarnante possa encontrar seu caminho. Aliás essa complexa tarefa, numa compreensão consciente da paternidade e da maternidade, reveste-se de características empolgantes, exigindo o empenho de todas as fibras do espírito.

Convém ressaltar alguns aspectos do relacionamento entre pais e filhos, de modo a se considerar vários fatores que, quando devidamente colocados, ajudam a tornar a interligação emotiva entre os participantes da equipe familiar eficiente e produtiva. É evidente que a parcela mais importante depende dos pais, porque estes são os que estabelecem os padrões, determinam o caminho. Eles são os hospedeiros. Os filhos, os hóspedes.

Assim, é razoável dizer que muitos dos desacertos existentes decorrem de atitudes superáveis. Raros são os pais que ouvem os filhos. Poucos respeitam sua individualidade. Quantos poderão dizer que se deram, em emoções e tempo, ao convívio familiar? Quantos souberam amar sem aprisionar?

Ouvir é um ato de respeito. Não é uma ação mecânica de captar sons pelos canais auditivos. É estar **realmente** interessado na mensagem que o interlocutor deseja transmitir. É dar liberdade para que este exponha o que deseja. É ter humildade de aceitar que ele tem direito de discordar e o que está dizendo, ainda que não possa ser aceito, tem valor, e exprime estados de alma que guardam profundo sentido para si. Diante desse quadro, quanto realmente ouvimos? Quantos ouviram seus filhos?

Debate-se atualmente a necessidade dos pais respeitarem a individualidade dos filhos. Durante muitos séculos, o indivíduo foi desconsiderado em sua dignidade, personalidade e vontade, dentro dos limites do lar. Nesse longo período, ele deveria seguir a vocação e desejo dos pais, mais especificamente, o chefe da família. Ao homem impunha-se uma profissão, estabelecia-se o destino familiar e ensinava-se um comportamento típico, raramente levando-se em conta o que pensava e para que se inclinava. A mulher simplesmente desprezavam-se os sentimentos: deviam lhe em casamento, esculpiam lhe um caráter superficial.

O indivíduo era apenas um componente da engrenagem familiar e deveria comportar-se dentro dos padrões pré-estabelecidos para sua classe social. Agora, repudia-se esse comportamento predatório, e pede-se que os filhos sejam tratados como pessoas, como individualidades, portadores de estruturas e emoções próprias.

A teoria reencarnacionista não apenas sanciona esta justa aquisição da evolução humana, como lhe dá sustentáculo básico. Afinal, o filho é um espírito vivenciado, com opiniões e ideias próprias e precisa ser respeitado, embora isso não signifique a passividade ou omissão dos pais no processo evolutivo. De acordo com a técnica reencarnatória, que promove

um estado de prontidão educativa para o espírito reencarnante, deixar de influenciar positivamente é abrir oportunidade a inclinações menos nobres.

Respeitar a individualidade, não significa abandonar o filho à sua própria sorte, nem quer dizer que ele não pode e não deve ser contrariado, orientado, educado e até impedido de proceder incorretamente. Ao contrário. Respeitar a individualidade é saber que ele traz a marca de seu caráter, construído no tempo, provavelmente até com bastante incorreção. Por isso, para ajudá-lo, é preciso aceitar o que é, mas tentar, pelo exemplo, pela palavra, pelo clima, pelo ideal, fornecer-lhe estímulos que o levem a incorporar valores novos, questionar antigas posições e renovar a si mesmo. Para isso, o tempero da energia e do amor, do companheirismo e da autoridade, são instrumentos indispensáveis.

Muitas vezes, a mãe permanece horas inteiras com o filho e transmite apenas inquietação, queixumes e nervosismos. Outras, compelidas a separações prolongadas, sabem, nos momentos de convívio, envolvê-los de emoções profundas e equilibradas, fornecendo-lhe alimento espiritual e garantindo-lhe relativa tranquilidade. Da mesma forma, o pai que procura ser amigo não lhe assegura o equilíbrio emotivo e a afirmação íntima, pela transferência de emoções nobres, ideais definidos e comportamentos que justifiquem a crença no certo, no bom e no justo, por mais que se demore junto dele, será uma presença apenas superficial e agradável.

Verificamos que o problema educacional no lar não pode ser esquematizado em termos simplistas ou puramente didáticos. Ele comporta todo um universo de emoções, que exprimem os desejos verdadeiros do grupo familiar. Inseguro, devido a estar em processo de recriação da personalidade, o espírito aspira a encontrar no seio da família, a orientação que lhe aponte um caminho para enfrentar as incertezas e choques de sua vida social e íntima.

Se o espírito ao reencarnar se sente amado, protegido, bem recebido, registra nos escaninhos de sua percepção espiritual, sensações indefinidas de satisfação. Se, ao contrário, receber vibrações de insatisfação ou ódio, vê-se aflito e angustiado, acentuando problemas de desequilíbrios que se manifestarão depois, em atitudes de revolta ou busca desesperada de carinho e afirmação pessoal.

Essa realidade nos mostra que o caminho do diálogo e da ajuda recíproca já não é uma virtude imposta pelo dever, mas atitude de equilíbrio, diante de fatos concretos. O filho é, pois, uma espécie de visitante, sob condições especiais. É um indivíduo com caráter próprio, que não saiu dos pais. É igual na essencialidade, embora ligado de maneira indelével a eles, pelos condutos físico-afetivos. Depende deles, mas não é deles.

Essa ausência de propriedade e a mudança do sentido possessivo de **meu** filho, para uma concepção universal de **parceiro**, no desdobramento existencial, quebrará a rigidez das concepções e conduzirá a uma posição mais fraternal dos pais em relação aos filhos.

As ciências do comportamento estão divididas em escolas de orientação divergente e até conflitantes. Buscam a liberdade do indivíduo, apregoam os direitos dos filhos. Entretanto, a cada momento, constata-se que enfocaram o assunto sem a maturidade indispensável ou que prescreveram receitas muito gerais para casos demasiadamente particulares.

É inegável que o modelo familiar atual, de bases materialistas ou religiosas-convencionais, está em desintegração e não sobreviverá diante das exigências do crescimento moral e intelectual da humanidade. Por isso, somos chamados a reconstruir as bases da

unidade familiar, dentro de uma ótica mais ampla, fundamentada numa concepção existencial abrangente. O Modelo existencial espírita, veio, mudando-lhe a estrutura, sem retirar-lhe a importância e a espontaneidade.

Entretanto, os pais, conscientes e decididos, continuarão a perguntar: como educar os filhos?

A resposta é complexa e já delineamos os fatores que determinam as aglutinações familiares, no campo do relacionamento emotivo. Sabemos que, em muitos casos, a família pode ser a reunião de espíritos de maturidade diversificada, pelo aproveitamento diferenciado das experiências. É um grupo heterogêneo, que marca encontro para tentar resolver, em conjunto, seus problemas e equacionar, da melhor maneira, o próprio destino. Por isso a generalidade desses grupos respira graus de angústia e até de conflitos abertos. Há desmando de palavras, atitudes e comportamentos.

E, a agravar substancialmente o problema, neste caso, as palavras têm valor secundário. É certo que influenciam e contribuem poderosamente. Mas, sobretudo, o exemplo marca definitivamente. O clima psíquico, por assim dizer, criado em casa, absorve imagens, sentimentos, aspirações, mesmo que se mantenha silêncio ou discrição. Quando há desentendimento entre o casal, por exemplo, mesmo que seja dissimulado habilmente, permanece uma sensação de inquietude e tristeza, de insegurança e amargura que é absorvida pelos membros da família através dos condutos mentais.

Todos esses fatores levam à conclusão de que a tarefa educativa que incumbe aos pais, deve partir de uma tomada de posição consciente, refletindo as opções assumidas para a construção do destino. É o que verificamos, aliás, em muitos agrupamentos familiares, onde a dedicação, a renúncia, a compreensão fraternal, estimulam esforços para superar incompatibilidades, antipatias, ciúmes, despeito, ódio, santificando a vida com impulsos de simpatia e respeito, semeando as raízes do amor.

## 6

### **Instrumentos de reavaliação do convívio familiar**

“ Mas não se deve esquecer que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito”

**(O Livro dos Espíritos, questão 903)**

É preciso insistir que a análise dos fatores reencarnacionistas e a exata compreensão dos fundamentos do relacionamento interpessoal dos membros da família, não são dados para incentivar uma acomodação consciente, na superação dos problemas examinados.

Caso contrário, teríamos caído em lamentável desvio de compreensão, porque a existência se desdobra, na cota do tempo que dispomos como uma oportunidade de reajustamento, para que alcancemos, o mais cedo possível, um patamar de realização interior, capaz de nos dar paz e tranquilidade.

Não é mera poesia ou sonho utópico, aspirar à felicidade. O que precisamos é reavaliar o conceito de felicidade. Essa tem sido tomada como um estado de satisfação pela estimulação externa, pela sensação de sentir-se amado, importante, necessário, uma atitude de reflexão dos sentimentos de outras pessoas.

Os modelos de felicidade excluem, quase sempre, a necessidade de amar, participar, doar, de saltar os obstáculos da possessão, da prisão emotiva.

Muitos casais querem alcançar a felicidade, isolando-se num relacionamento a dois, fechadíssimo, sem se importar com o que ocorre em torno. Não poucos abandonam as alegrias da maternidade e da paternidade a pretexto de se bastarem mutuamente. Ou então, permanecem em ligações passionais de ciúme, medo ou exacerbação afetiva.

Pensam que são felizes, quando se aprisionam em gaiolas de paixões consumindo tempo e energias sem produzir situações que possam criar um clima de produtividade e aproveitamento positivo da existência.

É evidente que o nosso modelo de felicidade não pode se opor ao fluir de sensações agradáveis ou traduzir-se em situações de angústia ou aflição contínua. É natural aspirar a satisfação plena no convívio com a pessoa amada e no espaço familiar. É da lei natural que o amor encontre sua expansão infinita no relacionamento profundo entre as pessoas que se amam, porque é na troca de emoções de unidade afetiva que o espírito alcança o gozo verdadeiro.

Por outro lado, é realmente difícil suportar o desmoronamento de sonhos de felicidade, seja pela incompreensão conjugal, pelo nascimento de filhos deficientes ou que, embora dispo de equipagem físico-mental saudável, se mostram rebeldes, ingratos, de relacionamento desajustado perante os padrões que a família tenha elegido.

Já colocamos com clareza a causa mais profunda desses desajustes tanto no aspecto das experiências passionais, que ligam os membros da família, quanto à real condição espiritual de cada um, o que, em última análise, sintetiza toda a problemática humana.

O que queremos enfatizar é a necessidade de planejar o comportamento, estabelecer a estratégia de vida, de maneira consciente e agora sobre as novas bases da compreensão que o espiritismo dá.

Já compreendemos que nos unimos por afinidades nem sempre simpáticas, mas que podemos transformar essas uniões o mais compensatórias possível, se nos decidirmos a isso. Ensaíamos, para tanto, examinar algumas atitudes para conseguirmos nossas metas. Tais são as de **aceitação, compreensão e realização**.

Examinemo-las como contribuição a quantos tenham alcançado uma posição existencial capaz de fazê-los assumir o comendo da vida.

## II

### Aceitação

Quando se fala em virtude, tem-se, quase sempre, uma impressão estereotipada de algo transcendente, doloroso, sobre-humano. Pintores e artesãos, refletiram nas faces das imagens virtuosas, expressões doloridas, contemplativas e inermes<sup>8</sup>.

Tal indução levou à conclusão de que a virtude é uma espécie de **monstro sagrado**, um estado improvável para a maioria. E o desconhecimento do processo evolutivo, pela reencarnação, concebeu que alguns já tinham **tendência** para o bem, para a virtude. Outros não.

Ninguém tem uma tendência para o bem ou para o mal. Cada um **cria** seu bem e seu mal. E essa criatividade não surge milagrosamente, de fora para dentro. É o resultado de treinamento, repetições, quedas e esforços.

Simbolizamos que a atração entre as pessoas seria como um espaço saturado de esferas magnetizadas. Algumas, formadas de elementos globalmente simpáticos, se ajustam. Outras, atraindo-se pela camada periférica, enquanto o núcleo se indis põe à união, continuam guardando reminiscências e permanecem cristalizadas em imagens negativas.

Verificamos também, que o choque reencarnatório predis põe à aproximação das partes conflitantes, dando oportunidade para a transformação daquele núcleo refratário em centro de atração simpática.

Tudo isso indica que precisamos exercitar a virtude da **aceitação** que precipita o rompimento do círculo egoísta da autocomiseração, da autojustificativa e a reabertura dos canais de comunicação afetiva.

---

<sup>8</sup> Que não tem armas ou meios de defesa

A **aceitação** é um atitude consciente. Não coloca um véu de mentiras brilhantes sobre erros e falhas. Mas **aceita** a pessoa como ela é, sabendo que cada um está se esforçando, dentro do grau de libertação interior que já atingiu, para superar a si mesmo.

Evidentemente ninguém **aceita** o outro, sem **aceitar** a si mesmo. Essa dupla aceitação representa o desenvolvimento de estados ativos, dinâmicos e promove mudanças radicais no comportamento, por diluir resistências e choques, que tornados cíclicos pela mútua agressão, impedem a união das pessoas.

A explicação teórica é simples. Se alguém nos fere e agasalhamos a vibração deprimente que é jogada, procuramos transferi-la agredindo uma outra pessoa e, esta, agredida, agride a uma outra, e assim sucessivamente. Se ao contrário, alguém nos agride e absorvemos a vibração descontrolada que nos é jogada, a atitude infeliz termina aí.

Da mesma forma, se alguém nos faz um benefício e, estimulados por essa vibração fraternal, favorecemos uma outra pessoa e esta, também o faz a outrem, e assim sucessivamente, o bem se espalha soberano.

No agrupamento familiar que nos congrega as emoções, somos chamados ao exercício da **aceitação** consciente, para que tenhamos bases e condições a fim de realizarmos um trabalho produtivo de construção de nosso destino e do destino do grupo espiritual que constitui a grande família em que encontramos ligações multisseculares.

### III

#### Compreensão

O exercício da virtude da **compreensão**. Continua os esforços iniciados na **aceitação**.

Partindo da aceitação de nós mesmos e dos outros, é preciso **compreender** as motivações mais profundas do modo de ser de cada um. Os mecanismos da vontade estão desenvolvidos desigualmente entre os participantes do lar. Uns conseguem definir com razoável disposição sua meta, ou um rumo. Outros sentem-se perdidos, apavorados, inseguros. O mundo mental cria imagens, sugere situações e desenvolve um entendimento muito pessoal acerca das coisas.

Toda essa engrenagem de comportamento exprime-se nas atividades de cada um. Compreendê-las não significa concordar com elas, necessariamente. Mas nos leva a separar a pessoa de seus atos. Essa divisão é indispensável para que possamos nos ajustar reciprocamente ou dilatar o esforço de espera e paciência.

Não é uma atitude fácil, nem gratuita. Deve ser planejada, pensada, testada, revisada, continuamente. Se as pessoas que querem praticar o mal, quase sempre desenvolvem interessante capacidade de planejamento e astúcia, por que o exercício e o treinamento das virtudes não pode decorrer de uma atitude consciente? Não podemos, diga-se logo, ligar essa sugestão aos estados infelizes de hipocrisia e falsidade. Trata-se apenas de disciplinar

conscientemente nossos recursos. Foi assim que os espíritos superiores transformaram sua imperfeição em perfeição.

## IV

### Realização

**Aceitar** é limpar o terreno.

**Compreender** é semear.

**Realizar** é produzir frutos.

Nos dois primeiros casos, embora atitudes altamente positivas e conscientes, podemos ficar no plano mental, no esforço verbal, no treinamento interior.

Na atitude de **realização**, atiramo-nos ao trabalho de reconstrução de nós mesmos em ligação profunda com os parceiros da vida familiar.

Aceitamo-los e nos aceitamos.

Comprendemo-los e nos compreendemos.

Mas não nos conformamos em permanecer em estado de potencialidade. Queremos usufruir dela. Pela **aceitação** verificamos que tanto nossos parceiros, como nós mesmos, somos formados da estrutura viva do amor, que está escondido nas barreiras de egoísmo e prejudicado pela visão distorcida da vida.

Pela **compreensão**, chegamos a identificar em nós e nos outros, a ânsia de encontrar meios e modos de canalizar nosso amor, mesmo nas atitudes menos felizes.

Na **realização** decidimo-nos à construção desse ideal, cortando, com lágrimas, sofrimento, renúncia e persistência, os laços de egoísmo e libertando o amor que existe em nós.

Na **aceitação** abrimos os braços, aproximando.

Na **compreensão** envolvemos o coração em vibrações amigas.

Na **realização** iniciamos a marcha, movendo os recursos da vontade para alcançarmos os objetivos eleitos.

## V

Quando nos desentendemos com alguém, criamos um mal-estar. Então as relações que eram fáceis, boas, amigas, se esfriam. Passados dias, concluímos que foi um desentendimento superficial, desnecessário, injustificado. Contudo, permanece uma barreira, um obstáculo. Olhamo-nos de longe. Desejamos uma aproximação, mas como fazê-lo?

Não raro, o relacionamento torna-se distante e frio por longo tempo, porque cada um espera o primeiro passo do outro. Ninguém quer se humilhar, “dar o braço a torcer”. Em outras ocasiões afirma-se que se “está cansado de ceder”. Todavia, como é alegre o momento em que, por nós mesmos ou pelo outro, decidimo-nos a deixar de lado essas tolices e dizemos “ dá cá um abraço, desculpe-me, eu te amo”. E rompemos o círculo dos desencontros!

Aplicada no relacionamento familiar, essa atitude representa uma forma necessária e suficiente para vencer muitos obstáculos, criando oportunidades para a renovação do sentimento. Não chegaremos a vencer os obstáculos sem enfrentá-los. Nem superar os desafios sem atendê-los.

O amor não nasce feito. É sentimento a desenvolver pelo exercício da vida. Centenas de milhares de lares se desfazem porque seus participantes esquecem esse princípio comezinho. Sonham com um amor entregue a domicílio, embrulhado em papel multicolorido de fantasias e sem exigir o menor esforço.

Se existe um princípio de simpatia e esse princípio, em tese, pode ser desenvolvido com qualquer outro espírito, pode-se transformá-lo numa ligação mais profunda. Se há atração, mesmo antipática, pode-se transformá-la em simpatia. A força do ódio é a mesma do amor, porque o espírito não é um ser compartimentalizado, com reservas de ódio e amor, humildade e orgulho, egoísmo e bondade. Ele é um ser pleno, uno, integrado.

Possuindo o potencial afetivo, direciona-o conforme suas concepções. Se o convívio de outrora criou mal-estar no relacionamento, devido a atitudes infelizes, podemos concluir que antes que esse desencontro existisse houve um momento de simpatia, de afeição, confiança. Agora é preciso restabelecer esse liame, restaurar essa aproximação positiva.

Para isso viemos a este mundo. Disso necessitamos para superar as imperfeições. Dessa atitude depende o desenvolvimento de nosso destino.

Diante dessa realidade, o lar, como ponto de encontro, é escola de aperfeiçoamento, que a concepção espírita transforma em suas bases para mostrá-la mais rica e atuante.

Sabemos que por mais estimulantes que sejam os apelos externos e mesmo por mais racionais as posições filosóficas que assumimos, por maior que seja a nossa fé religiosa, só existe uma transformação positiva em nós mesmos quando conseguimos aderir às novas ideias. Essa adesão compreende uma reavaliação global dos objetivos, sentimentos e modo de agir.

Feita essa avaliação e estabelecido o objetivo, inicia-se um período doloroso, angustiante, no qual tentamos realizar concretamente as metas escolhidas. Isso depende de uma perfeita sincronização entre reflexão interior, que determina modos e meios, que critica e estabelece prioridade, e a forma como nos relacionamos com os outros.

Porque qualquer avanço real no campo evolutivo é sempre **testado** pelos outros. Por mais que me sinta bom, superior, alcançando novos níveis de compreensão, nada terá sentido e poderá ser mesmo uma fantasia de autossugestão, se tudo isso não repercutir concretamente na reação dos que me sofrem o convívio.

É verdade que existe uma deficiência muito grande na comunicação da nossa realidade mais profunda. E que somos suscetíveis de interpretar erroneamente o que o outro nos quer

comunicar. Isso pode ser amenizado pelo exercício da sinceridade e da honestidade pessoal e a constante autocrítica, uns e outros, equilibrados pelo bem senso.

Por paradoxal que pareça, o fato de nossos propósitos estarem em constante teste pelos outros, não significa que devamos nos subordinar a esse julgamento. O julgamento dos outros é um dos dados de análise e não uma determinante do comportamento. Este tem que decorrer de um sentido interior de libertação, só conseguido, evidentemente, pela renovação constante do próprio indivíduo, que é sinal de amadurecimento, fruto da seleção de objetivos pelo uso consciente da vontade.

Costuma-se dizer que existem três dimensões de nossa personalidade: o que realmente somos, o que pensamos que somos e o que os outros pensam que somos. Mas devemos acrescentar que há também uma outra face: o que desejamos ser. Que é a mola propulsora de nossa progresso.

A distância entre o que somos e o que desejamos ser, constitui, quando equacionada positiva e construtivamente, o que chamamos de **angústia da vida**, que é estado estimulante e interior de quem estabeleceu um objetivo, tem ferramentas para executá-lo, mas ainda não maturou o suficiente para alcançá-lo.

## VI

Quando o indivíduo adere a uma nova ordem de ideias, como as que o espiritismo apresenta, torna-se religioso<sup>9</sup>. Podemos dizer que se reencontra e se redescobre. Quando essa faceta abre a consciência para o ser, ele compreende que daí para a frente assume uma nova posição diante da vida. Não dizemos “responsabilidade” porque essa palavra poderia sugerir uma certa dose de encargo pesado em demasia ou uma dolorosa, penosa e quase não compensadora jornada. Preferimos a ideia de que essa abertura espiritual sugere um novo padrão de vida e uma procura deliberada de ajustamento interior.

No lar o relacionamento procura novos níveis.

Ele = espírito. Ela = espírito. Filhos = espíritos. Somos irmãos pela natureza íntima. Somos parceiros pelo compromisso e encadeamento emocional. Estamos irremediavelmente ligados uns aos outros.

Começam os esforços por enquadrar as concepções antigas, arquivadas no subconsciente profundo, que definem cada um; os condicionamentos sociais em voga, refletindo o estágio médio ou pensamento das camadas dirigentes, com as novas disposições mentais e ideológicas.

Verdadeira reconstrução da vida, pede tempo, esforço e perseverança.

A religiosidade, entendida em sua substância mais lídima, reconstrói a esperança, por recolocar a presença de Deus no centro do universo, dando sentido de Justiça à vida. Por mostrar, nas suas bases científicas, que o espírito não é uma fantasia esfumada, mas um ser permanente, vencedor da morte, na imortalidade dinâmica. Por ensinar, nas suas conclusões filosóficas, o porquê das coisas.

Erguido em tais bases, o lar será diferente.

Na dor, encontrará respostas e reajustamento e seguirá certo de que o tempo será o desaguadouro de toda a amargura, porque permite o desabrochar do amor.

Será angustiado pela ânsia do melhor, mas não será aflito, porque sabe da bondade divina.

Absorverá os desajustes, pela aceitação e pela compreensão.

Vivenciará os ideais, clareando a vida, pela sublimação dos obstáculos e dos desafios no relacionamento entre os parceiros do ambiente doméstico.

No amor expandirá o potencial de felicidade íntima, na conjugação do esforço de todos no exercício do **servir**, não somente no círculo familiar, mas na participação ativa na comunidade em que está.

---

<sup>9</sup> No sentido de religiosidade.

Na morte compreenderá a grande transformação que descerra uma porta ampla de acesso à realidade mais íntima do espírito, sem que exista o fim, o nada, o esquecimento, mas uma mudança necessária e temporária.

Tais são as atitudes a serem construídas, uma a uma, como as peças de uma modelo para montar, que devem ser suportadas umas pelas outras até alcançar a composição final.

Esse lar não dispensará o diálogo em níveis maiores. Não desprezará a comunhão superior da prece, nem será indiferente aos princípios do respeito recíproco, da liberdade consciente e da energia amorosa.

Será paraíso não pela ausência de dor, de sofrimento, de angústia, de conflitos, de problemas. Mas pelo esforço abençoado em aceitá-los, compreendê-los e, a partir deles, realizar a construção de um novo dia para todos.

# 7

## O sexo no lar

“ São os mesmos espíritos que animam os homens e as mulheres”

“ O Espírito se reflete no corpo”.

**( O livro dos Espíritos, questões 201 e 217)**

Um dos principais, senão o principal, fatores que determinam a vida emocional do espírito é sua posição relativamente ao problema sexual. A importância do sexo não pode ser desprezada porque ele está na base do comportamento dos indivíduos. O equilíbrio, nesse setor, é sinônimo de amadurecimento moral, meta desejável, mas ainda raramente conseguida.

Entretanto, de nada auxilia nos escandalizarmos com os desvios sexuais da maioria das pessoas. Ajuda, se tentarmos compreendê-los. Porque a força sexual equaciona as aspirações dos espíritos, que nela encontram a canalização de suas emoções.

Na atualidade, encontramos-nos vivendo um período de desmitificação do sexo. Mas é interessante observar que se antes, como **tabu**, o sexo era **contido**, agora, em nome de sua liberação, é **exibido** como objeto curioso. Esperamos que, depois dessa transição, alcancemos um nível capaz de colocá-lo no seu devido lugar, sem traumas e desvios.

O sexo surge como elemento potencial na estrutura do lar. Desde o relacionamento do casal até a forma como ele sugere os filhos, analisando-os e estimulando-os de maneira positiva ou negativa, o sexo está como um problema emergente, que precisa ser encarado. Em vão tentam os pais ignorá-lo. Ele surge e desafia. A fuga a esse desafio motiva, sempre, problemas cruéis, na maioria evitáveis pelo diálogo.

Analisemos alguns aspectos dessa problemática.

## II

Ao atingir a puberdade, no processo reencarnatório, o espírito assume o governo de seus passos na vida terrena. Olha para fora de sua armadura física e começa a perceber o mundo.

A epífase, comandando o mundo emotivo, reabre as portas da sexualidade e ele recorda e retoma as experiências afetivas. Um frêmito percorre todas as fibras do ser. Um grito se avoluma no interior do espírito, à procura do amor.

Saltam as forças vivas da sexualidade. A mocinha se enfeita e se torna mulher. Seu organismo responde às exigências da mente, a pedir formas e meios para expandir-se no campo afetivo. Entram em funcionamento mecanismos atávicos, heranças encrustadas na consciência mais profunda.

Desde os olhos que tanto falam, aos maneios do corpo, aos seios, a mulher comanda o espetáculo das excitações sexuais, próprias do período juvenil. Há frescor de primavera.

O menino imberbe e desajeitado, começa a emplumar-se. Deve desempenhar seu papel de homem. Crescem-lhe os órgãos genitais. Uma nova realidade assume seu lugar na vida ingênua da infância. Sente-se compelido a procurar o sexo oposto. A conquista é a sua afirmação. Começa a preocupar-se com o corpo, a modelar-lhe as formas e precipitar-se na atividade física, para consumir as energias.

A sensibilidade feminina é mais abrangente. O sexo pede à mulher a consecução de um produto mais estável que o simples ato físico. A menina sente atração irresistível para a maternidade, para a construção de um lar. Os movimentos de libertação feminina, desencadeados nas últimas décadas, a par de contribuírem de maneira definitiva para estimular a plena participação da mulher na sociedade, libertando-a de discriminações e do atraso intelectual, fazendo com que ela traga sua sensibilidade para a solução dos grandes problemas humanos, tem se conduzido com pouco esclarecimento no que diz respeito ao sexo.

De um modo geral os apelos à libertação sexual da mulher pretendem minimizar ou marginalizar suas funções específicas no campo da maternidade, num procedimento injustificável em que se procura nivelar o comportamento sexual feminino ao masculino. A libertação pretendida tem levado a lamentáveis enganos. De um lado, à exploração do corpo feminino em consumo erótico, seja em cartazes de propaganda, em peças teatrais e filmes. De outro, a uma posição mental estereotipada na revolta e na frustração, que contradiz os impulsos naturais da natureza feminina.

Esqueçam-se as líderes feministas, talvez por portarem problemas interiores ou pela visão existencial deformada no materialismo, que o fato da mulher ser afetiva e sexualmente mais sensível não lhe diminui a força e o potencial; ao contrário. O aperfeiçoamento do relacionamento entre o homem e a mulher pede, sem dúvida, que aquele se eleve acima de contingências pueris e que esta se compenetre de sua natureza sensível, para que haja conjugação e associação emotiva e não posições antagonicamente manejadas, a título de conquista ou subordinação.

Não estamos defendendo uma atitude inautêntica para o comportamento sexual feminino, como até agora tem sido feito. Julgamos, porém, que existe a mesma inautenticidade quando se advoga a alienação, a não-participação, tanto quanto se descaracteriza a sensibilidade feminina, levando-a a procedimentos desequilibrados.

Revistas, artigos, contos, filmes, telenovelas, mostram mulheres livres, entregando-se ao prazer sexual, sem ligação afetiva mais profunda, vivendo em função das circunstâncias e do instinto. Essa falsa concepção de liberdade, perturba o desenvolvimento gradual da personalidade, submetida às modificações psicológicas em plena juventude, que por não saber discernir, cai frequentemente em ciladas emotivas. Porque doura-se a pílula e não se relata o fracasso e a angústia que a maioria suporta.

Se muitas conseguem reerguer-se de si mesmas, retornando com maior maturidade dessas aventuras, a maioria precipita-se em círculo vicioso. Prostituem-se, relacionam-se com homens destituídos de espiritualidade, à cata de emoções primárias. Distanciando-se da maternidade equilibrada, que lhes restituiria o senso, passam pela vida sem objetivos nobres, submetendo-se, muitas vezes, a relacionamentos que lhes deprimem o espírito. Isso tanto para as bem situadas financeiramente, quanto às mais pobres. Aquelas, não precisam de dinheiro para prostituírem-se. Compram o prazer e a companhia, ou permanecem adstritas à ociosidade. Umas e outras, contudo, são vítimas, não raro, da toxicomania ou atolam-se na delinquência.

Os rapazes iniciam-se na vida sexual, quase sempre inseguros e mal orientados. Muitos são levados a prostitutas ou a encontros irresponsáveis. Criam fantasias que verbalizam em conversa vazia. Consomem a pornografia, masturbam-se. Precisam demonstrar que são **machos**, para si e para os outros. Quantos não se violentam, entregando-se a libações que contrariam os sentimentos mais íntimos? A insatisfação e a insegurança tornam muitos deles cínicos. Incapazes de uma união satisfatória e permanente, percorrem bordéis, boates e inferninhos, penetram círculos viciosos, à cata de mulheres que profissionalizaram o sexo, que vendem seus corpos sem emoção. A intranquilidade se abate indiscriminada, sobre ricos e pobres, embora se manifeste diferentemente. O pobre contenta-se em aventuras mais ou menos passionais, ao acasalamento eventual. O rico entorpece-se com as luzes da ribalta de seu círculo ocioso, muitos se estiolando como solteirões ou divorciados, cheios de casos e aventuras, mas irrealizados e corroídos pelo tédio.

Constrange-nos citar esse quadro deprimente, mas sem dúvida real, a que se atiram homens e mulheres, de todas as idades, principalmente porque não desenvolveram um sentimento apropriado em relação aos instrumentos do sexo. Felizmente a maioria das pessoas não está catalogada nesse panorama perturbador, que cada vez mais lança suas influências sobre legiões de espíritos imaturos e desalentados, que procuram refúgio para a sensação de vazio que sentem, no comércio desequilibrado do sexo.

### III

Quando o sexo desabrocha, o espírito recorda inconscientemente seus estágios anteriores e na condição de homem ou mulher, enfeita-se, segrega energias sutis, envolvendo o parceiro. Quando a atração é mútua, tendem instintivamente para o colóquio sexual. No nível hominal, o sexo é gratificante e importante. Está relacionado com a carga emotiva, ideias, aspirações do espírito.

Se o sexo pede concretização pela reprodução das formas físicas, a cristalizar-se no filho, excede essa função específica, para transmudar-se em prazer. Nada há de vergonha no prazer sexual. É uma canalização estimulante, renovadora. Contudo, enquanto o prazer sexual for um fim em si mesmo, o homem e a mulher caminharão como linhas paralelas. Estarão muito próximos do clímax sexual, entrarão numa zona de ligação emotiva que os atrairá mutuamente. Mas somente o amor quebra o paralelismo da vida individual. Só o amor estabelece a comunicação real. O sexo subordina. O amor liberta.

O sexo não é amor. Mas pode transformar-se em seu instrumento. Daí a angústia e a insatisfação dos que perambulam nas províncias das sensações periféricas, nas ligações eventuais e mutáveis, trocando de parceiros ou fixados na irresponsabilidade afetiva. Falta-lhes esse elo de unidade profunda, definitiva, com o outro.

Todos os casais que tiveram um momento de amor, sentiram a diferença do momento sexual realizado ao sabor das emoções circunstanciais ou abrasadoras da paixão. Esta exaure e pode deixar um hiato de insatisfação. O ato sexual decorrente do amor abrange o espírito, aquece o coração, traz tranquilidade, sonho, alegria e esperança.

O sexo, não pode fixar-se apenas no ato físico e muito menos nos órgãos genitais. Ele transcende a esses condicionamentos para espraiar-se, abrangente, pelo cosmo mental, pelos canais da sensibilidade, gerando obras imperecíveis. Compreendemos que para atingir o estado de globalidade emotiva, amplamente gratificante a que nos referimos, muitas condições são necessárias, a começar pela legitimidade psicológica do ato. O espírito rejeita as uniões espúrias, ilegítimas, mesmo quando realizadas com criaturas muito afins. Porque a consciência dos valores estabelece um nível de dignidade. O ato libidinoso, o relacionamento de bordel, a união adúltera ou homossexual, são insatisfatórias em sua essência, ainda que dentro de lances abrasantes. Podem trazer euforia transitória. Mas contém um vício de origem que perturba e inibe a plena realização do espírito.

### IV

Como ajudar o jovem e os adultos na compreensão das forças sexuais? O problema não é fácil. Não existem receitas definitivas, estabelecendo um roteiro a seguir. Centenas de médicos, psicólogos, sexólogos, debruçam-se sobre o problema, tentando auxiliar os portadores de arritmias no domínio sexual.

Entretanto para a grande maioria, o sexo pode ser tranquilamente exercitado, sem traumas profundos. Para esses, uma orientação segura, através do diálogo franco, da conversação amigável, trará confortadoras soluções para problemas que, não devidamente esclarecidos podem tomar vulto desnecessário e assustador. O ideal será criar-se um clima de espontaneidade e alegria em torno do sexo. Isso dependerá muito do que o casal sentir e sublimar. Se a união sexual entre eles for insatisfatória e desprimorosa; se, por qualquer motivo, um dos cônjuges se sentir massacrado, aviltado, então, insensível ou evidentemente, transmitirá uma falsa idealização do sexo. E os filhos misturarão, imperceptivelmente, as emoções mais naturais da sexualidade com atitudes de infelicidade, amargura e tristeza.

Quando o lar consegue tomar o sexo no seu sentido mais santificado, o que não é sinônimo de repressão disfarçada por princípios religiosos ou falso puritanismo, pode desenvolver mentalidade aberta projetando na mente dos filhos uma idealização positiva da questão, ainda que não possa evitar que, na experimentação pessoal, encontrem problemas, mas que poderão resolver mais facilmente.

Sobre esse ângulo do problema, convém acrescentar algumas noções básicas, à luz do espiritismo.

### **1. Desmistificação do sexo**

Derrubar os tabus em torno da sexualidade, tem sido a tônica deste final de século. Examinemos a questão, para que possamos discernir sobre o melhor caminho.

Por desmistificação do sexo entendemos o esforço para compreender a força sexual, a fim de usá-la com dignidade em proveito próprio. Porque introduziram em nome dessa desmistificação certos comportamentos que, em última instância, desfibram o espírito. Se os tabus sexuais infelicitaram e infelicitam, pela ignorância, tantas pessoas, reprimidas de licenciosidade e irresponsabilidade, criando novas prisões mentais para o espírito?

Uma exata compreensão do sexo eleva o espírito, libera-o de traumas e medos. É uma função natural e como tal não deve, em si mesma, causar prejuízos. Contudo, é impossível separá-la de inevitável correlação moral. Moral e não de pecado. Moral significa comportamento e comportamento envolve outras pessoas.

A revelação da natureza espiritual do ser dá nova dimensão à função sexual, que passa a ter uma definição psicológica. Existe uma função nos mecanismos mentais, exprimindo sensibilidade, de qualquer grau. Existe sexo morfológico, compreendendo uma rede de interações nervosas, mentais, emotivas, caracterizada pelo comportamento feminino e masculino. Contudo, estão num mesmo nível de dignidade, embora diferenciados pelas funções. Cremos que isso coloca o relacionamento sexual numa posição superior, eliminando uma série de posições que se tornam injustificáveis.

### **2. Relacionamento pré-nupcial**

Desde a puberdade que as forças sexuais eclodem. Todavia, dentro dos padrões ainda vigentes, a sociedade tem sacramentado como lícita a união sexual apenas no casamento monogâmico. Isso não obsta que o homem tenha, desde sempre, exercitado o sexo antes do casamento, através de ligações eventuais, aceitas como naturais. À mulher, contudo, esse relacionamento tem sido impedido, intolerado. Perder a virgindade, na maioria das sociedades, é erro às vezes sem remissão. O homem que se relaciona antes do casamento é uma criatura normal. A mulher que o faz submete-se a discriminatório julgamento.

Entretanto, com o uso das pílulas anticoncepcionais, as coisas mudaram muito. Hoje são inúmeras as jovens que se entregam ao relacionamento pré-nupcial sem o “pesadelo” da gravidez. E em muitos países as leis estão sancionando o aborto, liberando da maternidade as que engravidaram nesse relacionamento.

Algumas questões podem ser colocadas. Um jovem, feminino ou masculino, desabrocha sua vida sexual aos 14 anos. Entretanto, só se casará aos 25. Ou não se consorcia. Será lícito exigir-lhe a abstinência sexual? Um jovem par namora desde os 16 anos. Sucedem-se os anos. Estudam. As perspectivas de uma união matrimonial são para quando atingirem 24 anos. Oito anos de carinhos, de convivência, de namoro e noivado. Ardem de desejo. Na sociedade atual, o rapaz poderia procurar uma mulher profissional. Mas não quer. Ambos preferem manter fidelidade. Seria menos penoso que se entregassem à união sexual, pré-matrimonial?

Creemos que sim. Dependendo, certamente, do ambiente doméstico, da forma como o problema for encarado e mostrado. Se disserem que talvez nem todos possam aceitá-lo, concordaremos. Porque as pessoas variam e isso não é novidade. Contudo, é preciso que tal entendimento seja desdobrado pela assimilação consciente do indivíduo.

Fala-se muito em repressão, em inibição da personalidade. Mas a realidade espiritual nos permite analisar mais cautelosamente as reações humanas, cotejando-as, deslocando-as do momento vivencial, para espaiá-las com maior amplitude, identificando causas e razões menos circunstanciais.

O fato reencarnatório, exprimindo a imortalidade e a experiência, introduz substancial modificação no equacionamento dos problemas. O jovem é um espírito vivenciado, embora justaposto e entrosado intrinsecamente com sua realidade atual. Se a explosão das forças sexuais perturba suas emoções, não quer dizer que não disponha de recursos interior para balancear os impulsos e estabelecer um roteiro. Ao contrário. Precisa ser estimulado, compreendido e ajudado, para assimilar a libertação da sua energia sexual, que não pertence ao organismo em que se manifesta, mas ao acervo de sua experiência emotiva.

A juventude libera as forças sexuais, mas não as determina. O espírito as possui como patrimônio seu. A canalização dessa energia é trabalho de educação.

Se alguém perguntar se o que desejamos é impor um comportamento ascético, reprimindo as forças vitais do sexo, responderemos com um sonoro **não**. Mas o que é não-reprimir? O que é deixar fluir, sem inibição as forças sexuais?

Se com isso se quer voltar ao estado de natureza, entendido como o império dos instintos, deseja-se unicamente a libertinagem, a permissividade e a loucura. Primeiro, porque o estado de natureza os animais e os homens já ultrapassaram esse limite evolutivo. Segundo, porque no estado de natureza os animais se portam com dignidade adequada ao seu nível procurando na reprodução e tão-somente nela o relacionamento sexual.

O homem é um ser em evolução e evolução quer dizer a sucessão de estados cada vez mais maduros na compreensão de si mesmo e da vida. Ora, se a sociedade, os homens e mulheres deste mundo, caminharam da poligamia para a monogamia, significa que a plena satisfação do espírito só se consegue com um relacionamento emotivo disciplinado, autêntico. Não se trata de uma redução do universo emotivo, aparentemente mais amplo na poligamia ou na multiplicidade do relacionamento. Mas do aproveitamento produtivo da energia criativa.

Diante disso por que não advogar uma disciplina emotiva para a juventude? Por que se há de dizer que o único caminho é um relacionamento indiscriminado, imaturo e prejudicial?

Certamente haverá os que se relacionam antes do casamento sem maiores transtornos. Os que mantêm a castidade. Os que exigem a fidelidade dos outros e consomem suas energias no relacionamento vulgar. Há todas as posições.

O que procuramos argumentar é que é perfeitamente possível manter-se equilibrado, canalizar suas energias de modo inteligente e não penoso. Para que a realização sexual se complete no casamento. Tanto para as jovens, como para os jovens.

Lembremo-nos de que mesmo entre os jovens que se entregam às ideias materialistas, a união sexual pré-nupcial tem trazido muitos problemas, embora digam que não encontram motivos éticos capazes de justificar a disciplina emotiva. O que dizer entre os jovens espíritas e religiosos em geral, entre os que tentam encontrar um horizonte espiritual para a vida?

Quanto ao problema da virgindade feminina, acreditamos que isso deva ser considerado um problema da própria mulher e não um pecado social. Quer dizer, cabe à mulher zelar por si e decidir seu caminho, no campo emotivo e sexual. Sua virgindade não pode ser um troféu que precisa entregar no ato do casamento. Se acreditamos que a maioria se preserva para a união matrimonial, não encontramos razões para condenar as que – por quaisquer motivos – se relacionem antes dos vínculos conjugais. E que, sobrepairando o afeto e o amor sobre outras quaisquer considerações, não vemos, em virtude disso, motivo para que não possam ter um ótimo relacionamento moral e sexual, numa união permanente.

Todavia é forçoso reconhecer que aqueles que analisam e sentem a vida de forma menos imediatista, isto é, numa projeção espiritual racionalmente estabelecida, hão de, forçosamente, pensar em estruturar seu comportamento da mesma forma.

### **3. Compreensão da transexualidade**

Um dos problemas mais angustiantes é a solidão emotiva, que ocorre quando um espírito psicologicamente feminino reencarna num corpo masculino e vice-versa. Essa anomalia íntima produz uma verdadeira tragédia, porque as tendências interiores contrastam com os instrumentos sexuais disponíveis e desenvolvem traumas de difícil compreensão, quando desprovidos do conhecimento da lei das vidas sucessivas.<sup>10</sup>

Muitos, dentro dessa prisão emotiva, não suportando a angústia, se estiolam em relacionamento homossexual, tentando, em vão, a realização afetiva.

Por mais que os homossexuais ativos se organizem e gritem por “liberdade”, por mais que se compreenda sua situação, não alcançarão a plenitude que procuram. Ao contrário, cada vez mais se sentirão violentados e solitários. Porque, muitas vezes, se entregam a relacionamentos inescrupulosos, sádicos e cínicos, em que indivíduos sexualmente frustrados, como eles mesmos, fazem o papel de parceiros sexualmente opostos, em caricatura de casamento e união emotiva desbalanceada.

Caracterizada como treinamento intensivo e doloroso, para a reavaliação das energias emotivas, no campo do relacionamento sexual, essa prisão afetiva, esse

---

<sup>10</sup> É preciso levar em conta as dificuldades, que eram muito maiores que as atuais na década de 70 do século XX.

drama psicológico-físico, chama o espírito para compor-se em procedimentos que o dignifiquem e não para desgastarem-se em atitudes lamentáveis.

Em vão tentam psicólogos e homossexuais, taxar de natural essa situação e não adianta a fantasia permissiva inventar um terceiro sexo. Ele não existe. Em verdade, na suprema afirmação de si mesmo, o espírito não possui sexo, conforme nós entendemos. Num ápice de plenitude somente alcançada em esferas superiores, inatingíveis pela nossa imaginação por falta de similitude, ele libertar-se-á dos condicionamentos, atingindo a unidade sexual. Por isso o terceiro sexo é um desvio<sup>11</sup>.

Aliás, esse é apenas um problema, talvez o mais evidente, no intrincado feixe de diferenciação do comportamento sexual. Nesse campo, o conceito de normalidade é extremamente variável e é preciso analisar e ajudar os jovens na definição de seu caminho, sem a pretensão de se estabelecer padrões rígidos ou figurinos que violentam o espírito.

Não tem sentido, em termos de compreensão espírita, certos estereótipos sexuais, em decadência até no plano das concepções materialistas, como o machismo masculino e a passividade feminina.

Sobretudo, homens e mulheres são espíritos, muitas vezes em transições sexuais morfológicas, guardando potencial emotivo diversificadamente desenvolvido.

Somente um clima aberto, não preconceituoso, pode animar a exposição e análise dos problemas, sem medos e sem condenações. Muitos jovens se arrojam aos comportamentos desequilibrados, porque não tiveram oportunidade de receber em casa a palavra amiga, o ouvido atento.

---

<sup>11</sup> Jaci Régis no livro *A delicada questão do sexo e do amor*, de 1999 trata do assunto em um capítulo e faz um comentário que me parece fundamental: “ Deve-se condenar a homossexualidade? Isso é inócuo. Como foi dito, ela existe e pronto.”

# 8

## Problemas do casamento

“ O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem”.

**( O Livro dos Espíritos, questão 701)**

O cristianismo desenvolveu o casamento monogâmico, indissolúvel, formado por aspiração divina e consagrado pelo poder da Igreja. Dessa tríade, o realmente positivo foi o casamento monogâmico. A poliandria e a poligamia são projeções primárias, porque atendem a interesses físicos.

A monogamia deve ser considerada, sobretudo, uma conquista do espírito, que aprendeu a selecionar emoções e a comandar sua vida emotiva. A união permanente de dois seres, sexualmente opostos, é uma condição de afirmação e aprimoramento emotivo que garante e garantirá a plena realização das aspirações superiores do espírito.

Além disso, no campo econômico, a família monogâmica se firma como a possível de sobreviver, conforme a sociedade se urbanizou.

O toque divino que foi dado à união conjugal, atendendo ao relativismo do pensamento religioso vigente, fez da família um **ente** antinatural, estruturado em deveres e direitos que, em muitas circunstâncias, violentaram os indivíduos. A indissolubilidade do casamento foi uma dessas consequências.

A Igreja concebeu o mundo como um lugar de exílio e deu à existência terrena o caráter de punição, dentro de uma estreita faixa de fatalidade existencial, na busca do céu. De acordo com esse conceito, foi correto estabelecer condições de indissolubilidade à união conjugal. Casava-se por imposição divina, porque Deus falava através dos reis, da Igreja e dos pais e todos viram nessa imutabilidade uma forma de expansão econômica e conservação do **status** social.

O casamento foi desvinculado das pessoas. Era e talvez seja, ainda hoje, para muitos, uma instituição a que se deve aderir por imposição social. Dentro de uma rígida concepção moral, transformaram-no, não raro, num processo que repetidamente aviltava homens e mulheres, compelidos a um relacionamento formal e polido, para uso externo, frio e afrontoso quando íntimo.

A tal ponto chegou essa falsidade que milhares de casais viveram toda uma existência – como ainda muitos hoje o fazem – em pura encenação, sem jamais conhecerem a satisfação integral no relacionamento emotivo e sem construírem uma ligação moral capaz de dar sentido à própria vida. Casaram, tiveram filhos, mantiveram a felicidade possível, envelheceram e morreram sem desenvolver liames que compensassem toda a convivência.

E isso é tão mais cruel quando sabemos da necessidade de todos os indivíduos encontrarem relacionamento compensatório, não apenas no plano físico, mas

especialmente no emocional em que as maiores alegrias e satisfações decorrem de uma ligação de ideias e objetivos maiores.

Esse relacionamento empobrecido, carregado de decepções e conflitos, decorreu, em parte pelo menos, da fixação dos objetivos existenciais finalistas, no campo moral. A mulher era preparada, desde cedo para ser esposa, isto é, além das prendas domésticas, que as de alta classe, tinham por desfastio e as outras por necessidade, deveria compreender os princípios de subalternidade, de obediência e de insensibilidade sexual perante seus maridos. Estes, desde crianças, eram treinados para se comportarem **como homens**, isto é, desenvolverem um tipo de procedimento em que a potência sexual, a insensibilidade (homem não chora), a decisão, o comando, eram exigidos. Tal esquema dava liberdade sexual ao homem e impunha servidão e fidelidade à mulher.

Essa sociedade sexualmente hipócrita, pois o sexo de Eva foi considerado a perdição de Adão, desdobrava-se em condições vexatórias para muitas mulheres e homens, levados ao casamento para cumprir acordos políticos, econômicos, pagar dívidas dos pais, ficando à margem, como meros joguetes de uma farsa montada para manter uma estrutura e para atender a interesses que, muitas vezes, não lhes diziam respeito.

## II

A pílula anticoncepcional trouxe uma nova dimensão para o problema do relacionamento sexual.

Embora os sintomas psicológicos, neurológicos e clínicos, desencadeados pelo seu uso, a maioria das mulheres, da classe média para cima, aderiu-lhe ao uso como uma fórmula de assegurar o prazer sexual, sem a contrapartida da gravidez.

Porque nesse ponto se caracteriza de maneira iniludível a especificidade da função feminina. Enquanto o homem se limita ao prazer, a mulher pode desencadear um processo procriativo. Tal é a questão fundamental nesse relacionamento: a decisão de continuar o processo, abortar ou não, fica, em última análise, com a mulher, que não pode liberar-se dessa função que lhe tipifica o ser.

A maternidade é uma condição definida no cosmo mental e físico, refletindo experiências milenárias. Frustrar-se a ela é uma atitude antinatural para a mulher. Frustrar-se a ela é uma atitude antinatural para a mulher. Seu sistema físico reage com extraordinário vigor aos apelos da fecundação, enquanto o clima psicológico entra em ritmo agitado de expectativa e a emoções determina modificações substanciais no comportamento. Por todos esses motivos, o aborto, como violentação do equilíbrio psicossomático, provoca inquietantes problemas na economia do espírito, a espalhar-se, em vidas sucessivas, nos aflitivos problemas da esterilidade e perturbações congênicas do aparelho genital feminino.

Mais fundamentais são as consequências espirituais. De um modo geral, a cada fecundação corresponde, automaticamente, um processo reencarnatório. Daí o envolvimento de outras inteligências, emotivamente, do mecanismo de renascimento pode provocar conflitos de gravidade variável, mas que, quase sempre, tocam o passional, gerando problemas que aprisionam o espírito a situações degradantes, sob a pressão do ódio, da vingança e do escárnio, presentes nas obsessões.

Antes do uso indiscriminado da pílula, muitas mulheres se inibiam ao relacionamento sexual temendo a gravidez, enquanto solteiras. Então, o casamento era uma e talvez única porta, dentro dos postulados morais da sociedade, para a consecução da união física.

Agora a mulher pode relacionar-se sexualmente, com grande probabilidade de não engravidar. Será que isso acarretará um esvaziamento na expectativa do casamento?

O problema do casamento não se localiza exclusivamente nesse aspecto, embora o relacionamento sexual satisfatório seja elemento basilar na união conjugal. Entretanto, o que é um relacionamento satisfatório? À primeira vista poderia julgar-se que isso dependeria exclusivamente da capacidade de alcançar a plenitude, no ato sexual. Contudo, verificamos e já o dissemos, que enquanto o prazer sexual for um fim em si mesmo, o casal viverá vidas mentais paralelas.

Um homem e uma mulher são duas entidades complexas e não simplesmente reduzidas ao sensório, ao prazer físico. São inteligência e emoção. O prazer sexual é parte importante do elenco emotivo do ser humano, mas não basta e não realiza o indivíduo em si mesmo.

Por isso o casamento não pode ser reduzido a simples jogo de prazer. Ele é um ato deliberado, a procura de um objetivo, muitas vezes diluído em conceitos confusos, em anseios não claramente definidos. É, não raro, uma atitude compulsiva, uma atração fortemente estimulada no interior de cada um.

No nível de evolução que atingiu a maioria dos espíritos estagiando na humanidade do nosso planeta, seria ilusão dizer-se que as uniões matrimoniais, mesmo consideradas dentro do planejamento reencarnatório, reflitam posições de superioridade. Algumas reúnem almas afins, profundamente ligadas no campo afetivo, na construção de uniões imperecíveis, na busca do amor. Outras agrupam almas relativamente simpáticas no aprendizado da doação e sublimação. Finalmente um bom número representa a agregação compulsória de criaturas em conflito, atraídas por relações morais deprimentes, em experiências anteriores. Quaisquer que sejam esses tipos, numa escala crescente de dificuldades, trazem problemas de afirmação, chocam-se com intensidade diferenciada. As que caminham para o amor, não precisam acionar as forças do perdão, porque os mecanismos de doação em que se alimentam, superam divergências e retificam desvios.

Os demais são compelidos a constante trabalho de humildade e compreensão para que a convivência se torne suportável e estimulante, dependendo do esforço e da conscientização que alcançam.

### III

Somos levados a lembrar constantemente que esses fatores da realidade reencarnacionista, não podem ser tomados como uma determinante insuperável no relacionamento familiar. Ao contrário. Como já frisamos, devem ser considerados como elementos positivos de análise e absorção de conflitos, na retificação do destino. Devemos ponderar que a maioria dos problemas de relacionamento não são devidos e projeções de fatos passados, como uma força incontável e externa, impondo comportamentos. Os choques, as desavenças e conflitos decorrem invariavelmente do sentimento de cada um, na forma como se coloca em relação ao outro. Os fatos do passado, são uma espécie de pano de fundo, reforçando situações, mas, repetimos, não determinam o comportamento.

Fora da visão espírita, contrapõem-se, hoje em dia, muitos argumentos contra o casamento. Se é fato não desmentido que a maioria absoluta procura na união permanente uma forma de relacionamento que satisfaça suas necessidades emotivas e intelectuais, há quem pretenda desmerecer essa aspiração, através do apelo ao erotismo desenfreado.

Supõem-se que o relacionamento sexual descompassado do casamento seja salutar e se tornará comum com a destruição dos vínculos conjugais e, portanto, da família. Levantam-se todos os pontos negativos da união conjugal. Atribui-se o sucesso nessa empresa, à sorte, pois é comum ouvir-se que o “casamento é uma loteria”. A tônica materialista no comportamento rompe com a responsabilidade e apela para as emoções, como se o horizonte da animalidade e a vida fosse uma inutilidade.

Certos analistas dos problemas humanos, que pretendem soluções simplistas para as angústias do indivíduo, desprezando sua realidade espiritual, já providenciaram o que julgam capaz de remediar os conflitos: o livre relacionamento sexual da mulher garantido (em parte) pelo uso da pílula anticoncepcional e o aborto como norma legal.

Incentivam as ligações semipermanentes de jovens que optam por uma convivência sem vínculos legais, multiplicando experiências e a limitação dos filhos a um mínimo para que não constituam um ônus para os pais.

Essa aparente racionalização do modo de viver, livrando as pessoas de condicionamentos impostos pela pressão religiosa e pela concepção cristã da vida, conduz a uma posição radical tão prejudicial quanto a que se pretende superar.

Não se pode afirmar, como já vimos, que o indivíduo seja fruto do meio e produto de condicionamentos, sem aspirações, sem experiências existenciais acumuladas. Homem e mulher são unidades espirituais autônomas, emotivamente definidas e exprimem estados próprios de necessidades de compensação vibratória. Essa necessidade determina **procura** de companhia que satisfaça às aspirações íntimas e reflète a **busca** do amor. Condição básica de ser espiritual, indiferentemente ao aspecto biológico da expressão sexual, garante a continuidade do relacionamento interpessoal a nível de dignidade e respeito recíproco. O círculo de ligações morais estabelecidas no decorrer das experiências vivenciais, através do tempo, forma o que chamamos de **família espiritual**, uma agregação de espíritos ligados emotivamente e

que constitui a base de continuidade do núcleo familiar humano, a despeito de todos os apelos à degeneração dos costumes.

Consideramos, contudo, que a tentativa de reprogramar a união conjugal, representa uma necessidade de ajustamento para que consigamos construir novas metas e novas idealizações para o casamento. O convívio é um desafio, um aprendizado, uma disciplina, desagradável se não aceita, e sublimada, produtiva, quando admitida em níveis de compreensão superior. A monotonia, o tédio, a rotina de que o casamento é acusado, decorrem exclusivamente da desmotivação interior dos cônjuges, que perdem a existência no cultivo de mitos sociais e humanos, como a projeção social, a posse de bens materiais, as questões egoísticas e raramente se descobrem um para o outro.

Diz-se que os casamentos diminuem. Mas isso não espelha a realidade. A união permanente<sup>12</sup>, a procura de uma satisfação emocional é aspiração natural, espontânea do espírito. A sua não-realização, frustra, esvazia, entedia a existência.

O que observamos é um número talvez expressivo que se rebela contra o casamento legal e outro, menos numeroso, que se insurge contra qualquer ligação permanente.

Esses grupos, porém, refletem estados de comportamento anormais, embora nem sempre errados. Como os que pretendem uma união natural, sem vínculos jurídicos, para que se sintam libertos, embora adotando a convivência prolongada, às vezes por toda a existência, com parceiros de outro sexo. São casados sem papel passado. Enfrentam a problemática sem a “segurança” e a “responsabilidade” que parecem advir da assinatura de um termo legal. Até que ponto essa reação é válida, não é possível medir. As leis sociais são mutáveis<sup>13</sup>. A necessidade de situar-se à margem dos padrões sociais, pode representar uma atitude positiva. Mas também desnecessária. É uma questão de bom senso.

Há também outras anomalias. Como certos grupos inquietos e matizados por problemas de afirmação que procuram sucedâneos e tentam experimentos capazes de satisfazer seus conflitos. É o que acontece, por exemplo, com os que pretendem realizar “casamento coletivo”, baseado na comunhão sexual indiscriminada de vários homens e mulheres, que intercambiam-se em experiências sem guardas ligações interpessoais permanentes.

Catalogamos essas experiências como espúrias e insatisfatórias pois não permitem o desenvolvimento de uma unidade psicológica e um relacionamento gratificante, inibindo o desabrochar global da personalidade, descaracterizando-a e retirando-lhe os fatores de identificação básica.

Essas ponderações são também válidas para os que pretendem “casamentos” de pessoas do mesmo sexo, que se veem atualmente, constituindo lamentável expressão de desequilíbrio interior, motivada por fatores de inversão sexual,

---

<sup>12</sup> Por decisão do STF em maio de 2011 foi tornada legal a União Estável.

<sup>13</sup> Esta situação foi contornada com a união estável, utilização de planos de saúde, herança e cuidados com os filhos estão hoje preservados por lei. Jaci já alertava para o que os legisladores acabaram por resolver no Brasil.

insuficientemente absorvidos pelos protagonistas. Tais casais, permanecem atraídos magneticamente, encontram-se frustrados pela impossibilidade da verdadeira comunhão sexual, que para ser completa não se fundamenta em excitações físicas, exclusivamente, mas num contexto biopsíquico diferencial, que na atual posição evolutiva do grupo humano, só encontra contrapartida ideal na conjugação dos sexos opostos.

Finalmente temos os que se insurgem contra o casamento por permanecerem adstritos a uma concepção hedonista de prazer, apresentando desajustes interiores, que os incapacitam para um mínimo de estabilidade pessoal, capaz de elevá-los a um relacionamento maduro e adulto com outras pessoas. São mentes que não cresceram suficientemente.

#### IV

Das coisas que formavam a equipagem da fábula familiar pouca coisa resta, pelo menos na sua significação primitiva. Entretanto, outros valores foram e serão admitidos na concepção humana. E talvez sejam os valores que realmente importam. São os que vêm preencher necessidades fundamentais do indivíduo, satisfazendo, simultânea e equilibradamente, seus anseios de união e preservação de sua dignidade.

Referimo-nos ao amor. Até algumas décadas atrás, a questão do amor na união conjugal e na constituição da família, não era importante. Diríamos que era eventual. Se fosse o caso de duas pessoas se casarem e também se amarem era ótimo. Mas não essencial. Havia um mecanismo social, uma continuação de tradições, um “modus” que condicionava as pessoas ao casamento, dentro de estruturas bastante impessoais.

Agora não se quer admitir tal coisa.

Embora a imaturidade no relacionamento efetivo continue como uma constante no mundo, talvez porque as emoções do sexo e da afetividade tenham lugar especialmente na juventude, pode-se dizer que agora pelo menos se tenta fundar a união conjugal dentro de critérios de amor. Mesmo as muitas dificuldades e algumas levandades que são encontradas no prematuro esfacelamento da união conjugal mostram que a tentativa de buscar uniões baseadas no amor são mais abundantes do que nunca.

Para isso contribuíram, sem dúvida, os ideias de libertação da mulher. A mulher, ascendendo ao nível de consciente participação e cogestão familiar, exerce influência decisiva na reformulação dos conceitos em que se baseava a unidade conjugal. Temos então condições para esperar um nivelamento de relações e o desencadeamento de uma busca comum.

Para alguns isso parece não ser importante. Porque jamais analisaram como se processa o relacionamento entre cônjuges, no campo sexual, no nível das decisões e propósitos. E isso porque convencionou-se que no casamento devem acabar as “ilusões”, significando que o indivíduo deve deixar de ser ele mesmo, de procurar a

concretização de seus ideais, para “fazer a vontade” do outro, o que representa a completa alienação da individualidade e só pode gerar insatisfação e revolta.

Figuremos a união conjugal fundamentada nos conceitos ainda em vigor para a grande maioria e verificamos que, não raro, dois espíritos potenciais, criados para a plena participação na agitação do Universo, em escala criativa, “renunciam a si mesmos”, em acomodação total, em alienação de seus valores, para manter um estado de coisas, em nome de certos convencionalismos, estatuídos por moral cedida e insustentável.

Tudo se passa, nesses casos, maquinalmente. Mesmo quando existe uma grande simpatia, até amor, o espírito se sente prisioneiro, irrealizado, forçado a comportar-se, a agir tolhido. Não se trata de um ajustamento saudável, nem de concessões plausíveis, ou de suportar certos problemas, no caminho da aceitação do outro, na compreensão e realização de um programa de interação pessoal, espírito a espírito. Mas de frustração de maceração interior, de repressão pura e inútil da criatividade, em nome de preconceitos, tradições e, sobretudo do egoísmo recíproco ou da prepotência de um sobre o outro.

A insatisfação pessoal se mostra no silêncio mútuo, na conversação monossilábica, nas atividades descontroladas, na busca de prazeres, na fuga para um ausentismo existencial, cristalizado no apego às minúcias, aos programas de televisão, às festinhas, ao jogo de cartas, formas ingênuas, mas que para muitos são a única válvula de escape para mascarar, se possível fosse, a inutilidade da própria vida.

O relacionamento sexual, por sua vez, registra as mais variadas formas de expressar o amor e o desamor. A não ser nos casos patológicos de desvios excepcionais, o relacionamento sexual sem amor redundará inapelavelmente na insatisfação, quase sempre disfarçada ou sublimada na procriação. Rotinizado o relacionamento a mulher submete-se ao ato sem participar e o homem apenas ejacula e exaure-se, sem participar e o homem apenas ejacula e exaure-se, sem que ambos alcancem um mínimo de contrapartida emocional, num gesto que se tipifica com o afrouxar da paixão.

Portanto, a salvação do casamento está no cultivo do amor. Não o amor-metáfora, mero pretexto para poesias e canções populares. Mas o amor-construção, que pede aperfeiçoamento para que a paixão se converta em participação, o desejo se transubstancie em doação, a posse em compreensão, o ciúme, a prepotência, a subalternidade sejam alijados da convivência, pelo cultivo do respeito recíproco.

Isso supõe um clima de liberdade na execução da vida matrimonial. Somente quando crescermos o suficiente para nos compormos em respeito e entendimento da liberdade do outro, não por sofismas, mas por ações, atitudes e mentalidade efetivamente liberais, é que teremos atingido um ponto em que as uniões conjugais propiciarão satisfações compensadoras.

Estamos refletindo um entendimento de liberdade que se caracteriza pela extrema positividade do comportamento centrado no outro, mas não subordinado ao outro, que implica num fluxo consciente e reconfortante de doação, porque isso faz bem, cria estados interiores de compensações emotivas superiores e não porque isso

seja imposição do sistema ou represente um sacrifício. Que conduz ao servir, mas não ao servilismo; que cede com alegria e não se degrada pela hipocrisia.

Seria lamentável se supuséssemos que a liberdade entre duas pessoas representasse negligência no relacionamento e propuséssemos a entronização da anarquia emotiva ou da irresponsabilidade como norma de vida. Em qualquer processo de interação, inter-relacionamento, de integração, é inevitável o ajustamento dos participantes a um nível de compromisso e entendimento. Fora disso não se completa o ciclo integracionista no campo psíquico, emotivo, intelectual, humano.

Então, o problema do casamento começa na definição do porquê da vida, se expande na concepção existencial de cada um, entrosa-se na compreensão reencarnacionista, pela qual nos reunimos, no matrimônio e na família, atendendo aos princípios de afinidade, dentro do “continuum” da Vida Imortal. Isso quer dizer que a unidade familiar, a partir do casamento, é uma construção em que se empenham o homem e a mulher. Cabe-lhes escolher a maneira de executar essa construção: de alicerces firmes ou sobre a areia; na inconsciência de paixões e motivações periféricas, ou assumindo um ao outro e desdobrando-se em atividades concretas no campo da liberdade responsável.

É razoável pensar que, mesmo diante da realidade existencial que a reencarnação desdobra e talvez por isso mesmo, o amor seja a meta de ouro a ser concretizada no casamento.

Um jovem e uma jovem, ainda que espíritos vivenciados, refletem a pujança, anseios e os sonhos que permanecem como patrimônio potencial do coração. As emoções do amor que os aproximam para a união matrimonial, indicam-lhes sensações que pretendem manter indefinidamente. Para isso, contudo, precisam socorrer-se de instrumentos de dignificação recíproca, porque o amor pede amadurecimento e crescimento mental para se projetar em criações imperecíveis, sem que para isso seja necessário **renunciar**, no sentido negativo dessa expressão, à personalidade, aos valores, mas convergindo-os, por um ato de vontade, que pressupõe liberdade, num mesmo e deliberado objetivo. Então se exerce o direito da **renúncia**, quando significa a seleção consciente dos caminhos eleitos, com o abandono de tudo quanto não importa à execução das metas desejadas.

Enfim, o casamento não pode representar um ninho egoísta, de compensação emocional restrita, onde cada um **suga** o alimento emotivo do outro. Ele só alcançará a plenitude, quando for a base para o desencadeamento de atitudes e atividades em que o espírito se expanda e realize seu projeto de felicidade, que certamente estará baseado na ampla participação, a começar nas estruturas abertas do lar, na construção de uma sociedade mais justa e fraternal.

# 9

## **Analisando o divórcio**

“Em primeiro lugar as vossas leis estão erradas, pois acreditais que Deus vos obriga a viver com alguém que vos desagrada?”

**(O Livro dos Espíritos, questão 940)**

Na análise da questão do divórcio<sup>14</sup>, começamos dizendo que se ninguém é obrigado a viver com quem não goste, às vezes é preciso fazê-lo.

O espiritismo não poderia concordar, por trair suas bases, com qualquer sistema em que o indivíduo sofra irremediável coação de sua vontade, por pressões sociais ou religiosas. Isso é básico.

Seria irrefletido, porém, analisar as realidades pessoais e grupais da atualidade espiritual da humanidade, sem um critério mais cauteloso. Homens e mulheres, somos espíritos relativamente imaturos. Estagiamos em níveis de emotividade bastante precários. O amor é, ainda, uma aspiração e se concretizar, em meio às explosões de egoísmo, refletindo despeito, ciúme, leviandade, ódios. Em verdade, nesse terreno, estamos muito mais próximos do passional do que do racional.

Julgar, pois, que tenhamos atingido um clima de autenticidade capaz de ceifar definitivamente as uniões conjugais relativamente imperfeitas, seria admitir o improvável.

Por isso, sobre existem duas posições, perfeitamente conciliáveis. De um lado, a liberdade plena de tomar uma decisão. De outro, a responsabilidade de julgá-la conveniente.

Certamente todos procuram a felicidade no casamento. É natural. Quantos, todavia, alcançamos um nível de respeito à liberdade do outro, aceitando-o como é, suportando-o, tanto quanto seja necessário? Sob o ponto de vista reencarnatório, o companheiro difícil, não raro, pode ser o agente de nosso reequilíbrio, exigindo paciência, maturação e perseverança para que a convivência, embora não compensatória, seja levada até o limite das conveniências do nosso programa evolutivo.

Fazemos estas considerações, sem qualquer objetivo de obstar ou anatematizar a pretensão de muitos casais que tendem a procurar motivações fora dos ajustes que iniciaram. Reconhecemos que certas separações são claramente justificáveis, embora em qualquer caso importem em traumas que marcam o espírito.

Nem pretendemos afirmar que esse ou aquele **tem** que aguentar isso ou aquilo. Refletindo sobre a relatividade de nossa personalidade em formação, medimos a responsabilidade diante da realidade reencarnacionista e projetamos a continuidade da vida, para que a questão do divórcio não sirva de amparo à fuga, à leviandade, em

---

<sup>14</sup> 28 de junho de 1977 foi aprovada pela emenda do senador Nelson Carneiro. Tornando legal no Brasil o divórcio.

nome da dignidade e de princípios de liberdade. A liberdade não significa ruptura, mas o exercício da escolha conscientemente decidida.

A fragilidade conceptual do espírito humano, em virtude de sua relativamente curta permanência em níveis de consciência racional, é evidente.

As informações que nos vem do plano espiritual indicam que sobre o período de 1 bilhão e meio de anos na irracionalidade, o espírito humano, em média, possui 200 mil anos de racionalidade. É recente sua paulatina libertação da poligamia. De um modo geral estão muito marcadas as tendências sexuais de posse indiscriminada e satisfação a nível das sensações físicas.

Queremos frisar, apenas, a situação real do espírito humano, na atualidade, para que não venhamos a dar razão à avalanche de atos insensatos, que desencadeiam processos de desagregação conjugal, baseados em aflição e desequilíbrios, sem causa específica, mas que correm por conta de aspirações imaturas de felicidade pessoal. Isso se traduz em intranquilidade e incapacidade de perseverar, esperar e superar situações, em virtude de atmosfera permissiva que de certa forma, sanciona, como legítimas, atitudes levianas.

É inegável que a precisão ou lassidão do pensamento social exerce ponderável influência sobre uma camada de espíritos que se retraem ou estimulam, conforme o clima seja favorável ou desfavorável a determinadas atitudes. Se a sociedade é permissiva, a irresponsabilidade potencial de muitos não encontra barreiras. Sentindo-se aceitos, partem para decisões precipitadas; não suportam contrariedades, que quase sempre eles mesmos desencadearam; entediam-se de deveres e compromissos; não se esforçam por superar e sublimar insatisfações.

Multiplicam-se as experiências conjugais, sancionadas ou não pela legislação vigente. Lares são montados e desmontados. Filhos trocam de pais, desencadeando problemas e traumatizando o espírito. Às vezes, essas separações são baseadas na agressão verbal ou física, criando fossos de ódio, exigindo reparações. Outras, lançam o parceiro em abismos de loucura ou prostituição, por fraqueza ou desequilíbrio emotivo e até por problemas de sobrevivência.

## II

No problema do divórcio verificamos posições antagônicas, partindo de premissas evidentemente diferentes. De um lado, os antivorcistas atribuindo a união conjugal à determinação divina, sacramentada pelas igrejas. Nesse caso, “o que Deus uniu, não desuna o homem”. E acreditam que, sob quaisquer condições, o casal deve continuar junto, seja para não romper com uma determinação divina, ou para manter a unidade do lar, com vistas à educação dos filhos. Em outras palavras, quem divorcia-se comete “pecado”.

De outro, os que baseiam numa apreciação pessoal do problema. O casamento é, para eles, um ajuste suscetível de ser reexaminado, porque a convivência mostra aspectos insuspeitos no comportamento dos cônjuges. E afirmam que manter um

casamento sob bases de hipocrisia e para simples aparência é, no fundo, uma imoralidade. Então, concluem se o casamento não deu certo, se a vida em comum se tornou insípida e até insuportável, por que continuar? Quanto aos filhos, embora sofrendo os impactos da separação, acreditam que esta será para eles melhor do que viver num clima falso, de tensão e desequilibrado.

Muitos casamentos são desfeitos porque um dos cônjuges encontra um outro parceiro, introduzindo em suas vidas penoso processo de afirmação e desgaste. O problema da fidelidade conjugal apresenta-se como uma questão importante. Se se encontra um novo amor, dizem estas pessoas, parece mais moralizante, se houver um comprometimento compulsivo, reconstruir a existência em bases de lealdade, do que permanecer no adultério.

Todas essas considerações, tanto dos ante, quanto dos pró-divorcistas constituem, em verdade, racionalizações de problemas cuja equação não é tão simples, porque a emoção nos define o destino. O relacionamento entre duas pessoas não pode ser levado a uma posição de importância secundária. Ele repercute de forma profunda e marcante no interior do espírito e a leviandade nesse campo representa, invariavelmente, o desencadeamento de processos de desequilíbrios emocionais que superam o tempo.

Já demonstramos suficientemente que sob o ponto de vista da reencarnação, nossas existências terrenas não representam meros acidentes biológicos, mas segmentos de um processo de maturação espiritual, de acumulação de experiências. Se é verdade que esse fato não retira a capacidade de decidir, que o livre arbítrio garante ao homem, mostra-lhe, contudo, um novo prisma na compreensão dos fatores existenciais.

É sob esse ângulo que os problemas devem ser examinados, de modo a não se tomar medidas ou decisões precipitadas. Todos sabem que o divórcio é um recurso e não uma solução para os problemas emotivos.

Não seria possível analisar todos os fatores pessoais e interpessoais que determinam o comportamento dos participantes da união conjugal. O certo é que, em muitas ocasiões e com reações variáveis, explode toda a gama de desacordo e de angústia, de deserção e irresponsabilidade, de desrespeito à dignidade e de massacre de sentimentos, de desinteresse e esfriamento, determinando rupturas e choques.

Seria infantil afirmar-se que “tem que ser assim” ou “é preciso aguentar, custe o que custar”. Tanto quanto seria insensato apressar-se na busca de soluções simplistas. Todo relacionamento exige flexibilidade e um certo tempo para maturar.

Em muitos casos, iniciada a convivência, os casais chocam-se quase sempre por inadaptação e falta de diálogo. Surpreendem-se, muitas vezes, com a personalidade do outro, que gostariam que fosse diferente, isto é, que se comportasse dessa ou daquela maneira, quase invariavelmente, que satisfizesse desde os caprichos até a plenitude do prazer físico. E isso não acontece amiúde.

Por quê? A resposta, simples e pura, é porque não se dão em amor um para o outro. Mas essa simplificação certamente não ajuda muito, porque nos pormenores da vida diária, há pequenos fatores que desgastam e que são gotas d'água a minar as

bases do relacionamento. Entregam-se muitos a um esvaziamento progressivo do entusiasmo e a fixar-se no lado negativo das coisas. Acostumados a manterem-se fechados no reduto da própria consciência, sem treinamento para comunicar sentimentos de maneira tranquila, armazenam queixas, frustrações, azedumes, para colocá-los para fora nas explosões de raiva, nos momentos de desacordo, ferindo-se mutuamente ou descarregando um sobre o outro a carga reprimida de desencanto e mágoa.

A maioria começa a vida conjugal na juventude. Já vimos que o espírito humano é imaturo e embora vivenciado em múltiplas experiências reencarnatórias, assimila os períodos da vida física, mantendo-se, em geral, demasiadamente ligado às características dos períodos etários. A falta de um modelo espírita para a vida, a maioria contenta-se em permanecer mais ou menos estúpida na infância, mais ou menos tediosa na maturidade e invariavelmente desiludida na velhice.

Na sociedade de consumo em que vivemos, a juventude pensa que ser alegre é **curtir** um som, desprezando os valores do espírito, absorvendo ideias de terceiros sobre o relacionamento sexual, o casamento, a família, vivendo, é verdade, os dramas dos próprios lares.

Mas não pode, a despeito disso, deixar de envolver-se emocionalmente. E seja dessa ou daquela maneira, acaba por consorciar-se. Dois jovens – um homem e uma mulher – vão viver juntos! Pensam, a princípio, que a convivência na cama, nos atos sexuais contínuos, cobrirá todas as necessidades pessoais.

Descobrem, contudo, que é preciso algo mais. Que a vida de relação não é uma brincadeira, nem uma **curtição** ocasional. Quantos, diante de tal realidade não se precipitam em fuga lamentável, alegando problemas infantis, para as grandes decisões do espírito? Os que conseguem, porém, vencer essa transição, compatibilizando sonhos com realidade, constroem, muitas vezes, uniões relativamente duradouras e então encantam o mundo com novas contribuições, a partir da força da juventude e do amor, que começam a desenvolver em si mesmos.

### III

Temos os casos em que, depois de muitos anos, o casal entra em crise. Não existe adultério. Nem novas ligações afetivas. Apenas um cansaço, um tédio, uma incompatibilidade de convivência. Cada um, ou pelo menos um, reconhece os valores do outro. Mas parece que não dá mais. O coração está seco. A conversação impossível. O dia a dia insuportável.

As vezes o parceiro é surpreendido por essa situação. Como? Pergunta. Onde errei? Por que só depois de tantos anos é que não sirvo mais? E, quase sempre, rebela-se, maltrata, agride.

A tensão cresce e o casal separa-se ou então coexiste no espaço doméstico, mas não convive emotivamente.

A causa mais profunda disso é uma realidade lamentável: ainda que coexistindo, trabalhando juntos, criando filhos, por longos anos, muitos casais nunca se deram um ao outro.

Desprezaram-se profundamente, embora certas gentilezas formais. Há certos homens que escarnecem de pequenos gestos e muitos evitam abrir-se a um relacionamento autêntico. São trabalhadores, **não deixam faltar nada em casa**, têm um estrito sentido de família. Mas não são companheiros, não envolvem a esposa em laços de afetividade natural. Surpreendem-se quando esta se cansa.

Há mulheres que são ótimas donas de casa, cuidam da limpeza, da comida e da roupa. Extenuam-se em providências quanto à higiene e saúde dos filhos e do marido. Contudo, não dão ao companheiro o alimento emocional da doação de si mesmas, como pessoas.

Sintetizando, há casais que coabitam quase **impessoalmente**. Exercem uma função, mas não se **encontram** no relacionamento pessoa a pessoa.

#### IV

Quando, sofrendo problemas de desajustamento emocional e familiar sob a pressão da insatisfação, da desilusão, ferido, magoado, intranquilo com sua situação conjugal, o homem ou a mulher pergunta, ao ser aconselhado a esperar, compreender, superar: **e eu?** Por que **devo** renunciar? Por que **tenho** que permanecer, se quero ir? Qual a causa que deve me reter junto de alguém que não me satisfaz, se quero ficar só, ou lá fora alguém me fala mais de perto ao coração? Não tenho o **direito** de refazer, de reconhecer o erro? Ficar não seria **hipocrisia**? Como condenar-me à amargura para o resto da vida? Ficar e ser infeliz, inautêntico?

Tais são as questões colocadas pelas pessoas vivendo o problema. Não pretendemos argumentar, porque cada um deve encontrar seu caminho, mas nas páginas deste livro temos levantado questões e apontado opções para a reflexão de quantos estejam envolvidos nesse quadro.

Contudo, voltamos a dizer, como no início deste capítulo: ninguém é obrigado a viver com quem não gosta, mas às vezes é conveniente fazê-lo, se isso, naturalmente, não obrigar a posições realmente insustentáveis, no campo do equilíbrio mental, na preservação da vida física e no limite da dignidade do espírito.

O que se conclui da análise da maioria dos casos que levam à desagregação da vida conjugal, é uma certa inaptidão para a vida a dois.

Pensa-se que **a vida a dois** representa um estreitamento de existência, dentro de exigências recíprocas. A **vida a dois** deveria ser a somatória de vontades, para fins objetivos e não a amputação da criatividade ou a mutilação dos anseios íntimos. **Vida a dois** deveria ser a conjugação do verbo servir, no aprendizado diário, com a desaceleração de tudo quanto não interessa à convivência e a aceleração de atitudes e comportamentos que interessam a ambos. Não seria, propriamente, uma renúncia ou

**concessão**, quando tomadas no sentido de perda, de flagelação interior. Seria uma composição consciente, com a seleção de atitudes que conviessem ao convívio de dois espíritos livres, unidos por vontade positiva ou por injunções de atitudes menos nobres no passado. Em qualquer caso, embora diferencialmente, os interesses são mútuos e estimulantes.

## V

Mas, se vencidas todas as tentativas, superadas todas as renúncias e esperas que sejam convenientes ao espírito, não houver outra alternativa, a separação se concretiza, com o saldo de amargura e lágrimas.

Nesse caso, o que se tem a fazer é continuar a viver. Alargar os horizontes, evitar o envolvimento em ódios e contendas e, na medida do possível, procurar um entendimento fraternal, o amparo moral e financeiro, se for o caso, à dignificação do outro, qualquer que sejam as causas do rompimento.

Caso um outro lar seja erguido, que seus alicerces sejam de autenticidade dos sentimentos, de procura de relacionamentos sinceros, para que a nova experiência traga frutos de paz e de construções para novas tentativas, de modo a preparar o espírito para novas tentativas de reaproximação e amparo, no grande fluxo da vida imperecível.

De forma alguma desprezar os filhos, mantendo liames de afetividade e dar o melhor em atenção e auxílio, de carinho e diálogo, de sustentação e amizade. Tanto quanto será imprescindível tentar compreender o companheiro que se foi ou ficou, procurando entender seus motivos e atitudes.

A vida continua e certamente um outro encontro será promovido.

# 10

## Olhando o futuro

*“ Há o progresso regular e lento que resulta da força das circunstâncias; mas quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos a tempos, um abalo físico e moral que o transforma”.*

**(O Livro dos Espíritos, questão 783).**

A perplexidade das mudanças, as solicitações de participação que decorrem do nosso tempo, parecem trazer profundas dúvidas quanto ao futuro da humanidade. Não são poucos os que conjecturam sobre o dia de amanhã do gênero humano, que em muitas ocasiões parece agir como um bloco inconsciente. A par disso, a explosão demográfica, a diversificação dos centros de decisão, o mecanismo das pressões econômicas e a agitação ideológica, marcam o compasso das transformações, dos conflitos, ao lado de procedimentos realmente lamentáveis, cristalizados em crimes coletivos, perpetrados por pessoas e grupos evidentemente desequilibrados.

Debalde procurou-se, nessa ciclópica reviravolta do comportamento humano, menosprezar os valores afetivos, as necessidades do indivíduo e a formulação das causas mais profundas do problema existencial. Muitos chegaram a julgar que seria possível relegar, sem traumatismos profundos, as bases criadas no indivíduo pela sua vivência reencarnatória. Embora quase ninguém enfoque a vida sob esse prisma de vidas sucessivas, o espiritismo oferece à psicologia, à sociologia e a outras ciências e artes correlatas, a concepção do homem como ser vivenciado em múltiplas experiências existenciais, mostrando que cada **presente** traz os prejuízos ou vantagens do **passado**, projetando as realidades sociais e pessoais das épocas e das pessoas.

Essa visão globalizante permite a análise da trajetória do homem sem exclamações intempestivas, mas com um otimismo equilibrado, segundo o qual, na sua condição de espírito imortal, certamente conseguirá superar os estágios de inferioridade moral, cultural e intelectual, criando, na continuidade do processo da Vida, condições de equilíbrio e harmonização, capazes de construir o futuro em bases de paz.

Diz mais o espiritismo, que essa construção cabe a cada um e a cada grupo social, porque embora o progresso seja inerente ao ser e inevitável, sua concretização não é automática, nem dispensa o esforço, a dedicação e a deliberada decisão de procurar-se objetivos definidos.

Os indivíduos procuram sair do estado de angústia em que se encontram, pedindo liberdade. Tentam estabelecer bases para um comportamento que exalte a dignidade da pessoa. Questionam contra as barreiras e discriminações raciais, nacionais, sociais, econômicas e sexuais. Em outras palavras, tentam criar um novo modelo pessoal e coletivo em que o indivíduo seja respeitado em sua dignidade através de condições socioeconômicas equitativas; que tenha liberdade de procurar seu destino e formular suas ideias, sem subjugá-lo ao império de grupos ou instituições.

Entretanto, a criação desse modelo pressupõe o suporte de infraestrutura capaz de absorver os impactos das diferenciações pessoais e promover a interação social. E isso é trabalho de reformulação básica a cargo da ideia religiosa. Não do trabalho de igrejas, nem de religiões, no seu sentido estreito e restrito. Mas de uma ideia religiosa, sustentada na pesquisa científica e na especulação filosófica. Sem essa conjugação, sem essa coordenação ideológica, faltará unidade fundamental, indispensável quando se pretende ter uma finalidade para a vida.

As realizações de todas as épocas cometeram o erro de cristalizarem seus princípios. Elas não se prepararam para acompanhar dinamicamente a progressão do espírito. Amarraram-se a fatores relativos, a concepções culturais localizadas no tempo e transformaram-nos em ordenações imutáveis. Conceberam a vida terrena como um fim e não como segmento existencial, dentro da dinâmica evolutiva.

Sobrevivem as reações inevitáveis. Deus, espírito, religião, entraram no roldão das coisas improváveis e desnecessárias. Ao exagero das afirmativas desprovidas de senso, contrapôs-se o exagero das negativas destituídas de razão.

Apegados ao fascínio das descobertas científicas que, ao contrário de desmontar o Universo, revelaram-no ainda mais complexo e belo, os teóricos materialistas afastaram o que tomaram como transcendental e impreciso para cultivar o que julgaram concreto e definido.

Essa posição extremista e até preconceituosa, conduziu a um lamentável negativismo. Pois, nem o espírito é um ser impreciso, uma nuvem não concreta como se supunha ser. O espírito é uma realidade tão desconhecida como o é o núcleo atômico: ambos se conhecem pelos efeitos. O espírito se concretiza nas expressões da inteligência e das emoções que dão consistência à sua vida e a base atômica da matéria se exprime nas múltiplas formas de apresentação dos elementos químicos e físicos.

Entretanto o desafio do pensamento materialista redundou numa negação dos valores éticos, por reduzir o homem a mero produto do meio, incapaz de superar os condicionamentos a que se vê condenado, sujeito à exploração inexorável das classes dominantes e sugado pelo mecanismo econômico da sociedade. Mesmo aqueles mais idealistas, que verificam os problemas de afirmação pessoal, os conflitos íntimos, as interações sociais, não conseguem equacionar satisfatoriamente a problemática do homem, por situarem seu campo de pesquisas no limites do binômio berço – túmulo.

## II

Temos então o conflito das teorias que perturbam o processo natural da aquisição dos valores morais, impondo uma visão distorcida das realidades físico-emotivo – espirituais das pessoas.

De um lado, os que propugnam por rebaixar as criaturas humanas ao nível animal, pretendendo que não se pode impedir, disciplinar ou controlar os instintos, porque são **naturais** e sendo em si mesmos amorais, não devem ser obstaculizados,

por representarem **necessidades** cuja repressão leva a conflitos íntimos e ao desequilíbrio emocional.

De outro, estão os que conseguiram criar uma falsa concepção de uso, transformando impulsos naturais em impulsos indignos. Criaram um modelo ascético, falsamente santificado, uma repressão das necessidades de afirmação do indivíduo, principalmente no setor da sexualidade. Transferindo de modo absoluto para o futuro a felicidade e malsinando a existência terrena, considerada indigna, fruto do pecado, queda do paraíso, portanto desprezível, essa concepção pretendeu nivelar os homens aos anjos, impondo-lhes comportamento contrário à sua realidade espiritual.

Temos, pois, os que pretendem que o homem seja um animal e os que querem que ele se comporte como um anjo. Essas posições extremadas esquecem que o o homem é simplesmente homem, isto é, suplantou o estágio animal e portanto não pode comportar-se como tal e ainda não é anjo e assim não sabe agir como ele.

Tanto a concepção materialista, quanto a espiritualista -convencional são finalistas em si mesmas. Para a primeira, o **fim** é o nada, a morte. Para a segunda, é a imortalidade estática, sem progresso, nem evolução. No primeiro caso, a descida ao nível animal é uma forma de usufruir, até o esgotamento, as energias vitais. No segundo, a subida ao nível dos anjos, por meio de macerações físicas e estereótipos comportamentais, é a garantia de um lugar na corte celestial, livrando-se das fogueiras infernais.

É fácil compreender que essas posições são falsas e a prova disso é que não satisfazem ao indivíduo. Só o bruto resiste, sem desfibrar-se, ao contínuo comércio das sensações primárias. A inteligência e a emotividade que desabrocham no indivíduo normal, rejeitam essa posição e aspiram a formas superiores de relacionamento.

Da mesma maneira, as pressões para impor um comportamento que conflita com as aspirações mais simples, naturais e salutares, com a finalidade de criar uma imagem de pureza, contrariam a expectativa das criaturas humanas, que desejam uma felicidade que decorre da naturalidade, da expansão dos ideais e da emotividade, sem essa tonalidade de frustração, de vazio, de tristeza que parece matizar a ideia do céu cristão.

### III

Esse conflito define o panorama da sociedade moderna e, naturalmente, refletiu-se no comportamento das pessoas, relativamente ao casamento. Então, desmoralizando o edifício das antigas afirmações sobre o mecanismo da existência, regida por ascendentes “divinos”, que estabeleciam critérios e caminhos sem consulta ou participação prévia dos próprios interessados, sobrou o apelo às necessidades primárias ou a princípios éticos vulneráveis, estatuídos à base de uma participação social heroica, facilmente sufocada pelo egoísmo humano.

É outra, entretanto, a ideia espírita. Segundo ela, o espírito imortal que atingiu o nível intelecto emotivo que denominamos humanidade, percorreu longo caminho de

aprendizado e automatização dos fatores instintivos, desde o eclodir das paixões mais violentas, do desejo de posse indiscriminado, até **sublimá-los** nos acordes da música ou das expressões artísticas superiores.

O instinto sexual nasceu de uma potencial necessidade de comunicação e de expansão da carga emotiva, transmudando-se, com a aquisição da razão e ingresso no plano hominal, nas alegrias da paternidade e da maternidade.

Não há, pois, porque desprezar os impulsos naturais, como também não se compreende por que não utilizá-los dentro de padrões que levem o indivíduo espiritual a uma contínua e constante apropriação de valores em que se realizem, na plenitude, suas aspirações estéticas e éticas.

Supomos que essa posição equilibrada corresponda às aspirações médias dos homens e mulheres que povoam este planeta. Quer dizer também, que no uso desses instrumentos, os espíritos se comprometem mutuamente. O relacionamento sexual não pode ser catalogado como um ato que se esgota em si mesmo. Na maioria dos casos ele se desdobra em resultados éticos indefinidos, que se expressam em cargas emotivas que vão desde o que conhecemos por amor, até as deflagrações doentias do ódio, do crime.

Essas considerações são importantes quando consideramos as realidades sociais que impõem, até certo ponto, um caminho pré-determinado para o indivíduo. Ou ainda, quando considerados os fatores reencarnacionistas, que estimulam a união de pessoas comprometidas em processos de reajustamento emocional.

Sem essa concepção, multiplicar-se-ão as tentativas da psicologia, da psiquiatria, dos conselheiros matrimoniais, dos sexólogos, dos orientadores em geral, procurando unir os fragmentos da família, motivar a unidade conjugal e dar sentido ao processo de educação dos filhos, nos núcleos familiares.

## IV

A família é um grupo, um conjunto de indivíduos que reagem constantemente uns sobre os outros, formando um universo que, por sua vez, interfere em outros universos e recebe influência destes. Entretanto, como vimos, seus membros permanecem como individualidades, com suas inclinações e princípios, não raro estratificados pelas experiências reencarnatórias, porque o indivíduo é, sempre, a somatória das experiências existenciais.

Aliás, o processo é cíclico. O que também explica a relativa coerência dos grupos sociais e a permanência de modelos por várias gerações. Antes, a estrutura mental das pessoas era mudada lentamente. E era comum a necessidade de se copiar atitudes de ancestrais, mantendo o **status** tradicional.

Nessas épocas, quando dois indivíduos se uniam para formar uma família, procuravam obedecer a critérios estratificados, que transmitiam aos descendentes, assim como tinham recebido dos antepassados. É claro que sempre havia alguma

mudança, no passar das gerações. Mas em muitos casos, essas mudanças não alteravam a essência das estruturas superpostas das relações familiares. Podemos, por exemplo, constatar o contínuo desgaste da figura paterna, as transformações econômicas que determinam as mudanças do conceito familiar. Não será difícil identificar na urbanização o golpe mortal na mentalidade agrária em que o estatuto familiar tinha conotações muito diferentes, tanto espacial, quanto afetivamente.

Todos os conceitos que antes davam sentido à vida familiar, encontram-se sob suspeita. Antigos fundamentos sobre a dignidade, respeitabilidade, que infundiam certa auréola à família perderam sua força. Nem mesmo a prole tem hoje o significado de afirmação. Ao contrário. Ter muitos filhos é considerado tolice e até falta de responsabilidade, porque a manutenção da família torna-se cada vez mais onerosa ou porque, para alguns, não se deve trazer tanta gente para “este vale de lágrimas” ou, ainda, o que é mais comum, poucos se sentem motivados a enfrentar o desafio e os problemas da criação dos filhos.

Lamentável é saber-se, ainda hoje, que muitos casais procriam para satisfação própria, até como fugo, sem dar à fecundação o sentido profundo de um ato de amor.

Entretanto, diante desse quadro confuso, inquieto e inquietante, como será o futuro?

O pensamento espírita sente-se à vontade diante das perspectivas do futuro. Essa posição é fruto da abertura existencial que a compreensão dos mecanismos da **vida** enseja, porque nem permanece no extremo de uma atitude passiva e irresponsável “tudo esperando de Deus”, nem desarvora-se em desesperada desilusão, perante os homens e mulheres que povoam os dois planos vibracionais deste mundo.

Reflete, sobretudo, o equilíbrio perante a realidade espiritual, o conceito evolucionista e os processos reencarnatórios, em que se funda a compreensão espírita da vida.

De um lado, a certeza da vitória final. De outro, a compreensão das dificuldades, da impossibilidade de fixar tempo, de estabelecer medidas, porque a construção do futuro se faz livremente, através da experiência e dos estímulos. Os atos correspondem a reações de outros atos, que estimulam reações, reajustes.

Sabe, porém, o espiritismo que a média da coletividade espiritual que reside neste planeta, atingiu um ponto em que as grandes opções se tornam inevitáveis. As experiências até aqui acumuladas, com todas as suas misérias e grandezas, encaminham o espírito para uma decisão que quebre o círculo de ferro das repetições, do egoísmo, das falsas concepções, das discriminações.

## V

Eis como podemos figurar o futuro da família humana e por consequência, o da sociedade, se conseguirmos superar positivamente os tempos de mudança em que vivemos.

1. As conquistas do espírito, renovando seus ideias diante da expectativa da vida global, que se abrirá como uma resposta a todas as ansiedades e angústias existenciais, evoluirão para uma posição mais equilibrada no campo emotivo. Esse deslocamento do centro de interesses fundamentais, ensejará a derrubada das barreiras egoístas e permitirá que as uniões conjugais sejam baseadas em fatores de simpatia, reduzindo-se o campo de atrito em que atualmente estagiam.

Esse princípio de amor, que se expandirá no tempo e na experiência, conduzirá a casamentos estáveis, embora não estáticos, fundados no respeito recíproco e na procura de posições de mútuo ajustamento emocional. Ainda que não se possa, a curto prazo, esperar por uniões perfeitas, pode-se aspirar, dentro de uma ótica universalista quanto aos fundamentos da **vida**, a que os casais se unam em bases de sinceridade e consciência dos valores, vivenciando-os.

2. Essa concepção, livre de penumbras e tortuosas maquinações passionais que ainda figuram na base de muitos compromissos matrimoniais, levará a uma nova dimensão no relacionamento familiar. Conceitos de direitos e deveres, conforto, doença e saúde, serão reavaliados, considerando a abertura existencial. Com isso, a vida em família ganhará novo sentido porque os filhos serão elevados à condição de companheiros e não mais produto dos pais, o que eliminará muitos conflitos decorrentes do desprezo pela sua personalidade e pela superproteção a alguns e desinteresses por outros. Dentro desta dinâmica, é possível esperar a absorção de grande parte dos problemas de ajustamento.
3. O indivíduo que nascer num lar assim estruturado terá maiores chances de erguer-se em bases equilibradas, porque também as condições sociais então vigentes garantirão a todos uma infraestrutura habitacional, educacional e sanitária suficiente para proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades. Pelo menos a maioria terá condições psicológicas para aprender a absorver a problemática, existencial, diminuindo, em consequência, o número de doentes mentais, de crianças excepcionais e portadores de defeitos congênitos.

O nivelamento das oportunidade e do usufruto dos fatores econômicos, será acompanhado, nesse caso, da abertura dos horizontes espirituais, o que garantirá a dinâmica da vida terrena, sem os desvios do tédio e o agravamento da angústia existencial. Nessas condições, o convívio familiar será gratificante, embora não despovoado de problemas. Por muito tempo, ainda, os desequilíbrios acumulados nos segmentos existenciais e das realidades do aprendizado, mostrarão as dificuldades e as deficiências do contingente espiritual que compões a população física e extrafísica da Terra.

Mas, encaramos o início de uma etapa em que o enfoque da problemática humana ganhará sentido objetivo. As bases educacionais, por exemplo, terão o sustentáculo da precisão científica e se expandirão pela pesquisa constante de novos valores e pela determinação de leis que ampliem o conhecimento. Entretanto, fluirão

em conceitos filosóficos desvinculados do imediatismo e tenderão a enfatizar o dinamismo existencial em termos de imortalidade – evolução – reencarnação, abrindo possibilidade de entendimento amplificado sobre todas as manifestações do espírito.

Esse tempo não corresponde, sob nenhum disfarce, a uma fantasia nirvânica, sem problemas, esforços e dificuldades. Porque nem uma ampla aceitação do intercâmbio mediúnico permitirá revelações que eliminem a pesquisa científica e a procura da verdade no plano terreno. A mediunidade estabelecerá apenas um grande elo de comunicação, confraternizando com os espíritos humanos em dois planos de vibração, numa jornada de recíproco auxílio.

Coroando essa conjugação de pesquisas e conhecimento, o sentido religioso dará ao homem não apenas a justificativa para a vida, mas seu embasamento moral, libertando-o para o pleno desenvolvimento do seu potencial.

A criatura humana compreenderá que é espírito, em essência, e que sua evolução compreende, primeiro o desabrochar desordenado da paixão, depois o desenvolvimento da inteligência a fim de selecionar e comandar seu mundo emotivo e, finalmente, a expressão plena de sua potencialidade, através do exercício permanente do amor-sabedoria e da sabedoria-amor, onde o equilíbrio da compreensão e do entendimento darão condições para a síntese suprema da absorção das causas primárias das coisas.

4. Como consequência dessa diretriz renovada, as uniões matrimoniais não terão efeito de quebra-luz das personalidades, mas de estimuladoras da criatividade. O casamento erguido à condição de experiência de dignificação do espírito, não será mais o compartimento passional em que os conflitos nascem dos choques do egoísmo recíproco. A mulher, libertada das limitações que a sociedade lhe impôs, dará plenitude à feminilidade. Ascendendo à posição de **espírito em corpo feminino**, desempenhará suas funções, num processo dinâmico de participação vertical no complexo da existência, enquanto o homem, aliviado do ônus do machismo inconsequente e canalizando de forma amadurecida o potencial de masculinidade que lhe é inerente, será o companheiro que nivela a esposa e a ela se nivela, em conceitos de recíproca dignidade. Então, o encontro do casamento será a oportunidade de somar esforços na direção social e humana, não se compreendendo, nessa projeção do futuro, que a **função feminilidade** seja confundida com **função doméstica**, enquanto significar atividades rotineiras e bitolantes. Da mesma forma, a **função masculinidade**, não será sinônimo de **função machismo**, que corrompe a natureza do espírito: o homem será chamado **espírito – em – corpo – masculino**.

Essa nova concepção humana será a base para promover integral satisfação aos cônjuges, ligados por laços muito mais fortes que a simples coabitação sexual.

5. O Lar, dentro dessa perspectiva, será o **ponto de encontro** e não lugar apartado, e, não raro, como agora, palco de dramas. Essa característica não lhe retirará o encanto e o conforto. Ao contrário. Fundamentado na compensação vibracional e sustentado pelo dinamismo de uma concepção existencial que se amplia constantemente, guardará intraduzíveis expressões de carinho e elevação e

dispondo de recursos adequados, terá a expressão de núcleo capaz de agasalhar, consolar e educar em termos de profundidade humana.

Podemos figurar nele a família estruturada em bases de compreensão mais ampla de diálogo racionalmente compensador, pois então serão levadas em conta realidades atualmente desprezadas no comportamento pessoal e dos grupos. É possível supor que o relacionamento desse núcleo renovado comportará um nivelamento real de pais e filhos, com a consciente disposição de construir soluções que decorram da participação de todos na decisão dos destinos de cada um.

É saboroso pensar num grupo familiar que se apoiará em relações saudáveis, desprovidas de nuances passionais que marcam o procedimento das pessoas, atualmente. E então, marido e mulher não representarão pontos hierárquicos na economia doméstica, mas expressões conjugadas de personalidades distintas em consciente associação. Por seu lado, os filhos, amados talvez ainda mais intensamente, não serão tomados pelos pais na conta de estranhas, divertidas, problemáticos atores de um desprezível drama chamado vida.

Assim como o homem e a mulher serão chamados espíritos, os filhos ascenderão à categoria de criaturas com individualidade inalienável e personalidade em mutação, suscetíveis e necessitados de influência positiva, direção segura e instrução adequada, para se educarem em conceitos e aspirações que permitam, no tempo, sua plena realização humana.

6. Em tal condição podemos supor para um futuro bem mais remoto novas dimensões para o relacionamento sexual entre os cônjuges, pela transferência do prazer das zonas exclusivamente físicas, para uma compensação mais abrangente no cosmo emotivo. A maternidade e a paternidade conhecerão novos horizontes e se exprimirão no campo da emoção pura, porque o amor se transformará em alegrias profundas para a criança, sem a fixação da necessidade de ter vindo das entranhas, mas penetrará o coração materno com o suporte da paternidade treinada para servir e amar. Dentro desse esquema, podemos até pensar na transferência da procriação para laboratórios, sem que isso venha a alterar substancialmente o quadro da harmonia doméstica.

Sabemos que essa possibilidade encontra dificuldades muito grandes para ser concebida, porque é difícil desvincular as realidades do nosso entendimento atual para uma estrutura que contraria os conceitos em que fundamentamos nossa concepção de família, maternidade e paternidade. Ainda e por muito tempo, ver crescer no ventre o futuro filho, será condição necessária, mas nem sempre suficiente, para que o amor se manifeste. Os pais adotivos que recebem com verdadeiro amor o filho gerado em ventre alheio talvez sejam os pioneiros de um plano de compreensão mais ampla nesse setor.

Por isso é justo pensar que sendo os nascimentos baseados, quanto à natureza do espírito, na lei da afinidade, esse futuro nos ofereça oportunidade para as famílias serem constituídas tão somente de espíritos simpáticos, unidos pelos laços do amor, de ideais ou pelo menos entrelaçados espiritualmente em processos de santificação da **vida**, mesmo que à custa de resgates dolorosos. Então, dentro dessa ótica, embora não

nascidos de um ventre físico, os filhos terão o amor que flui de espírito para espírito, iluminado pela certeza da continuidade do processo evolutivo.

Teremos alcançado, dessa forma, um patamar ainda impossível de formular-se claramente, mas capaz de ser percebido pela inteligência, onde o relacionamento sexual ascenderá a níveis de satisfação plena, mesmo que abandonado gradativamente seu aspecto meramente físico.

## VI

Tais são as perspectivas que nos parecem possíveis para o futuro. Ao escrevê-las, sentimo-nos como um visionário diante dos olhos incrédulos de possíveis ouvintes ... Não será difícil identificar uma ponta de sarcasmo em alguns e o balançar da cabeça de outros, penalizados com essa possível ingenuidade.

Permitindo-nos lembrar, sem qualquer similitude de posição pessoal, é claro, que a construção de novos horizontes para a humanidade foi recebida como impossível, quando não, obra da loucura, em todas as épocas. Quando o apóstolo Paulo discursava diante de Herodes Agripa sobre as bases da mensagem do Cristo, o monarca, assustado e incrédulo apenas disse: “Saulo, Saulo, as muitas letras te enlouquecem”. Quando Jesus disse que era a luz do mundo, na distante e desprezível província da Judéia, ninguém poderia supor que sua figura se projetasse sobre os séculos como resposta às inquietações humanas.

É difícil imaginar formas de comportamento que não compreendam a proeminência pessoal, o fastígio da supremacia. Milhões estamos no ciclo da afirmação da vaidade, da necessidade de destaque pessoal. Sabemos, contudo, que isso sim é uma posição ingênua, pois nenhuma felicidade pode ser real, duradora e perfeita, enquanto compreender a hegemonia de uns sobre os outros, enquanto tolerar o arbítrio do forte e existir o fraco.

As cadeias de interdependência que se mostram tão visíveis nos problemas das relações interpessoais, na procura do amor, em seus vários níveis, são uma mostra da imensa sucessão de elos que disciplinam o encaminhamento final do drama evolutivo.

Somente a vitória do amor, absorvendo as potências do egoísmo, permitirá a felicidade de cada um, e, como consequência, a de todos. Ora, se somos espíritos imortais e haveremos, pois, de viver sempre e, ainda mais, se dispomos de recursos e instrumentos de experimentação, aprendizagem, crescimento, por que descrever dessa possibilidade?

O que sabemos, desde já, é que alguns espíritos, alguns casais, se encontram em pleno exercício desse futuro, embora as dificuldades do momento. A força de tais exemplos e as necessidades que emergem constantemente de cada pessoa, neste mundo, serão os fatores preponderantes na consecução desse objetivo maior.

Como, entretanto, o processo não pode ser medido em tempo, nem retardado a pretexto de inoportuno, que cada um comece agora a semear o futuro.

# 11

## Créditos – Amor, Casamento & Família, 25 anos depois

Jornal Abertura - novembro de 2002

Jaci Régis, autor do livro Amor, Casamento & Família, editado pela Licespe e ICKS foi o orador da abertura da Expoespírita 2002, na sexta-feira, dia 18.

Diante da plateia que lotou o auditório do ICKS. O orador falou das mudanças ocorridas no pensamento social nesses vinte e cinco anos, desde o lançamento do livro.

Segundo ele, foram impressas 12 edições, num total de 43.000 livros que, teriam sido lidos, aproximadamente por 80.000 pessoas. Damos a seguir uma súmula dos itens tratados.

**O livro 25 anos depois** – Ele continua atual na sua estrutura de pensamento, porque a doutrina sempre teve uma diretriz muito aberta e compreensiva para os problemas humanos. Mas 25 anos depois mudei eu, mudou o mundo, a sociedade. Muitos já cresceram nesse clima de mudança e incerteza. Outros vivenciaram as mudanças, às vezes perplexos, às vezes descrentes. O apelo que se faz para tornar o casamento e a família instrumentos mais eficazes diante dos problemas da juventude por exemplo e as necessidades de mudança nas relações internas das pessoas.

**AMOR** – O que mudou? Na essência nada, porque o amor continua sendo, como a mil anos atrás, um sentimento muito procurado e de difícil compreensão. Estamos, todavia, num momento de grande individualismo. Isso é bom e é mau.

Bom, no sentido de que o ser humano se recupera como indivíduo importante. Antes era um ser para o futuro, além da morte ou um ser para a morte, na filosofia existencialista. Todavia é mau se significar um “olhar para o umbigo” um crescimento do egoísmo. Mau porque o egoísmo é uma atitude burra, isola, afasta e torna a pessoa

infeliz. Amar a si mesmo é bom, mas só se completa no amor ao outro, na troca, na reciprocidade.

**CASAMENTO** – houve grande mudança na essência do casamento: 1° - acelerou a dessacralização do casamento; 2° - o objetivo mudou e continuará mudando. Principalmente porque um dos parceiros, a mulher, tem tido uma ascensão contínua no mercado de trabalho, na autoeducação, de modo que o casamento já não é um caminho único para que a mulher passasse de ser sustentada pelo pai, para ser sustentada pelo marido. Essa nova posição acentua a igualdade e elimina desníveis e subordinação. Essa reciprocidade evoluirá para parcerias mais positivas.

As uniões espontâneas, sem vínculo jurídico, se avolumam, o que não impede que o casamento legal continue sendo a meta. Mas o que se pode observar é que agora, mais do que antes, as pessoas tendem a encontrar o amor no casamento, o que não era comum. No novo horizonte do casamento, além dessa base afetiva peculiar, os casais são levados a fazer projetos recíprocos e parcerias positivas para a convivência.

O casamento significa união estável, tanto emocional quanto sexual.

**FAMÍLIA** – o que mudou? Famílias menores, famílias dirigidas por mulheres, famílias carentes. Os apelos do momento, a juventude, as drogas, o sexo precipitado. A questão do diálogo poderia ser melhor?

#### **AS MUDANÇAS PESSOAIS**

Jaci referiu-se às mudanças de seu pensamento, após tornar-se psicólogo. Ele disse que o psicólogo aprende a não julgar. A acompanhar os problemas das pessoas sem uma visão pessoal, de crença ou de filosofia. Cada pessoa trás sua bagagem e o profissional precisa entendê-la, para ajudá-la.

Por fim, relendo o livro, afirmou que a leitura mais afetiva e mais abrangente pode ser feita sem alterar a base espírita, ainda hoje muito avançada para certos setores doutrinários e que no lançamento recebeu fortes críticas.

Ele também comentou que seu livro não faz parte das relações de cursos e palestras sobre o amor, casamento e família, promovidas pelo movimento espírita em geral, preterido pelos autores que mantem uma forma conservadora e extremamente moralista, de olhar os problemas humanos.

## Sobre o ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos

Nosso e-mail [ickardecista1@terra.com.br](mailto:ickardecista1@terra.com.br),

Telefone de contato (13) 32842918.

Endereço: Rua Evaristo da Veiga 211/213 – Santos –SP.

O ICKS foi fundado em 3 de outubro de 1999, por Jaci Regis, é uma instituição cultural criada para divulgar a Doutrina Kardecista. A Doutrina Kardecista é a designação de um segmento que encara o legado do Espiritismo, como um processo dinâmico de compreensão dos problemas humanos, sem conotações místico-religiosas.

O pensamento não se cristaliza, se expande, mas permanece ligado ao autor inicial. Por isso, o pensamento de Allan Kardec, seja atualizado, mantido ou refletido estará sempre na base da Doutrina Kardecista. Pretendemos, com modificações e inovações, manter vivo, contemporâneo e atualizado o pensamento de Allan Kardec.

O ICKS publica mensalmente o jornal digital ABERTURA e edita livros. O ICKS é associado à CEPA – Confederação Espírita Internacional.

## Livraria virtual do ICKS

Temos diversos livros impressos à disposição de nossos leitores, como pode ser visto aqui, entrem em contato pelo e-mail: [-ickardecista1@terra.com.br](mailto:-ickardecista1@terra.com.br) .

### Livros do ICKS a venda pela nossa Livraria virtual

Novo Pensar – Deus Homem e Mundo	Jaci Régis
Uma Nova Visão Do Homem e do Mundo	Jaci Régis
Comportamento Espírita – português	Jaci Régis
Comportamento Espírita – espanhol	Jaci Régis
A delicada Questão do Sexo e do Amor	Jaci Régis
Caminhos da Liberdade	Jaci Régis
A Mulher na Dimensão Espírita	Jaci Régis e outros.
Romance – Muralhas do Passado	Jaci Régis
Caderno – Doutrina Kardecista Modelo Conceitual	Jaci Régis
Caderno Cultural -Reencarnação	ICKS
CDs e Anais dos Simpósios -SBPEs	ICKS
Kadu e o Espírito Imortal (juvenil)	Cláudia Régis
Desafios do Kadu (coquetel)	Cláudia Régis

Se houver interesse em algum de nossos livros basta enviar um e-mail ao [ickardecista1@terra.com.br](mailto:ickardecista1@terra.com.br) – para entregas no Brasil não cobramos o frete.

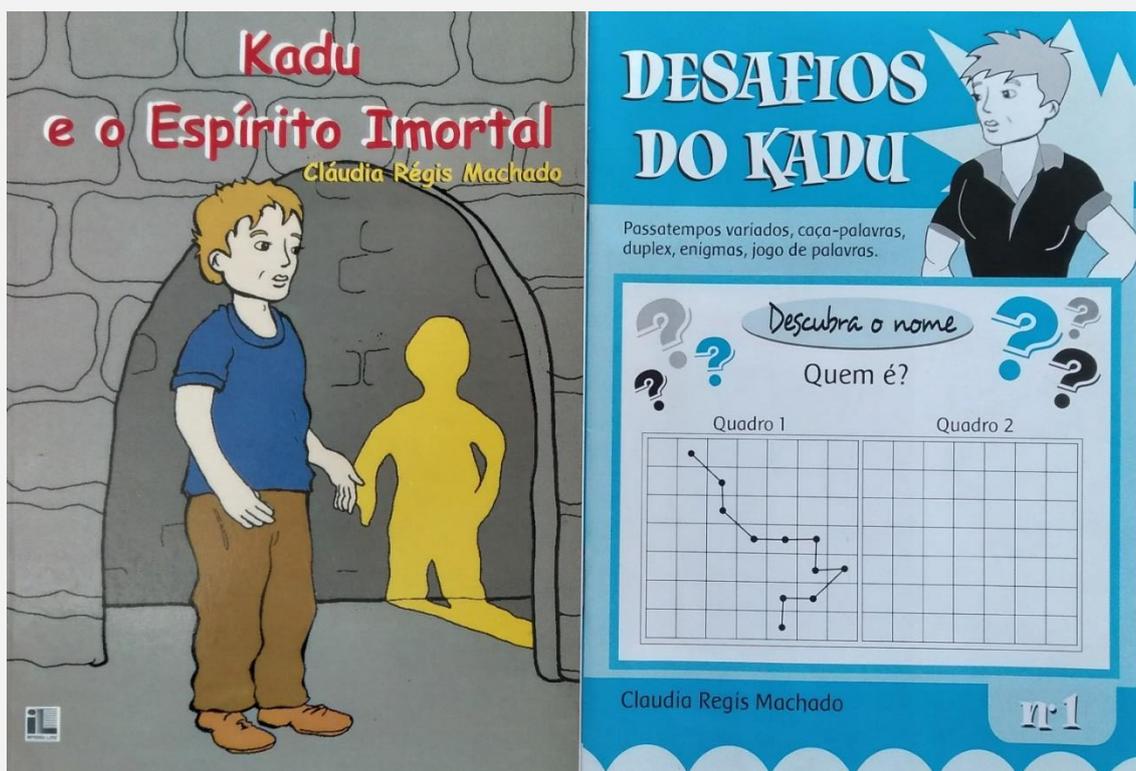
## Livros de Jaci Régis

**Jaci Régis** – Economista, Jornalista e Psicólogo, fundador do ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos e do Jornal Abertura, desencarnado em dezembro de 2010. Autor de vários livros, como pode ser visto ao final deste livro. Foi Presidente do Centro Espírita Allan Kardec e da Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda ambas as casas espíritas de Santos.



## Livros de Cláudia Régis Machado

**Cláudia Régis Machado** – Psicóloga, membro da diretoria do ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos, autora dos Livros – *Kadu e o Espírito Imortal* e *Desafios do Kadu*, livros de interesse aos jovens espíritas.





# Jornal Abertura

Jornal fundado em abril de 1987, produzido pelo ICKS.



Atualmente o Jornal Abertura só existe na forma digital. Para acessar as edições online, no site da CEPA – Associação Espírita Internacional



Aberturas 2023:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/31-jornal-abertura-2023>

Aberturas 2022:

<https://cepainternacional.org/site/pt/component/phocadownload/category/22-jornal-abertura-2022>

Aberturas 2021:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/20-jornal-abertura-2021>

Aberturas 2020:

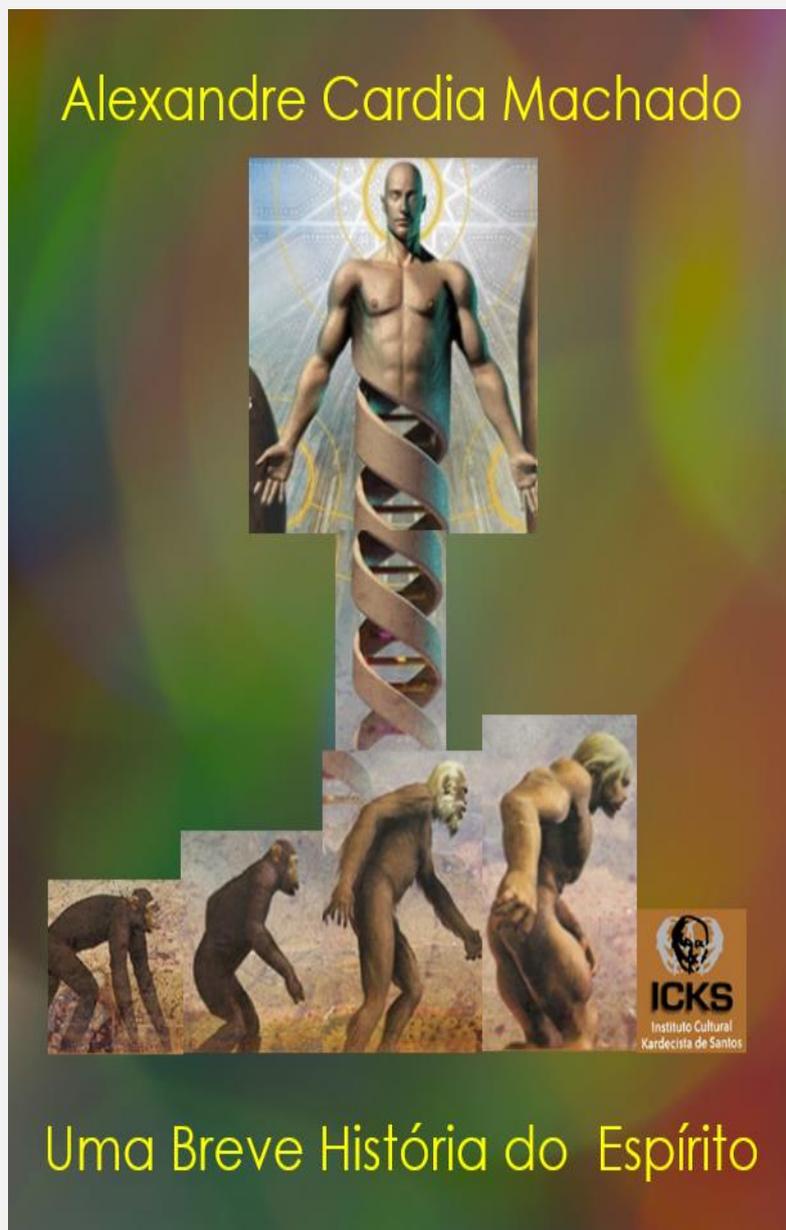
<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/26-jornal-abertura-2020>

Aberturas 2019:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/28-jornal-abertura-2019>

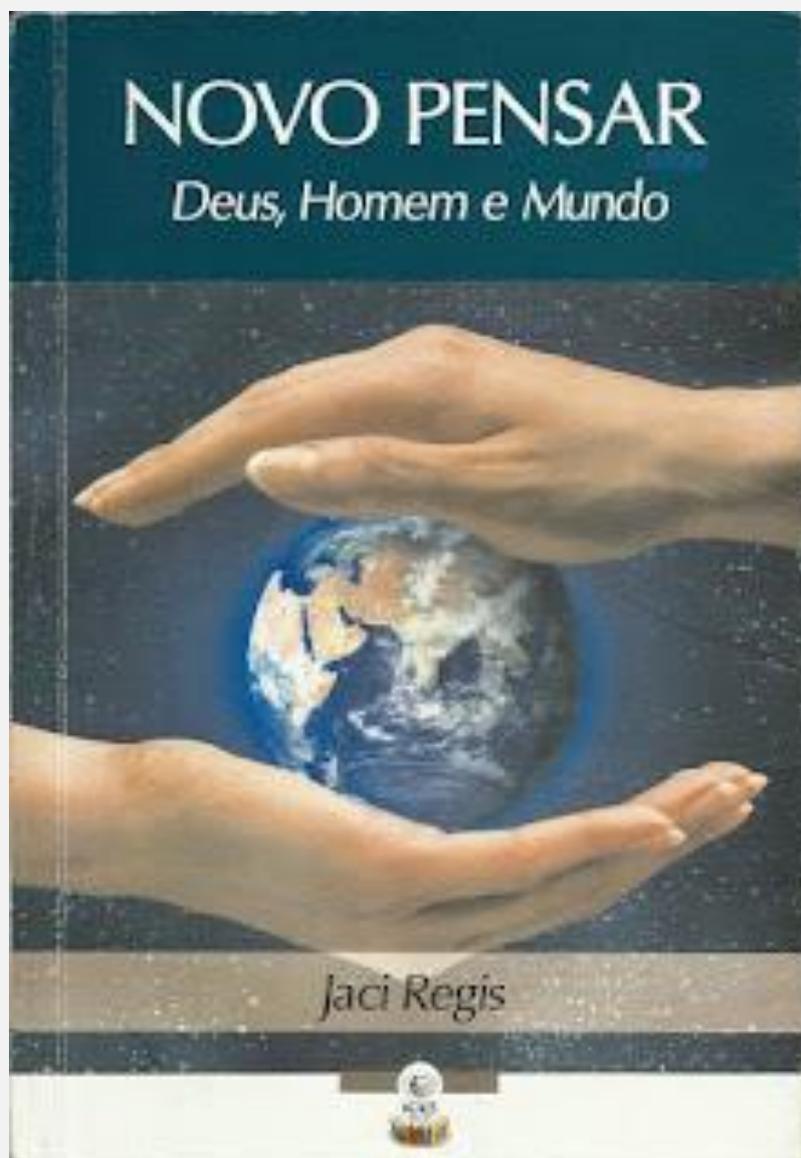
## Série literária - Abrindo a Mente

Ebook 1 - Uma Breve história do Espírito de Alexandre Cardia Machado



<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=200:uma-breve-historia-do-espírito-alexandre-cardia-machado>

**Ebook 2 – Novo Pensar sobre Deus, Homem e o Mundo de Jaci Régis**



<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=223:novo-pensar-deus-homem-e-mundo>

**Ebook 3 – Amor, Casamento & Família de Jaci Régis**

## Sobre o Autor - Jaci Régis



### Jaci Régis – palestra no CEAK Santos – Centro Espírita Allan Kardec

” No XII SBPE, o ICKS fez uma homenagem a ele, de uma forma que traduz muito bem: “naquela mesa está faltando ele, e a saudade dele tá doendo ...” só quem conviveu pode entender o significado desta falta. Jaci estava envolvido, ou melhor, comprometido com uma dezena de atividades e a sua desencarnação nos provou que sua liderança era chave para o sucesso que o “Grupo de Santos” ensejava. Da mesma forma que na natureza como no caso das florestas tropicais, quando uma árvore enorme é derrubada, pela característica da imortalidade dinâmica, outras árvores ocuparão o seu espaço, mas isto leva tempo.

Mais uma vez irei recorrer a amigo Ademar Arthur Chioro dos Reis, seu biógrafo, onde buscarei detalhes importantes sobre a multiplicidade que representou a vida deste grande espírita.

A seguir escreveremos sobre a sua vida de uma maneira geral como muito bem resume Ademar, (o que está em parêntesis é minha contribuição adicional) Jaci “Trabalhou durante 30 anos, até aposentar-se, na Refinaria Presidente Bernardes - Petrobrás, chegando a cargos de chefia de departamentos.

Formou-se em Economia (tendo inclusive dado aula de Macroeconomia na Faculdade de Ciências Econômicas São Leopoldo em Santos), Jornalismo (chegou a ter um jornal em Cubatão) e Psicologia. Freudiano assumido, era psicólogo clínico (exercendo esta profissão por mais de 30 anos) e até o seu desencarne exercia intensa atividade profissional, que influenciou decisivamente para que se dedicasse a abordagem de temas relacionados ao comportamento humano, a sexualidade, a família, a personalidade humana e suas relações com os problemas afetivos e psíquicos.

“Desenvolveu, ao longo da década de 90 do século passado, uma teoria a que denominou Espiritossomática, procurando estabelecer pontos de confluência e a construção de uma práxis terapêutica a partir das contribuições doutrinárias do Espiritismo e de outras áreas da Psicologia, em particular a psicanálise”.

“Era expositor e autor que fazia (e continuará fazendo) muito sucesso entre os jovens e espíritas livres-pensadores, desprovidos de preconceitos, tocados pelos argumentos e pela abordagem moderna, aberta, fundamentada e consistente com quem lidava com os mais diversos temas doutrinários e problemas humanos. Um autor que possuía um estilo peculiar, de reconhecida competência”.

“Sua pena produzia há décadas ensaios e crônicas, publicadas em jornais e livros, de rara sensibilidade e ternura, que tocam as mais profundas fímbrias de nossos corações e mentes. Um texto sensível e criativo, sem que recorresse à mesmice que caracteriza a literatura espírita. Ao mesmo tempo, era capaz de produzir artigos, trabalhos, textos e livros de cunho doutrinários que se constituíram em verdadeiros clássicos da literatura espírita contemporânea, indispensáveis aos estudiosos da Doutrina Espírita. Desenvolveu uma linha de raciocínio e argumentação extremamente fundamentada e consistente, a partir dos postulados de Kardec – que conhecia como poucos.”

Algo que poucos sabem, neste seu jornal de Cubatão, Jaci, como era o seu caráter fez críticas a algumas “coisas estranhas” que ocorriam em Cubatão, durante o período de exceção, bem, Jaci Régis foi chamado e fichado no DOPS (Departamento de Ordem e Política Social). Foi então advertido a escrever com mais cuidado por aquele órgão de repressão. Jaci sabidamente não era uma pessoa de esquerda, foco principal do DOPS. Mas fica aqui a lembrança de que em regimes totalitários, sem liberdade, qualquer cidadão, com qualquer ideologia, está sempre correndo riscos.

Reconhecimentos:

Jaci Régis tanto em vida, como após a sua morte, recebeu várias homenagens e reconhecimentos, este jornal sob sua batuta, for premiado pela ABRAJE – Associação Brasileira de Jornalistas Espíritas como o melhor jornal espírita. Igualmente muita satisfação ele obteve ao receber o Prêmio Bem Eficiente pelo Lar Veneranda em sua primeira edição.

Stephen Kanitz, Administrador por Harvard, criou o Prêmio Bem Eficiente em 1994, com o objetivo de reconhecer o trabalho e dedicação de dirigentes e voluntários sociais deste país, que lutam com cada vez menos recursos, donativos e incentivos sociais para continuar ajudando os outros, a Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda recebeu este prêmio, para concorrer era necessário apresentar um relatório baseado no Plano Nacional de Qualidade.

**Para saber mais:** Jaci Régis biografia e vida - por Ademair Arthur Chioro dos Reis, edição completa.



[Biografia de Jaci Regis -blog do ICKS](#)